



**A Guardiã  
de Desterro:**  
histórias do Morro do Mocotó

Juliana Naime Ferrari



Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Ferrari, Juliana Naime

A Guardiã de Desterro : histórias do Morro do Mocotó /  
Juliana Naime Ferrari ; orientadora, Valentina Da Silva  
Silva, 2023.

125 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Comunicação e Expressão, Graduação em Jornalismo,  
Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Jornalismo Literário. 3. Livro  
reportagem. 4. Jornalismo Comunitário. 5. Morro do Mocotó.  
I. Silva, Valentina Da Silva . II. Universidade Federal de  
Santa Catarina. Graduação em Jornalismo. III. Título.

**A Guardiã de Desterro:**  
histórias do Morro do Mocotó

“e vá alguém saber  
quanta coisa se fala numa cidade  
quantas vozes  
resvalam por esse intrincado labirinto  
de paredes e quartos e saguões,  
de banheiros, de pátios, de quintais  
vazes  
entre muros e plantas,  
risos  
que duram um segundo e se apagam”

Ferreira Gullar

## Sumário

<b>Introdução</b>	<b>6</b>
<b>I</b>	<b>8</b>
<b>“Traz aquele menino de olho azul pra mim!”</b>	<b>14</b>
<b>II</b>	<b>26</b>
<b>“Sobe aqui pra tu ver”</b>	<b>35</b>
<b>III</b>	<b>47</b>
<b>“Aqui eu tô perto de Deus”</b>	<b>57</b>
<b>IV</b>	<b>68</b>
<b>“Como se eu estivesse num castelo, repleto de reis e rainhas”</b>	<b>83</b>
<b>V</b>	<b>95</b>
<b>VI</b>	<b>104</b>
<b>Receita de Mocotó da Dona Dete</b>	<b>117</b>
<b>Carta aberta ao Morro</b>	<b>118</b>
<b>Lista de entrevistados</b>	<b>124</b>

## Introdução

*Quem chega em Florianópolis, logo consegue te ver. És parte importante daquela imensa montanha que circunda e protege o centro da cidade, o conhecido Maciço do Morro da Cruz. És quem guarda a ponta central insular mais extrema. Espectadora do crescimento de uma cidade inteira e protetora das águas do centro. És a quem foi furada a barriga com um túnel, o Antonieta de Barros, batizado com o nome da ilustre professora e deputada. És quem assistiu de camarote, mesmo sem ser consultada, a construção das grandes e transformadoras obras. És quem as imagens oficiais do século XX te guardam como grande vizinha do Imperial Hospital de Caridade e Hospital da Guarnição. És parte do berço da civilização manezinha. A base e o alimento. A estrutura e a família. E a produção cultural de um rico e ancestral conhecimento. És tu, Morro do Mocotó.*

Nestas páginas que se seguem, ao estilo de uma grande reportagem literária, existem dois tipos de narrativas que se entrelaçam e se completam: um diálogo fictício que perpassa o livro e se desenvolve com uma entidade-personagem, o “Morro do Mocotó”, quem atravessou o território e a formação da cidade, quem observou as transformações sociais e estruturais e fala das histórias antigas pertencentes ao patrimônio histórico e cultural da capital do Estado de Santa Catarina - as quais, com outro tom e outras cores, foram tema de entrevistas com pesquisadores e especialistas realizadas para este livro. E há, além deste diálogo, perfis de cinco moradores da comunidade, em uma narrativa que revela suas vivências nessa localidade que, na pele e no coração, poucas pessoas conhecem.

As histórias que os cinco contaram pertencem às suas próprias verdades. Nestes capítulos específicos, portanto, não houve intenção de checar a veracidade de seus relatos. São versões das histórias pessoais de cada um, atravessadas e costuradas pelo olhar da repórter. A intenção é a de honrar suas narrativas e deixar que seus autores falem de suas próprias vidas. Assim, mantiveram-se neste livro detalhes reveladores de suas personalidades, sem julgamentos, intervenções e investigação. Mantiveram-se também os traços de oralidade que caracterizam suas falas, mesmo com erros de português e as opiniões de cada um. São eles os perfilados: Ricardo, percussionista-professor e hoje comandante do maior barco atracado na Ilha. Luiza e Paulo, um casal que teve o morro como testemunha de sua paixão e desafios de vida. Dona Dete, uma enciclopédia viva de ancestralidade e sabedoria. E Moisés, um jovem ativista de fora da cidade que foi abraçado pela comunidade.

Ao percorrer estas páginas, os leitores poderão conhecer também parte da minha personalidade. Ao conversar com o “Morro” e ao entrevistar seus moradores, não houve, em momento algum, a intenção de me isentar da experiência de viver esses momentos. É possível encontrar a repórter em cada uma destas histórias. Estou presente nas escolhas, nas perguntas, nos títulos, no entrelaçamento de narrativas, nos textos todos.

Quando escrevo *“Sobe aqui para ver”* é também *“Como se eu estivesse num castelo, repleto de reis e rainhas”*. É como dizer que quando *“[Aqui] tô mais perto de Deus”*, estou também perto das grandes protetoras dessa comunidade que tanto abençoa e forma cidadãos. Ao longo do meu trabalho como jornalista, acabei sendo presenteada com um morro que *“Traz esse menino para mim”* e, assim, me entrega o que há de mais rico em seus filhos: sua origem e sua história, que me compõem em mãos o próprio Morro do Mocotó.

Se fosse possível pedir algo a quem mergulha nestas páginas, pediria aos leitores que se isentassem de seus preceitos e preconceitos. Que lessem este livro como um retrato, uma foto que foi feita no momento exato e perfeito, um texto que reporta a vivência de uma periferia e faz uma tentativa de entregar o microfone para que suas vozes sejam ouvidas-escritas, mesmo quando é necessário criá-las. Há uma ludicidade traçando o trabalho investigativo enquanto há uma poesia em cada fato verídico narrado.

Bem, como se observa quando se está lá, em meio ao Morro, as panelas já foram para o fogo, então, ‘bora’ fazer um mocotó?



“Saravá prá vovó Catarina  
que é dona da gira do meu terreiro  
Saravá prá vovó Catarina  
e todas as almas do cativeiro (bis)  
A vovó Catarina do Congo é  
A vovó Catarina vai mostrar  
Prá vovó Catarina  
que os filhos de umbanda vão saravar(bis)”

- Saravá pra Vovó Catarina - Ponto de preta-velha

Era final de tarde em meados de novembro de 2021. Eu me encontraria com uma colega do Curso de Jornalismo, Klay, no Terminal Integrado do Centro (TICEN), em Florianópolis, para pegarmos a linha chamada Morro da Queimada. A proposta era simples: iríamos conhecer o projeto Grupo Mittos, de dança africana e percussão. Os meninos tocam percussão duas vezes por semana neste projeto que tem mais de 25 anos. Os instrumentos são produzidos por eles mesmos com material reciclável. Naquele início de noite, conseguiríamos tanto assisti-los tocar, como ver as meninas dançarem.

A segunda vez que conheci o Morro do Mocotó, localizado no Maciço do Morro da Cruz, no centro da cidade, em carne e osso, foi assim. Na primeira, uma semana antes deste dia, entrei pela Rua 13 de Maio - via principal que corta parte da comunidade -, para um encontro com mães e pais moradores da localidade, para conversar sobre violência policial, como voluntária do projeto de extensão “Jornalismo e Ação Comunitária” (JAC), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Era irônico. Subimos pela rua que é batizada com a data do dia da assinatura da Abolição da Escravatura brasileira e pela qual a maioria dos carros de choque da Polícia Militar sobem o morro. A região já era conhecida há mais de um século como Largo 13 de Maio. Só faltava àquelas pessoas a equidade e a liberdade que também há séculos lhes era prometida. Eu estava entrando no local em busca de ouvir e observar o luto de um racismo penetrado, estrutural, enquanto eu subia pela Rua da Liberdade, endividada.

Quando se adentra o Mocotó, há uma pulsação que corre pelas vielas do bairro num turbilhão de barulhos e cheiros. Uma mistura de calçamentos arranjados, há ruas com

restos de papelão e madeira, ruelas com cantos de cimento mais antigos e outros novos, notável pela diferença na coloração. E água. Muita água. Havia chovido nas últimas semanas e o cheiro da umidade era perceptível. Crianças brincando de correr gritam, homens sentados em um barzinho nos observam, mulheres cozinhando em suas casas e o vapor saindo pela janela da frente. Existe um espírito coletivo que circunda a comunidade e que não havia no meu bairro nobre que vivi toda minha vida: o senso de vizinhança. Não me parecia haver ali violência, por mais que estivesse indo até lá por essa razão. Havia um ar de paz. As pessoas me diziam “Oi”, mesmo eu tendo certeza de que estava escrito na minha testa que eu não pertencia àquele lugar. Saí da minha pequena, mas fortemente enraizada, bolha de classe média alta católica-espírita e branca, descendente de árabes e europeus e filha de gaúchos que buscaram uma nova vida em Florianópolis, há 30 anos. E no Mocotó, lembro-me dessa primeira sensação de alegria que me percorreu ao perceber o quanto havia coletividade e riqueza nessas interações, muito diferentes do lugar de onde eu vim. São cumprimentos atrás de cumprimentos. As pessoas se percebem. Há *vida* ali. Elas se encontram nas esquinas das vias para puxar um assunto curto antes de seguir seus destinos. Vivem em comunidade, literalmente.

Continuei subindo até este encontro com as mães. As pernas já cansadas e o pulmão sem fôlego. Os sons interagem entre si até que minha atenção de repente se dispersou. Então, me dei conta: mesmo apenas há poucos minutos ali, eu já estava fazendo parte daquela vibração. Desse pulso que movimenta o morro. E que é o próprio Morro.

Neste segundo dia que fui até o bairro, quando entrei na Linha 765, percebi que era um horário de pico, porque o ônibus estava lotado. Por ser um pouco depois das 18h, acredito que a maioria dos passageiros era de trabalhadores voltando para casa. Este é o único ônibus que acessa o topo do Morro do Mocotó, conhecido como a região do Morro da Queimada. Portanto, para muitos moradores, é mais fácil subir com o transporte público e depois descer a pé até a sua residência. Quando Klay e eu chegamos, logo encontramos Ricardo Cabral, o “Cabral”, professor de percussão do projeto, que nos levou até um barzinho e vendinha que funciona também como uma espécie de mirante, ao fim da rua. À esquerda, há um pavilhão pequeno de casas geminadas. Projeto de uma antiga prefeita de Florianópolis como política pública para diversas comunidades espalhadas pela cidade. Mas essas casas não chegam nem perto de atender a falta de estrutura e moradia. Em um dos muros, virados para a avenida em que se encontra a última parada do ônibus, há uma pichação de mais ou menos 8 metros de altura de um menino negro com uma caixinha de som pendurada em seu pescoço. Abaixo, está escrito: “Contra a criminalização do funk”. Atrás dessas casas, há uma creche e um salão onde acontecem os bailes funk do “Moca”, apelido do Morro do Mocotó, muito conhecidos pelos jovens que também preferem chamar Florianópolis de Floripa. E a rua onde eu me encontrava, no alto do morro, por mais que

rodeada de projetos sociais e crianças, é por onde os policiais militares chegam de carro para entrar na comunidade ou nessas festas, quer dizer, para acabar com elas, fazendo provavelmente o mesmo caminho que eu estava fazendo de busão, junto desses moradores.

Naquele mesmo dia já havia uma grande movimentação de policiais. Cabral comentou que as crianças estavam apreensivas. Perguntei a ele o porquê e ele me explicou que geralmente ficam assim, nervosas, quando sabem que a polícia está no morro para treinamento. Naquele período do ano, após uma série de operações policiais e assassinatos de moradores da comunidade, a Polícia Militar de Santa Catarina, semanalmente, se não diariamente, subia o morro para “treinar” suas habilidades dentro do bairro. Treinar, do verbo capacitar-se, utilizando-se de técnicas de invasão e averiguação, entre vidas e residências reais.

Pedimos ao Cabral para ver a vista que imaginávamos ser dolorosa de tão linda naquele fim de tarde. Foi minha primeira vez no topo - para o encontro com as mães, eu havia chegado somente à região conhecida originalmente como Mocotó, um local que, para quem vê a comunidade de frente, se encontra à esquerda das entradas do túnel e à direita do Hospital da Guarnição.

As luzes da comunidade já estavam começando a se acender e, por incrível que me pareceu, não havia tanto barulho como lá embaixo. Mas a pulsação era constante. *Será que é a altitude que bane o som?* Escutava as conversas de crianças soltando pipa ao fundo e adultos caminhando por ali, mas não era algo nítido. Cabral fez o mesmo com pelo menos umas sete pessoas enquanto caminhávamos pela rua até chegarmos ao mirante. Parecia-me que conhecia a todos. A vista do Morro da Queimada era quase que inacreditável. Lá de cima, vêem-se as três pontes que ligam a Ilha ao Continente (Hercílio Luz, Colombo Salles e Pedro Ivo), a passarela Nego Quirido, os prédios administrativos do Estado, as luzes dos carros e dos prédios do centro de Florianópolis. *Como nunca vi isto aqui?* Fechei os olhos e mentalizei um agradecimento para um além que não sei se me ouviria ou não. Uma leve prece questionando por que eu nunca havia subido até esta comunidade. *Como nunca a percebi?*

- Porque tu não tinha abrido bem os óio, fia - uma voz rouca de repente me responde. Eu olho para trás e uma senhorinha baixinha está ao meu lado direito, assistindo à mesma vista, com os olhos entreabertos. Olhei ao redor procurando Klay e Cabral, mas eles tinham sumido.

- O quê? - perguntei novamente para ver se tinha entendido.
- É, fia. Pra subir aqui tem que tá com os zóio bem aberto assim, ó - Ela então arregala seus olhos e percebo que, quando o faz, segura uma camada de pele e rugas nas pálpebras. Ela é linda. Cheia de pintinhas ao redor dos olhos e na testa.

Sua pele é negra em um tom retinto. Suas mãos são enrugadas e secas e seu rosto, brilhoso, como de quem acabou de passar um creme hidratante há poucos minutos. Ela quase flutuava, plena, me olhando de volta.

- Pra tu perceber isso aqui, eu digo, fia. Eu tô aqui há tanto tempo... Já conheci tanta gente que vêm aqui e depois vão embora. Só voltam cheio dos papel querendo isso aqui pra eles. Ou com a polícia... - Ela começa a se virar para sair do mirante. Estava enrolada em uma manta branca pelos ombros e segurava a ponta de sua saia para enxergar seus pés ao descer os degraus.
- A senhora quer ajuda? - pergunto. Ela continua falando e me ignora.
- ...Pense só nisso: tudo o que eu já vi. Essas ponte aí, esse samba. Até neve já vi nesse morro lá - ela começa a descer um pouco a rua, em direção à comunidade, e aponta para o Morro do Cambirela ao fundo, do outro lado da baía, pertencente à cidade de Palhoça, referindo-se ao ano de 2013 quando ele amanheceu com neve em seu pico após uma madrugada extremamente fria e anormal, que chegou a 0°C.

Eu não sabia o que fazer. Procurei meus únicos dois conhecidos, mas não os encontrei. *Devem ter entrado no projeto? Não sei onde fica. Fiquei tanto tempo assim de olhos fechados? O que eu faço agora?*

Percebo que ela continua falando sozinha achando que eu a ouvia. Na verdade, me soava como um resmungo. Uma pergunta retórica. Decidi seguir a senhorinha, pelo menos. Ela parecia conhecer muito bem a comunidade. Eu poderia pedir ajuda depois para voltar ao projeto. Enquanto isso, ela falava e falava com seu jeitinho lento e um sotaque que eu não reconhecia.

- A senhora é daqui do Morro da Queimada? - perguntei.

Ela para de caminhar para me olhar nos olhos. Não diz nada. Percebo que seus olhos fazem um caminho. Ela está observando minhas sobrancelhas e cabelo, depois meu pescoço, desvia para minha camiseta, onde se lia: "Eu sempre me olho no espelho para analisar se sou real ou uma deusa". Fico com vergonha e cruzo os braços, tampando o dizer. Ela dá uma risada baixinha e volta a me olhar nos olhos com os seus, profundos.

- Gostei de ti, fia. *Hahah* - me responde agarrando meu braço esquerdo pelo cotovelo.  
- Vou te contar, então.

Àquela altura, me perguntava se eu já não estava num mundo paralelo ou se deveria continuar seguindo aquela senhora que não conhecia, e entrar na comunidade que também não conhecia, enquanto caía o sol.

- ... Eu sou daqui, sim, fia. Eu sou isso aqui tudinho.
- É mesmo? A senhora nasceu e se criou no Mocotó?
- Fia, tá vendo esses mato tudo ali em cima, do lado da igreja? - Ela aponta para as árvores no topo do morro, ao fundo da igreja evangélica no Morro da Queimada.

- Sim.
- Eu vi quando nasceu, quando morreu. Eu vi quando cortaram tudo pra aquecer casa pra essa gente. Vi quando plantaram tudo de volta aí por cima do hospital. Eu vi tudo - indicando ao fundo, do lado direito da vista, a região pertencente ao Imperial Hospital Caridade, o primeiro hospital do Estado de Santa Catarina, em funcionamento desde 1789.

Eu não entendia até onde ela queria chegar. *Será que tem quase 100 anos? Estranho. Não parece tão velha assim.* Paramos de andar e ela pegou na minha mão. Deu três tapinhas.

- Calma, fia. Vou te explicar tudinho. Fica tranquila. Vamo indo porque tá anoitecendo e eu não quero essa *friagi* nas minhas costa. Senão fico com as junta que não esticam.

Continuamos descendo devagar a ladeira inclinada. Estávamos entrando na comunidade de fato, porque começaram a vir casas e mais casas, muitas ruelas estreitas dividindo o local para todas as direções. *Esse canto do morro eu não conheço. Deveria voltar?*

- ...Eu me esquento aqui no meio de todo mundo, sabe, fia? Lá em cima é aquele vento *suli* que corta a gente.
- Então, a senhora nunca viveu fora do Moca? - pergunto tentando continuar o assunto e conhecê-la, enquanto observo minuciosamente por onde estamos andando, tentando me lembrar o caminho. Mas algo nela me dá muita curiosidade.
- Isso, fia. - ela segura uma xícara de barro redonda com um ramo de arruda na ponta. Não sei de onde tirou isso. Me parece... *café?* Ela bebe e me oferece. - Assim, não é como se eu pudesse viver em outro lugar, né, fia. Eu sou isso aqui.

*Muita falta de oportunidade de construir algo fora dessa comunidade. Sem dinheiro, trabalho e educação de qualidade. Sem políticas públicas internas para o bairro, penso comigo.*

- Não, fia. Não é isso aí não.

Arregalei meus olhos e parei de caminhar. *Ela pode ouvir o que eu tô pensando?*

- Tipo isso, fia.

Olhei para ela que continuava mirando o chão, acompanhando seus passos bem curtos. Parecia ser tão banal o fato de ela poder ler meu pensamento que nem olhou pra mim. Permaneci assustada sem entender nada.

- Fia, eu vou te explicar... Isso aqui tudo - abre os braços e aponta para todos os lados - sou eu. Eu sou isso aqui. - ela bate em seu peito com a ponta dos 10 dedos.

*Ela é a comunidade. Claro! É tão enraizada aqui, cresceu e se criou nesse lugar. Agora entendi. Ela se sente como um pedaço de tudo.*

- Isso. Só que não só. Eu sou isso aqui também - ela bate seu pé direito forte no chão. E eu sou isso aqui também - aponta para uma árvore gigantesca resistindo em meio às casas em um terreno baldio.
- A senhora pertence a esse lugar, é isso?
- Eu sou o Morro, fia. Um prazer. Eu sou o Morro do Mocotó.

Parei de caminhar e a olhei fixamente nos olhos. Ela tinha os olhos pretos e, ao redor de sua pupila, havia uma circunferência azul. *Cataratas?*

*Será que ela tem algum problema cognitivo? Está esquecida ou talvez perdida?*

- A senhora é o morro? - falei um pouco mais alto, desacreditada, para ver se ela me escutava direito.
- Isso. Eu sou o Morro do Mocotó. Eu vi isso aqui tudo do zero. Eu senti. Essas planta, essas casas, os morador daqui. São tudo parente dos primeiros que chegaram até mim. Eles não tinham pra onde ir, tu acha que eu ia deixar eles na rua? - me respondeu ríspida. Para ela, tudo era óbvio.
- Não sei bem o que dizer - fico dando voltas na minha cabeça procurando uma razão lógica.
- Fia, tu perguntou como nunca tinha visto isso aqui, não é? Então, deixa essa tuas coisa da cabeça, rodando, rodando, pra depois. Agora vou te mostrar tudo. Segura isso aqui - e me entrega a xícara de barro servida de café e enfeitada com arruda.

## **“Traz aquele menino de olho azul pra mim!”**

*Ricardo Cabral*

Luís Ricardo Cabral, nascido e criado na comunidade do Morro do Mocotó, mais precisamente, na região do Morro do Bode, é atualmente o comandante do maior barco atracado em Florianópolis, o Kattamaram III. É também músico e professor de percussão no Grupo Mittos, um dos mais antigos projetos sociais no morro. Aos seus alunos, que têm entre 5 e 17 anos, ensina sobre reciclagem e respeito ao meio ambiente, já que todos os instrumentos tocados são produzidos pelos próprios jovens com material reciclado, como latas, fitas, sacos e couros.

Chamado pela maioria somente pelo seu sobrenome “Cabral”, mesmo não sendo seu apelido de preferência, ele é pai de três filhos. Yasmin, de 18 anos, e Luís Miguel e Bela, que são gêmeos, e têm 3 anos. Com uma pasta repleta de diplomas e especializações, Ricardo, como prefiro chamá-lo, traz na sua bagagem profissional dois cursos da Infraero de resgate de vítimas, e outros de treinamento para combate à incêndio, salvação e primeiros socorros. Trabalhou durante cinco anos como marinheiro de pátio no começo da carreira, no Veleiros da Ilha late Clube de Santa Catarina, uma das marinas mais tradicionais da Ilha, e praticamente, no pé do Morro do Mocotó. Ele adora estudar. Se considera um “viciado” na prática e se pudesse fazia um curso diferente a cada mês. Tem inúmeras e incansáveis histórias de resgates noturnos em alto mar debaixo de raio, ondas gigantes e muita chuva.

Hoje, Ricardo é habilitado para rodar o globo. Não tem restrição dentro do mar. Sendo comandante do Kattamaram, ele é responsável pela vida de 250 passageiros - a ocupação máxima do barco. Mas o que poucos sabem é que esta carreira começou há 13 anos, quando, na verdade, entrou para uma vaga de porteiro na marina. Até então, durante o dia, ele trabalhava como ajudante de pedreiro, em obras, e fazendo alguns bicos. Através da inscrição no Sine (Sistema Nacional de Emprego), um programa do governo que encaminha pessoas desempregadas para entrevistas em empresas conveniadas, ele entrou para este trabalho. *“Depois de um ano sendo porteiro, eu fiquei 30 dias de férias e quando voltei pedi pra não trabalhar mais. Queria ir pro pátio fazer serviço nas lanchas e na marina [que eram vistos como um serviço de menor hierarquia que a portaria]. Porque, depois de porteiro, tem o quê? Mais nada. Tu vai ser sempre porteiro. Os meus guias, meus orixás, me deram essa visão”.*

Neste primeiro ano fora das portarias, fez seu primeiro curso na Marinha, num local embaixo da Ponte Hercílio Luz, para Marinheiro Auxiliar de Convés, o conhecido “MAC” - a primeira categoria como marinheiro profissional. Esta foi uma das grandes oportunidades

que teve na vida, pois logo em seguida, começou a trabalhar para a comissão de regata e na equipe de resgate do iate clube. *“Tirando barco do fundo do mar e salvando gente. Eles viram que eu tinha uma certa facilidade e coragem pra entrar no mar”*.

Desde então, em meados de 2012, ele trabalha como comandante. Foi convidado para participar do projeto AquaBus, um protótipo de transporte coletivo aquático para a Grande Florianópolis, cumprindo o trajeto da região do Continente até a Ilha. Saiu da marina para encarar logo de início uma embarcação com lugar para 45 pessoas. Seu salário subiu e a chance de crescer na vida, ainda mais. Uma atitude corajosa pois até então só tinha tido experiência como marinheiro de pátio, nunca com grandes embarcações. E naquele momento, entrava para fazer parte de um projeto envolvendo a Marinha, a Fatma (Fundação do Meio Ambiente) e o IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis). A partir desta oportunidade, passou somente a trabalhar como comandante na área de turismo da cidade.

[Você gosta de trabalhar com o público, então?]

- *“Passei uma vida inteira fazendo circo, teatro e palhaçada. Meu professor de circo me falou uma vez que eu era um palhaço que não precisava usar o nariz, entende? Nunca tive vergonha. Se alguém me oferecesse um café e um pão, nunca iria dizer não. Porque se eu não falar, quem vai ficar com fome? Eu. Se tiver que me vestir de palhaço e ir até o Hospital Infantil para animar as crianças com câncer, eu vou lá de novo. Faço isso desde novinho. Só tô retribuindo o que fizeram comigo, não é nada demais. Costumo dizer que esse é o meu 10%”*.

Ainda como marinheiro, ele relembra feliz e emocionado de quando trabalhou como rebocador na reforma da Ponte Hercílio Luz. Transportando todas as peças, ao empurrar desde as balsas grandes que carregavam caminhões até o pé da ponte, levando equipamentos. *“Toda a estrutura que tu vê hoje, eu carreguei até lá.”* Como nativo do Mocotó, o Ricardo cresceu olhando de frente para a ponte e, nos seus 35 anos de vida, nunca a tinha visto operando. *“Fazer parte da história do cartão postal da minha cidade é um orgulho tremendo. Meus filhos, meus netos, vão falar isso. Pra sempre vai ficar enraizado que eu participei desse momento aqui”*.

Para quem conhece o Ricardo hoje, com essa imagem como comandante e professor, talvez tenha dificuldade de imaginar como era sua vida 20 anos atrás, antes de trabalhar na marina como porteiro ou marinheiro de pátio. Antes disso tudo, suas fases durante a infância, a juventude e a entrada na vida adulta, foram bem difíceis. *“É um pouco mais complicado de falar porque eu sou loiro de olho azul, mas é aquela história de*

*neguinho de favela, sem pai, sem mãe, sem ninguém presente. O tom da pele não muda a história, na verdade, são só histórias.”*

Em entrevista, uma das primeiras coisas que o Ricardo disse sobre si mesmo foi: *“sabe onde é o Largo da Alfândega, no centro, né? Ali tinha um chafariz velho e sempre falavam que ficavam ali os neguinhos tomando banho, que eram mendigos. Mas um deles era eu”*. Para ele, ao ouvirem e contarem histórias sobre pessoas que passaram por muita dificuldade, elas geralmente estão associadas a pessoas negras. *“Raramente é branco ainda mais loiro de olho azul como eu. No meu caso, não. O meu caso é que eu, só, sou branco”*.

Quando criança, morou no porão da casa de seus avós maternos, onde não havia janelas nem banheiro. Eram dois ambientes. Em um, ficava a “cozinha”, como apontou em aspas, com somente uma geladeira que estava geralmente vazia e uma mesinha. E em outro, um beliche, onde dormia ele e sua irmã mais nova, Luiza, e uma outra cama em que ficava sua mãe, Nair. Por conta disso, relata que vivia na rua, dormindo em papelões no centro de Florianópolis, conseguindo lanches e dinheiro com desconhecidos. *“Hoje como adulto e pai eu vejo que não tinha pra que voltar pra casa. Eu abria a geladeira e só tinha água. Na rua eu tinha tudo. Amigos, pessoas pra fazer sorrir, comida, bagunça, coisa pra se divertir. Mas também a grande maioria dos meus amigos da época, hoje, ou estão mortos, ou estão presos. Praticamente todos”*.

Seu irmão mais velho, Ledenir, foi criado pela avó materna. Quando Nair engravidou, ela era muito jovem e na época não pegaria bem para a família oficializar este filho. Por conta disso, Ledenir foi registrado como seu tio, filho de sua avó materna a quem chamava de mãe, e Ricardo e Luiza nunca foram muito próximos dele. E a história de sua avó também não foi tranquila. Seu avô materno era militar e alcoólatra, e batia muito nela. Uma das poucas lembranças que ele tem dela na infância é que rezava o Pai Nosso em italiano, por conta da ancestralidade dos seus ascendentes. Ricardo acabou crescendo muito distante da família de sangue.

Enquanto cursava a segunda série do ensino fundamental I, Ricardo rodou na escola. Foi o ano em que seus pais se separaram e Cabral, seu pai, foi morar em Tijuquinhas, um bairro da cidade de Biguaçu, com a nova esposa. Ricardo não tem praticamente nenhuma memória dele e nem fotos da infância. Não tinha presente a figura de um pai e de uma mãe “para puxar a rédea”, como referiu. Algo que acabou fazendo falta para que mais tarde, com 13-14 anos, não entrasse para o caminho das drogas.

As poucas lembranças que possui quando criança foram dentro do projeto social da Prefeitura de Florianópolis chamado Casa da Liberdade, que, na época em que tinha oito anos, acontecia na passarela do samba, a Nego Quirido, embaixo da comunidade do Mocotó. De início, o propósito da casa era chamar menores infratores e foi neste projeto

que Ricardo começou a tocar percussão. Foi paixão à primeira vista pela música e ele lembra de ter sido o início de uma nova vida. *“Ali ganhei carinho, encontrei pessoas que se preocupavam comigo, me ensinavam deveres, me alimentavam. Tinha um trabalho fortíssimo com psicólogos [por exemplo]. Até hoje eu tenho contato com a Tia Kátia que me atendia lá”*.

O mesmo trabalho que faz atualmente no Grupo Mittos, com material reciclável para produção de instrumentos de percussão, aprendeu na Casa da Liberdade com seu primeiro, e até hoje reconhecido como mestre Daniel da Luz, percussionista da Banda Iriê. O projeto de música da casa comandado por Luz se chamava Balaco Batuque em Ação. *“Eu dou continuidade ao que fizeram por mim. Se dedicaram pra me criar e agora tô me dedicando pra criar os filhos de outras pessoas”*. Nesta fase da vida, recebeu aulas de circo e teatro onde aprendeu a fazer malabarismo e, fora da Nego Quirido, foi a maneira com a qual ganhou dinheiro nas sinaleiras por um tempo, para comprar comida, quando ainda era criança. Na movimentada rua central da cidade, Felipe Schmidt, “vendia” cartão de mensagem quando era pré-adolescente. Na verdade, costumava dizer que era voluntário de uma casa de dependentes químicos e que a pessoa abordada poderia ajudar com qualquer quantia. Segundo Ricardo, ao chegar com os cartões com intuito de vendê-los, as pessoas não querem. Mas se tocasse o coração ao sensibilizar com uma história, elas prestavam mais atenção. *“Era uma mentira? Era. Mas conseguimos ganhar um dinheirinho pra poder comprar uma bolacha, uma coisinha. Um pacote de biluzitos e uma garrafa d’água sustentava de alguma forma, já”*.

A partir da pré adolescência, quando tinha por volta de uns 12 anos, enquanto fazia parte da Casa da Liberdade e crescia, passou a voltar muito menos para casa. *“Começou a desandar”*. Depois dos 14, fez os cursos profissionalizantes que o projeto oferecia, como de informática e encadernação, e assim, costumava costurar livros para biblioteca e fazer espiral de cadernos, como forma de ganhar dinheiro. Também trabalhou como gandula de futebol. *“Sabe quando a bola sai do campo e tem um menino que vai buscar? Eu era ele”*. O marido da professora Luciana da sua escola era envolvido com os antigos campinhos de futebol de grama no bairro continental de Florianópolis, Abraão. Ao fim do dia de trabalho, costumava receber cinco reais, um espetinho de frango e uma coca-cola. E para ele, era o que bastava.

\*

*“Minha memória não é algo que eu admiro, mas me tornou o homem, o pai e o marido que sou hoje”*.

Durante a adolescência, Ricardo costumava fumar um “cigarrinho”, um gudang, um baseado de maconha. Um pouco mais tarde, foi apresentada à cocaína. Envergonhado, revelou já ter vendido algumas vezes. *“Tudo o que não é legal, eu já fiz. Não como os menino fazem hoje em dia na boca. Mas eu era envolvido ali, sim, de alguma maneira”*. Até chegar a ser expulso por rebeldia da escola.

No ensino médio, estudou no EEB Henrique Stodieck, que fica na rua Esteves Júnior, no centro, onde montou uma banda de rock and roll chamada Frango 64. O primeiro baterista da banda tinha um moicano e começou a ser chamado de frango, e o 64, era o número da casa dele. Assim se deu o nome da sua primeira banda que fez muito sucesso, com músicas autorais e projetos para produções grandes. Acontece que com os amigos da banda era com quem costumava comprar muitas drogas e álcool e sair para acampar nas praias da Lagoinha, Naufragados e Tapera, para usar os químicos. *“Eles sempre foram de boa família. Era eu quem era o doido”*. Esses amigos seguiram estudando e se formaram na faculdade, enquanto, com 16 anos, Ricardo largou a escola.

Aos 17, já estava encaminhado com a música e formado na Casa da Liberdade. Nessa idade foi quando se casou com sua primeira mulher, mãe da sua filha Yasmin, com quem ficou junto por 11 anos. Ela já tinha outros três filhos e o casal foi morar em uma casa que, novamente, não tinha banheiro, na região do Morro da Buraca, um local que se encontra entre o limite do início do bairro José Mendes e o Morro da Queimada, a região no topo do Morro do Mocotó. O Morro da Buraca é chamado assim porque seu relevo forma um buraco, como um vale entre montanhas. Antigamente havia uma nascente nesta região, onde as pessoas coletavam água, e Ricardo lembra de quando faltava no morro e muitos moradores, inclusive ele, levavam latas para encher de água e abastecer a casa.

Os dois se casaram no papel. Com olhos de tristeza ele se referiu a essa fase como “aquela vida bem miserável”. Com drogas e bebida, enquanto tentava sustentar a família tocando com bandas nas noites de Floripa, e durante o dia, trabalhando como pedreiro, telelista das antigas listas telefônicas ou com decoração de ambiente com tecido e balão. Dos seus 18 aos 20 e poucos anos, a banda começou a dar mais certo e os nativos da Ilha já cantavam suas músicas autorais. Ricardo dá risadas ao lembrar que era cheio de corrente nas calças, unhas pretas, alargador grande na orelha e cabelo comprido. Com a Frango 64, passaram a viajar por Santa Catarina, Rio Grande do Sul e até São Paulo. Criaram uma produtora, a Rox Music e, por um tempo, promoveram eventos para bandas novas, como um festival que tinha uma competição de música. O prêmio para os novatos eram algumas músicas gravadas pela produtora e uma quantia em dinheiro.

[Como tu enxerga teus anos usando droga, hoje? Te consideras uma pessoa que foi viciada?]

- *“Com a cola de sapato e maconha, a gente não tinha tanta noção. Mas com o crack, sim, eu me considerei viciado. Chegava 17h/18h da tarde, quando começava a escurecer, o corpo já sentia a necessidade. E daí foi uns três anos usando crack, todo o dia. Eu, a mãe da Yasmin e uns amigos”.*

Ricardo conta que, nessa época, quando o casal recebia o seu salário, compravam o básico, como 1kg de arroz e feijão para os quatro filhos, e o resto consumiam em crack.

[A vida noturna e fazer parte de uma banda influenciou no teu vício na droga?]

- *“Foi o oposto. A música me curou. O crack mesmo foi mais tarde na minha vida, eu tinha uns 20 e poucos. A Yasmin já era menininha”.*

Ele lembra que, junto da ex-mulher, costumava colocar as crianças para fora de casa para usar. *“Era muito pesado”,* relata com seus olhos vermelhos e cheios d’água. *“Era complicado porque a mente não trabalhava nessa hora. Tu esquece até de tomar banho. O crack ele afeta um ponto no teu cérebro que é o mesmo que o orgasmo, então, cada fumada é como se você tivesse gozando. Por isso que ela é muito forte, porque na primeira fumada tu já é dependente. Aqui fora no corpo, não passa nada, mas lá dentro na cabeça é um turbilhão”.*

O início de uma nova fase da sua vida sem drogas acabou levando ao fim de seu antigo casamento, quando a mãe de Yasmin não aceitava Ricardo longe do crack e das drogas, ao buscar empregos diferentes e os estudos. Enquanto fazia seu curso para Marinheiro Auxiliar de Convés (MAC) durante a noite e trabalhava de dia no iate clube, Ricardo conta que a ex-mulher jogava suas roupas para fora de casa e deixava seus pertences na rua. *“Era uma convivência muito tóxica com muitas brigas e estresse. Já não era um bom casamento”.* Ele não se sente confortável em detalhar sobre o fim desse relacionamento durante essa época da vida, somente relata que foi uma fase muito triste e violenta.

\*

*“Desde novinho sou tamboreiro, batia tambor em terreiro”*

No auge dos seus 20 e poucos anos, Ricardo relata que parar de usar crack e todas as outras drogas foi como uma grande virada de chave. Em uma manhã, após passar a noite usando, seus filhos lhe pediram uma bolacha, mas ele não tinha dinheiro. Havia gastado

tudo em crack. Naquele momento ele percebeu que seu vício estava atrapalhando sua vida na música e no trabalho. *“Tava muito magrelo, já não era bom pai, bom marido, já não era um bom humano, né? Já tava naquele caminho de ser zumbi.”* Hoje, ele não bebe mais, nem mesmo nenhuma quantidade de álcool. E para falar sobre esta segunda fase da vida sóbria, ele busca explicações lá na sua infância.

Ricardo sempre habitou os terreiros de umbanda e candomblé da comunidade. E como ele afirma, “religião não combina com droga e álcool”. Quando se separou, entrou de cabeça na religião e daí, sim, focou em ajudar os humanos, *“benzer e curar”*. Mesmo quando vivia na rua e não tinha comida ou dinheiro, quando não tinha uma estrutura de referência familiar e uma vontade de voltar para casa, sempre foi muito bem recebido e querido nas casas de terreiro do Morro do Mocotó, uma localidade que dizem ter uma das maiores concentração de terreiros de umbanda do país. Costumava tratar todos com respeito porque dizia que, assim, receberia um café e um pão.

Uma atitude que sempre fez foi, ao visitar a casa de alguém, como algum amigo da escola, desde pequeno ele lavava as louças da casa e passava vassoura, para ser bem visto. *“Eu, por exemplo, não falo com ninguém da minha família de nenhuma das partes. Porque, nas antigas, eu era a amizade que o PROERD falava pra não ter. ‘Oh, não é pra andar com o Cabral porque esse menino não presta’, ou, ‘o Ricardo não é flor que se cheire’, porque eu era rebelde e não tinha ninguém para mandar em mim”*. Ao final, sua personalidade de ser educado e respeitoso com as pessoas mais velhas lhe trouxeram muitas ajudas e refeições.

Em sua essência, Ricardo é tamboreiro. *“Sempre fui de religião”*. Desde criança batia tambor em terreiros. Já tocou em ministérios da Igreja Católica, os quais foram responsáveis por muitos aprendizados e seu melhor desenvolvimento em outras áreas na música, porque costumava tocar só rock and roll com a banda. Geralmente, tocava nas quartas-feiras em terreiro, sextas na igreja e sábado e domingo, rock and roll. Mas sobre a sua aproximação com a igreja, deixa claro que foi somente como músico, não como crente. Na sua visão: *“é da barriga. Já vim com muitos problemas religiosos pra esse mundo”*.

Sua mãe teve uma gravidez saudável. Ele era o filho mais velho do casal, então, havia uma grande expectativa e cuidado ao redor desta gestação. Mas Ricardo nasceu repleto de hematomas, como se fossem “chupões” roxos e vermelhos por todo o corpo, até no céu da boca. *“Nasci da barriga embruxado”*. A mãe relatou que os médicos deram alguns dias de vida para ele e uma série de diagnósticos, mas, no fim, não havia uma solução para aquele problema de saúde.

Um dia, ela deixou Ricardo na UTI do hospital e voltou para casa, no Mocotó, para pegar alguns pertences. No meio do caminho, uma senhorinha baixinha, de cabelos brancos, a parou na rua e disse: “traz aquele menino de olho azul para mim!”. A mãe dele

não conhecia esta senhora e ela continuou, explicando: “traz aquele menino de olho azul pra mim porque o caso dele não é de médico”. Com esperança pela possibilidade de curar seu filho e sozinha, pois o pai de Ricardo, seu Cabral, sempre foi muito cético e não acreditou nesta história, ela foi até a maternidade buscar o filho. *“Ela disse pra eles: ‘ele vai morrer igual, não vai? Então eu vou tirar ele daqui’. Assinou um termo de responsabilidade e me levou até a Dona Celita. Ela falou que foi uma bruxaria chamada mal de bem querer, conhece?”*. O que se traduziria para algo como inveja. Depois deste dia, Ricardo passou a ser atendido por esta senhora e ao fim do tratamento, quando já não tinha mais nada, ela revelou à sua mãe que quem fez esta bruxaria foi uma pessoa da família, e perguntou se Nair queria devolver o feitiço a quem enviou. Mas sua mãe disse que não. Antes de falecer em 2021, quando comentava sobre esta história, Nair costumava dizer que decidiu assim “porque a vida se encarrega de tudo”. Hoje, Ricardo conta que sabe quem é esta familiar que possivelmente fez a magia, e que ela realmente já sofreu com a perda de muitos filhos para drogas e outras questões. Em respeito à sua história de vida e salvamento, todas as vezes em que se encontrava com Dona Celita pelo morro, Ricardo a chamava de mãe.

Dona Celita era uma senhora antiga da macumba do Morro do Mocotó, mas não está mais viva. Ele fica feliz ao dizer que conseguiu realizar alguns sonhos junto dela antes que morresse. Durante uma fase da sua vida, ele tocou tambor no terreiro de umbanda da Dona Neuza, onde a Dona Celita frequentava. *“Eu batia tambor pros orixás dela. Ela ia lá. Isso eu já achava lindo, era como se fosse um sonho realizado”*. Outros dois encontros foram guardados com muito carinho na sua memória. Depois de alguns anos, quando saiu dos terreiros de umbanda, onde somente era tamboreiro, e passou a frequentar casas de candomblé, Ricardo começou a trabalhar com a incorporação das entidades, fazer suas obrigações e desenvolver a mediunidade, como pratica até hoje. Um dia, depois de já estar no candomblé, a Dona Neuza o convidou para ir novamente em uma gira de umbanda no terreiro dela. Quando Ricardo chegou no local, Dona Celita estava lá. *“Este dia, sim, considero como uma grande realização de um sonho. Eu trabalhei com o meu Exú, enquanto ela trabalhou ao meu lado com a Pombagira dela, a mesma que me curou da bruxaria quando eu era bebê. A gente pôde trabalhar na mesma gira com os nossos guias. Isso foi maravilhoso”*. Já em uma outra sessão, Ricardo trabalhou com seu preto velho enquanto ela estava presente, e contou orgulhoso de ter batido cabeça para Dona Celita. “Bater cabeça” é um gesto em que a pessoa encosta a sua própria testa no chão da casa de terreiro em respeito aos orixás do terreiro. Então, é como se ele estivesse prestando uma honra e um respeito diretamente para ela, e não somente para o local, como é geralmente cultuado. *“Eu era só um convidado ali, cumprimentava os outros por respeito, mas pra ela, eu batia cabeça.”*

Da mesma forma que a religião retomou a vida de Ricardo e o salvou, enquanto fortalecia seus laços com a música e os tambores, foi também em um terreiro que ele encontrou a atual esposa, seu grande amor, Juliana. *“Um dia entrou aquela morena maravilhosa, linda, brilhando. Primeiro dia que eu vi, eu já me apaixonei por ela.”* Depois de algumas semanas guardando esta paixão para si mesmo em segredo, Ricardo se declarou sentado no quarto de santo, dentro do terreiro. Ele retrata esta relação como boa desde o princípio, abençoada pelo terreiro e guiada até ele. Uma relação muito diferente do último casamento que teve, quando ainda era muito jovem e muitas vezes não sabia como agir por imaturidade.

Neste meio tempo do relacionamento com Juliana, sua filha Yasmin estava com 14 anos e morava com a mãe e os irmãos mais velhos. A família fez um grande escândalo quando descobriu que ela namorava uma menina, Carol, também nascida e criada no Morro do Mocotó. Ricardo foi chamado até a casa para uma reunião onde todos esperavam que ele agisse contra essa relação da filha, e brigasse com ela. Mas foi o contrário. *“Eu fui o único a favor. Vou fazer o quê? Perder o amor e a confiança da minha filha? Ela vai continuar namorando... Sou obrigado a apoiar ela. O filho continua fazendo o que ele quer. Eu fiz errado, tu fez errado, muitos adolescentes fazem errado. E se nossos pais proíbem, vamos continuar fazendo igual. Mas não vamos respeitar eles... Então, nesse dia, eu peguei as duas e levei pra morar comigo”.* E por esse apoio, hoje Yasmin está casada com Carol e comprou a sua casa própria no Morro do Mocotó quando tinha somente 17 anos, *“tudo fruto do seu trabalho”*, como conta o pai, muito orgulhoso. Ela é assistente de sala da Escola Imaculada Conceição, um colégio particular tradicional e católico do centro de Florianópolis, além de ser professora de dança no Grupo Mittos, mesmo projeto em que seu pai leciona.

Juliana incentivou Ricardo a voltar aos estudos. Ele participou do programa EJA (Educação de Jovens e Adultos) e retornou ao ensino médio. Teria a opção de participar do programa Encceja, um exame avaliativo para obter o diploma do segundo grau, mas, para ele, não seria possível. Ele não lembrava dos conteúdos da escola e queria realmente fazer todo o processo de estudo de novo, pegando seu diploma um pouco antes de decidir ter filhos com Juliana.

Após quatro anos de relacionamento, Juliana e Ricardo engravidaram dos gêmeos Luís Miguel e Bela, que nasceram no começo da pandemia, em 2020, no Hospital Universitário. Por receio das bruxarias, o casal optou por sair do morro. *“Porque eu não sei se esse é o rumo da família ou não, preferia me resguardar e proteger a minha família”.* Foi quando Ricardo decidiu passar a gravidez da esposa morando na cidade de Palhoça. Após o nascimento dos bebês, por trabalhar na época no bairro de Jurerê como comandante de um barco de turismo, eles se mudaram para o bairro Cachoeira do Bom Jesus, no Norte da

Ilha. Até que retornaram para o centro e hoje moram no Monte Serrat, a comunidade vizinha do Morro do Mocotó.

Ricardo é conhecido pela disciplina e cobrança com seus alunos. Por mais que idealmente as aulas sejam de percussão, ele costuma passar diversos ensinamentos para os jovens, como primeiros socorros, entre outras coisas. Para participar do projeto Grupo Mittos, é necessário estar matriculado regularmente na escola. Portanto, Ricardo se sente responsável por cobrar das crianças um bom desenvolvimento em sala de aula, na escola, e aos fins de tarde, com ele. *“Eu controlo o boletim deles. Ano passado, no mês da consciência negra, fizemos mais de 20 apresentações pela cidade. Aí peguei o boletim deles, fui ver as notas para escrita de texto... um absurdo. Absurdo. Daí cheguei e falei para eles que não íamos tocar. ‘Ah mas por quê, como assim?’. Não, hoje nós vamos escrever. Vamos escrever um texto sobre racismo. Tinha adolescente de 15 anos que não sabia nem soletrar a palavra racismo, escrevia tudo errado. Uns que nem o nome completo saía. [Mas daí como foi o exercício?] Horrível! Uma turma cheia de menino, não escrevemos um texto de 20 linhas, eles não conseguiram”.*

Por ter formação como marinheiro, a disciplina e a ordem são exigidas por ele em sala. Costuma organizar os alunos em fileiras e linhas. Sabem prestar continência e, quando é necessário, Ricardo dá a ordem e eles saem marchando, às vezes, pela comunidade toda. Quando conta sobre esta postura com os alunos, Ricardo se levanta e anda pela sala onde dá aulas, local onde está sendo feita a entrevista. Ocupa o espaço, estende os braços e imita a maneira que fala com os alunos e como eles o respondem. É uma entrevista que acontece no mês de janeiro, então, as crianças estão de férias e o projeto também. Os olhos de Ricardo brilham quando conta as histórias como professor, e é visível o quão saudoso se sente ao se lembrar dos meninos.

[E por que isso? Essa postura mais militar?]

- *Porque eles precisam de disciplina. Os jovens de hoje precisam. Entender o meu comando, que eu sou autoridade em sala. Eu sou o professor. E que tem que ter respeito, organização, disciplina mesmo. Já passou gente aqui na frente olhando aqui pra dentro [levanta o pescoço indicando uma feição de alguém curioso] e depois veio falar comigo. ‘Ah, o que tu tava fazendo com as criança? Não tavam tocando...’ Eu tava brincando de morto e vivo. ‘Ah vai brincar de morto e vivo com adolescente de 15 anos?’ Vou. Vou brincar. Porque ele vai e faz direitinho, junto com os outros. Ele aprende a me ouvir e me ter como essa referência”.*

[Tu dirias que és como um ombro amigo? Um irmão mais velho?]

- *Pai. Um pai mesmo. Muitas vezes é a missão que cumpro aqui.*

Além do nascimento dos seus três filhos, sua grande lembrança marcante é da sua formatura como marinheiro. *“Bem vestido. Aquele dia que a família toda vai ali para te prestigiar. Nunca tinha vivido isso, então, minha primeira formatura como marinheiro profissional é com certeza uma das memórias mais emocionantes que tenho para lembrar”.* E para quem nasceu e foi criado na rua e dentro de comunidade, rodeado de vizinhos, o seu maior sonho para os próximos anos é morar no meio do mato. Quer encontrar um terreno onde possa construir uma casa, ter sua horta e seus bichos e um mini terreiro para guardar seus guias e orixás. Esta é a meta para daqui a cinco anos.

- *“Só não quero ter vizinho. Os humanos me decepcionam muito... Quer ver? Junta 10 aqui [aponta para a comunidade] falam que vai fazer, vai fazer, mas chega na hora não faz o que precisa ser feito. Preferem dar 10% para um pastor. ‘Ah mas eu dei pra Deus’. Não cara, tu deu na mão dum ser humano. Tu não juntou dinheiro e comprou cesta básica para uma família. Tu deu para um homem.*

[Tu vê muito isso aqui? Pastor com grana? Carrão?]

- *Sim... é difícil né? Tu vê que é injusto... eu me sinto muito seguro aqui no morro, nunca vamos ser assaltados ou ter algum constrangimento, que lá no centro, na Beira Mar, é diário... não vai ter homem porco assediando as mulheres e tal. Porque aqui tem que ter respeito. Essa parte da comunidade me agrada muito.*

[Por que achas que acontece isso dentro da comunidade?]

- *Porque esse é o correto, não porque é comunidade. Mas aqui a gente impõe as leis, tem disciplina... quem faz isso somos nós. Que somos professores, líderes comunitários... a tia Dete que vem há anos lutando e discursando para sermos iguais. Somos iguais. Não interessa se tu é advogado, professor, branco, preto. Aqui somos iguais. Estamos todos de branco, descalços, e vamos comer com as mãos. Entende essa ideia? Então a comunidade tem essa ideia. Mas eu quero ir pro mato. Eu não tô cansado de gente, eu tô decepcionado. Cansaço, eu descanso, dou um tempo e depois resolvo. É decepção mesmo. Quero ter minhas plantinha... Não quero lidar com gente... Eu sou músico, né? Então assim, ter contato aqui com funk,*

*cara, eu não gosto de funk. Não é música para mim. É uma letra que agride as mulheres, dura dois versos, dois minutos, e acabou. O ritmo é bacana, é dançante? Sim. Mas é maculelê. É uma dança africana oriunda aqui do Brasil dos escravos de canavial... enfim. Tá entendendo porque quero me afastar desse local? Quero vir dar minha aula, ver meus amigos, mas quero vir visitar e voltar para esse lugar depois. Com planta, com árvores.*

Em 2023, Ricardo busca uma vaga para um curso de inglês gratuito no IFSC (Instituto Federal de Santa Catarina) para melhor desenvolver suas relações no trabalho, já que lida com muitos turistas e precisa desta comunicação. Ele espera ver seus filhos crescendo e sendo felizes como melhor escolherem, pois acredita que é só um intermédio para estarem neste mundo, e assim, por uma questão cultural, o chamam de pai. Seus filhos são independentes. Quando morar no mato, nesta "chácara/sítio", quer nunca mais cortar os cabelos e fazer a barba, e, se pudesse, deixava de cortar as unhas - uma das suas maiores agonias -, e só andava descalço. Para Luís Ricardo Cabral, nascido e crescido no morro, o Mocotó é um organismo físico, uma potência, algo vivo, pois é a primeira comunidade da capital de um Estado. E por isso, se o Mocotó fosse um órgão, seria a cabeça. Que tudo vê, tudo ouve, e tudo guarda.

## II

“Tudo que eu peço a vovó ela faz  
Também o que eu peço a vovô ele faz.

Ele é rei de Aruanda,mas vovó também manda  
Quando os dois pedem juntos ninguém me passa pra trás  
O que eu quero mais, o que eu quero mais [...]”

- Meu Pai é General de Umbanda - Ponto de Pretos-velhos
  
- Ó, o topo lá onde nós tava é a Queimada, sim? - pergunto à velha senhora a quem sigo caminhando.

Estamos em meio ao terreno baldio com a árvore gigante, à direita de onde começamos a descer o morro. De acordo com meu senso geográfico, estamos ainda no alto da comunidade, bem à direita, o que seria talvez perto da região vizinha ao Hospital de Caridade. O Morro da Queimada, para onde ela aponta, é uma região bem acima. Cruzando uma linha reta até a planície, poderia dizer que se encontra rente ao túnel Antonieta de Barros.

A senhora segura a saia e sobe em uma porção de pedras pequenas que estão ligadas a outras rochas maiores na encosta do terreno, para enxergar melhor. *Como consegue se equilibrar ali?* Às vezes, não me parece velha. É uma senhora de idade, mas é jovem ao mesmo tempo.

- ... esse lugar eles chamam assim porque era onde se pegava as minhas lenha, fia.
- Lenhas?
- Isso. Já teve de tudo aqui. Faz muito tempo que não tem mais as árvore natural, que nem essa aqui. É uma das poucas que tem mais de 100 anos. Tudo que tu tá vendo aqui foi plantado faz umas década, só. Não é natural. Aí veio vindo com as aves, com as pessoas trazendo de outros lugar, com o vento, vários outros tipo de árvore, entendeu, fia? Mas não é natural daqui. Mas eu deixei crescer mesmo assim.
- Tu quer dizer que esta não é a Mata Atlântica, certo?

- Vish, fia... faz tempo, viu? Aqui tá cheio dessa que virou o símbolo da cidade, tu sabe? Garapuvu. Tem muito aqui. Quando começa a esquentar agora na primavera, eu fico amarelinha, amarelinha... Dá pra ver de longe elas florendo, oh.
- Garapuvu se faz canoa, não?
- Isso, fia. Os homem dos peixe, como que chama mesmo?
- Pescadores?
- Isso. Eles tinham que fazer com o tronco dela. Tem um monte aí pra cima - ela aponta para a região na sua diagonal - Daí lá em cima era assim, eles faziam fogo - retorna a falar - queimavam tudo. Vendiam lá embaixo na cidade ou os morador usavam aqui mesmo.

Algo nesta senhora me lembra de uma vez em que fui numa gira de preto velho, em um terreiro de umbanda e uma vizinha me atendeu. O jeito como ela fala... a escolha da ordem das palavras trocadas na construção da frase. Ela me parecia conhecida.

- Quando isso? - pergunto.
- Ué, até agora quase. Não tinha gás para aquecer as casa. Foi no final desses últimos anos 60 que chegou por aqui. Mas antes as cozinha era tudo com lenha. Vinha daqui ou dos manguezal de lá e vendiam lá embaixo.

Eu ainda estava lutando contra meu pensamento lógico que me dizia para sair correndo, enquanto observava a sua inteligência e lucidez. Decidi continuar dando pano pra manga.

- Por que a senhora diz “últimos anos 60”?
- Porque já teve vários.

Respostas óbvias. Como sempre.

- Oh, aqui nessas comunidade pro lado - ela aponta novamente para a região do Hospital Caridade, acredito que está falando das mais de 15 comunidades do Maciço do Morro da Cruz -, tinha as caieira. Conhece? Eram uns lugar onde eles pegavam concha de sambaqui e queimavam pra fazer cal. Queimavam com a lenha que vinha daqui, do meu maciço, ou dos manguezal. Entendeu, agora? Mas esses novo de hoje não prestam mais bem atenção da cabeça... - resmungo.

*Essa foi uma indireta pra mim, com certeza.*

- E a senhora subia lá para pegar lenha?

Ela me observa. *Foi o café? A arruda?* Permaneço com minhas abas de pensamento abertas, tentando entender como fui parar ali. Ela parecia saber que eu estava testando minha teoria de universo paralelo e me aguardava, até decidir responder.

- Fia, eu não. Quem precisava delas era eles. Eu só deixava eles pegar e queimar.

*Tá bem. Se ela é o morro, tecnicamente ela é a árvore. E a rocha. E o pasto. E os caminhos que trilham até lá em cima para pegar a lenha e queimar. Tecnicamente, ela nem precisa se aquecer... Isso está ficando cada vez mais absurdo e curioso. Por isso, tudo para ela soa como óbvio. Certo? Faz sentido, se eu me colocar dentro da cabeça dela...*

Ela continua me contando histórias enquanto interrompe meus pensamentos.

- ... e antes nem era lenha ou pasto. Era planta mesmo.

Me perdi nas informações.

- Perdão, o que a senhora disse?
- Quando os homens vieram, umas boas tempada pra trás, eles já começaram a me tirar as árvores tudo. Os indígenas que moravam aqui há mais tempo nunca nem tiveram vontade de mexer comigo. Mas esses outros sempre foram diferente, né. Vieram pra cá para pegar tudo mesmo. Eles tinham que plantar algodão, café sombreado e mandioca.
- Café sombreado?
- É um café que pega sol só na metade do dia. Daí quando o sol tá caindo pro outro lado da encosta, aqui fica escuro. Ele se cria na sombra. Entendeu?
- E algodão...
- Os açorianos tinham que fazer roupa de algum jeito, não é, fia. Como tu veste essas coisas hoje, umas tempada pra trás não era fácil assim. Tinha que fazer o processo todo do começo. Então eles precisavam plantar o que comer e o que vestir. E fizeram. Foi quando começaram a trazer os acorrentados para fazer o trabalho.
- A senhora tá falando de homens escravizados?
- Isso! - ela responde meio sem paciência.

Faço cálculos na minha cabeça. A produção de café chegou ao Brasil por volta de 1720 no Pará. Há registros de grupos chegando para povoar Nossa Senhora do Desterro em 1690, então... *Essa mulher está me dizendo que o Mocotó já era habitado no século XVIII? Não é possível. Eu entendi direito?*

- ... a Ilha era lugar de passagem. Os barco grande que iam pro sul às vezes paravam aqui, nas encosta pro lado do sol nascente, lá do outro lado. Eu não sentia nada de lá pra dizer. Mas eu sei. Um dia perceberam que era um bom sítio com muita riqueza. Eu era muito mais rica de natureza. Aqui tinha de tudo. Mas aí quando esses outros homem vieram, já chegaram para ficar de vez. E tinham que proteger a Ilha, né? Do “perigo”... - ela fala em tom irônico - Esse perigo que só eles mesmo viam. Antes não tinha nada disso... Aí veio esses europeu tudo, falando as língua deles, queriam cozinhar do jeito deles, as comida deles. Trouxeram as plantas e os bicho. E o perigo com eles. Daí tu já viu, né? Percebo que quando está brava fala um pouco mais rápido, lembrando a entonação dos manezinhos da Ilha de Floripa.

Ela desceu de cima das pedras e veio caminhando em minha direção, perto da árvore. Eu começo a perceber que gastar minha energia tentando desvendar se ela é real ou não, não me parecia mais convincente. O que ela dizia fazia muito sentido. Era uma história que eu nunca havia ouvido antes, mas batia com o que eu me lembrava das aulas da escola. E seria mais proveitoso conhecer o que ela tinha para me mostrar e depois voltar para a apresentação do Grupo Mittos.

- Então os escravizados vieram junto com esses portugueses plantar mandioca e café aqui? - eu aponto para o chão, tentando começar a entrar na onda dela.
- Mas português veio para ficar. Eles mandavam só os homem que eles não queriam mais pro lado de lá, pra ocupar essas terra daqui. Eles ainda tinham a destreza de chamar deles esta terra, logo que chegaram. Tu acredita? - diz num tom irritado. O que a tira do sério é o fato de outro alguém chamar este lugar, chamá-la, de seu. - Daí teve francês, alemão e uns outros. De tudo. Tinha uns que subiam aqui e ficavam hooras desenhando. Queriam mostrar pros outros onde eles vieram, como era lindo daqui de cima. Tem essas imagem em registro nesses livro nos museu. Viu? Tu não é a primeira que subiu aqui e fica assim, abestada. Aqui é lindo mas as pessoas não conhecem.
- Ah mas essa não é a primeira vez que vim. Subi o morro faz poucos dias para conversar com um grupo de mães.
- Então subiu com os olho fechado, né. Porque anda vendo pouco de mim.

Sua sinceridade me doeu, mas era a mais pura verdade. Sou nascida em Florianópolis e não sei a história desta cidade, muito menos, tudo isso que ela está me contando agora sobre o Morro do Mocotó. Quer dizer, sobre ela. *Será que vou conseguir lembrar disso tudo? Queria dar uma checada no Google...*

- Fizeram um descampado da minha mata - ela continua a falar sobre a vinda dos portugueses. Fala como se realmente tivesse pressa em contar. - E os homens e mulheres acorrentados que vieram com eles eram muito sofridos. Horrível, viu? Eu já vi coisa muito feia sendo feita com inocente. Aqui ainda acontece, às vezes. Vem uns policial procurar coisa e matam os adolescente. Eu já sangrei muito, fia...

Esta senhora está me contando sobre quando Florianópolis era Nossa Senhora do Desterro, antigo nome de Floripa. Não. Antes ainda. Quando não era nem projeto de cidade. Era somente uma ilha, um pasto, um fruto, uma possibilidade.

- E depois? - pergunto.
- Depois foi quando começaram com cabra, bode e lenha. Tu não tá ouvindo o que eu tô falando? - ela se irrita repetindo as informações.
- Sim, sim. Perdão. Primeiro o plantio, depois gado e lenha.
- É. Não, tudo ao mesmo tempo. Tinha parte aqui do morro que era melhor pras planta e tinha umas que os bicho não conseguiam ir. Aí ficou tudo meio misturado aqui. Tinha de tudo, como te disse.
- Entendi.

Ela desce das pedrinhas e caminha até minha direção, devagar, perto da árvore em meio ao terreno.

- Mas passou uns ano aí né. Quando me desvestiram mesmo, dessa aí natural que falei.
- Mata Atlântica?
- Como, fia?
- A sua mata original? Mata Atlântica?
- Isso. Quando me desvestiram na primeira vez, é tempada demais pra trás. Aí os gado foi... uns 100 ano? Nem sei mais, fia. Tô ficando velha. Já num lembro bem. Que ano a gente tá mesmo?

- 2021. E quem cultivava esses bichos aqui? - rapidamente perguntei para não fugir do assunto.
- Oh, entende uma coisa. Eu sempre fui casa de injustiçado. Nunca tive problema em abrir os braços para quem precisa. Então deixei crescer árvore para fazer lenha e criar gado. Eram branco pobre e os acorrentado livre ou os fugido. Eles tinham que morar em algum lugar perto do centro para continuar os trabalho deles, mas não perto o bastante para verem eles de lá, entendeu? Aí ficaram aqui. Porque hoje é tudo pertinho mas nas tempada antiga, isso aqui até que era uma pernada do centro.
- Verem eles?
- O quê?
- A senhora disse que não podiam ver eles.
- O povo preto foi expulso do centro quando virou livre, antes tinha as região ali ao redor do rio que eles ficavam, tinham os terreiros, os bar, essas coisas. Mas na verdade, antes mesmo disso. Quando o tal do imperador disse que vinha, sabe aquele?
- Imperador? - *Estou mesmo observando uma senhora me contar sobre o tempo em que Dom Pedro I ou II visitou Desterro? Não pode ser.*
- Fia, não fica rodando na cabeça. Escuta porque tenho umas coisa pra dizer. O pai veio antes, no começo das tempada de 800. Mas aqui eram tudo desavisado. Ele veio passando porque ia pra guerra, essa aqui do sul.
- Guerra do sul? Em 1800? Farroupilha?
- Tá doida, fia? Esqueceu as aula de escola, é? Bota na régua, oh.

Ela levanta seu braço direito e faz um risco no ar com o dedo indicador. Faz pontos em cima da linha.

- No começo de 800 ali, veio o pai. Mas só veio passando por conta dessa guerra aqui do sul, com os espanhol. Tu não lembra o nome? Eu que tô velha...

Busco fundo na memória.

- Guerra da Cisplatina? Uruguai e Argentina?
- Isso! Tá. Aí depois avisaram os morador quando já era o filho - aponta para o segundo ponto no ar.
- Dom Pedro II, então?

- Quando esse daí veio, foi acho que 840? - faz uma pergunta retórica e olha para cima - É. 1845. Eles fizeram uma reforma da cidade. Não tinha um monte de prédio importante, público, nem casa direito, nem rua e lajota bem certinha assim, sabe? Tinha, claro, mas porque os cavalo foram abrindo e passando e formando as rua. Mas não era certinho. Daí nessa aí, já começaram a limpar a cidade. Quer dizer, limpar mesmo não limparam, porque os esgoto e as coisa podre continuava por ali. Só tiraram de perto os preto mesmo. Não queriam ver que tinha. E quando eles não eram expulso, vivia escondido nos porão das casas onde tinham as cozinhas. Quer ver? Vai um dia na rua atrás do mercado, ali. Tem só casarão com sala embaixo da terra. Hoje tem loja, mas antes era onde ficava as cozinha e morava os acorrentado.

Ela retorna para a ruela em frente ao terreno baldio, caminhando lentamente, enquanto olha para os lados para reconhecer onde está e fica parada me observando aproximar.

- ... eles subiam aqui para morar. Da noite pro dia, tinha mais e mais casa. Os mais antigos faziam com estuque e chão batido. Daí depois foram pegando caixa de mercadoria no centro para as paredes e o teto era lata de querosene. E assim foram habitando minha terra. Cada família que vinha, logo já criava outra por aqui. Todos sempre se ajudaram. Aqui sempre foi assim. Eu dei o que eu podia, eles foram construindo e fazendo o que podiam também. De retorno, construíram a casa dos vizinhos e comemoravam dançando mazuco e valsa. Sabe? Era bonito de ver eles se formando.
- A comunidade? - começo a segui-la caminhando na ruela ao meu lado.
- É. Porque vê só. Eu dei o que eu sou e o que eu tenho. E eles cuidam daqui e se ajudam. Não tem cada um por si. Aqui eles foram coletivo desde o início. Na dificuldade, quem menos tem, mais dá. Pode ver, fia. Quando eles não tinham onde morar, o que comer e que serviço trabalhar, continuaram fazendo o que sabiam e vieram para cá. E sempre trouxeram quem precisava junto com eles. Uns cuidavam dos bode mais pro canto de lá do morro, na ponta. Daí vendiam e comiam isso. Oh, igual essa vendinha aqui do lado. - ela aponta para uma residência com um espaço aberto virado para rua, como se fosse a garagem da casa, com um mercadinho junto de um bar. - Outros só moravam aqui e trabalhavam fora. Trabalhavam mas continuavam ganhando nada, né. Coisa de recém desacorrentado. Igual hoje, fia.
- A região mais inclinada para lá é o Morro do Bode por isso? Se criavam bodes naquela região? - é a região à nossa esquerda. Para quem vem do centro e passa pelo túnel, o Morro do Bode é a região que se vê acima à direita.

- Sim, ali ficavam os gado, as cabra. Daí vendiam ou comiam, né. E tinha as lavadeira aqui pra baixo também.

Aponta para a sua diagonal à direita, novamente me parecendo a região próxima onde fica o Hospital Caridade e a entrada do Mocotó, mas daqui, não consigo observar.

- Ali é o Menino Deus, né. As mulheres lavavam as roupas da cidade toda praticamente subindo aqui pro Largo 13. Deixavam secar no muro ou até nos arame aqui pra cima. Antes, de longe, quando se olhava para cá, se via muito varal de roupa. Parecia umas bandeirinha por todo o morro. Era roupa de oficial de polícia, gente com dinheiro, gente sem dinheiro. Tudo lavava ali embaixo com o povo daqui.
- A senhora tá me dizendo então que já tinha gente morando aqui no século XIX e no século XX?
- Vish, fia... tu não sabe de nada mesmo, né?

*Caraca, achei que essa região tinha sido ocupada só beeem depois da construção do Hospital Caridade, ou até mais tarde, quando tiveram os aterros, sei lá.*

- Fia, isso aí é o que todo mundo pensa. Mas eu sou mais velha e fui casa pra muita história. Essas pedra aí - aponta para as rochas na encosta do terreno onde estávamos - é o que eu sou, né. É tipo os osso que tu tens também nos braço. Eu sou isso aí por dentro. E sou muito velha, fia. Não é que nem esse outro que nevou ali, como chama?
- O Cambirela?
- É. Esse aí é novinho. Aqui na cidade tem muito maciço como eu. Tem esse aqui de trás que é morro. Aqui dos homem dos peixe.
- A Costeira?
- Eu tô ruim de nome, viu? Memória tá se indo logo. Enfim, esse daí é morro e é velho um pouco também. Já eu tô aqui há muito tempo.
- Tem mais de um maciço?
- Onde?
- Aqui.
- Assim, isso aqui tudo é nós. Nós eu digo eu e os outros morro aqui, né. A gente é tudo um maciço só, mas cada um sente a sua própria história, né. E as pessoa tão junto comigo antes mesmo das construção todas. Antes mesmo dos desacorrentado, tinha os acorrentado fugido ou os livre. Daí depois de umas boa

tempada começou a vir os serrano, os nordestino. Bem recente, claro. Agora tá cheio desses espanhol aí.

- Venezuelano?
- Isso. Ali na Serrinha, tu sabe. Umas pernada pro lado de lá. Tá cheio de haitiano e venezuelano. Viu? Sempre fomos casa. Pra todos. E eu aqui desses lado, vendo tudo o que aconteceu e sabendo da história aí dos asfalto, nunca nego teto e comida pra ninguém, fia. Eu só cobro o que não me dão de volta.

E num abrupto momento, sem pensar, somente na ingenuidade e no poder da resposta, eu pergunto.

- O que não te dão de volta?

Ela para de caminhar e vira seu pescoço rapidamente, me olhando no fundo dos olhos. Suas sobrancelhas estão enrugadas junto à testa. Seu olhar muda. *Dor? O que eu falei?*

## “Sobe aqui pra tu ver”

*A história de Luiza e Paulo*

Luiza Cristina Cabral Antunes, uma mulher branca na casa dos seus 30 anos, é a irmã caçula de dois irmãos. Ledenir, o mais velho, que foi criado pela avó materna, e Ricardo - o comandante e percussionista cuja história abre os perfis deste livro -, com quem ela cresceu muito próximo. Os dois irmãos, após a separação de seus pais, passaram por alguns problemas, o principal deles, a fome.

Sua madrasta, Lena, estava em um relacionamento quando se envolveu com seu pai e o ex-companheiro não gostou nada disso. Um dia ele atirou em Lena deixando-a sem andar e falar por um bom tempo. Seu pai então decidiu continuar a relação com ela e sair de casa, mudando-se para Tijuquinhas, uma região da cidade de Biguaçu, pertencente à Grande Florianópolis. Ele permaneceu um período sem pagar pensão até que dona Nair, a mãe de Luiza, conseguiu colocá-lo na Justiça. Nesse meio tempo, Nair trabalhava como empregada doméstica, mas nem sempre conseguia sustentar os filhos. Passou a sofrer de profunda depressão após o divórcio. Sem contar que ela e os dois filhos, Luiza e Ricardo, continuavam morando no porão da casa dos avós, um local sem janela e banheiro. Mesmo depois de conseguirem judicialmente receber a pensão, a mãe geralmente utilizava o dinheiro para jogar, deixando os filhos na mesma situação de miséria.

Por todo esse contexto em que viviam, Luiza relembra engasgada das diversas vezes em que a mãe trazia restos de comida dos pacientes do Imperial Hospital de Caridade, que fica ao lado da comunidade do Morro do Mocotó, para que eles comessem a única refeição do dia. Hoje ela convive com o medo de os filhos passarem a mesma necessidade que ela. “[Chorando] *Sempre fiz de tudo. Eu sei o que é passar fome, sei o que é ver uma criança comendo uma bolacha e não ter uma para comer. Eu faço de tudo. Não é mimar, é dar o que eu posso. Eles sabem que se eu tenho condição de comprar hoje, é porque eu posso*”. Para ela, conseguir comprar o que os filhos pedem no mercado é uma gratidão imensa e, muitas vezes, acaba comprando até em exagero os alimentos para a família. Foram incansáveis as vezes em que Nair chegava em casa com comidas em balde, encontradas na rua, e os dois filhos precisavam tirar bitucas de cigarro jogadas de dentro do recipiente para poderem se alimentar. Nessa época, Luiza tinha uns 6-7 anos e já sabia fazer tudo dentro de casa, como cozinhar e lavar. Os dois irmãos retratam a própria infância como um período em que foram “criados pelo mundo”, ou, neste caso, pelo próprio Mocotó. Luiza vivia na rua e relembra de um período em que o morro era seguro para brincar a qualquer horário. Costumava ficar até 3h ou 4h da madrugada jogando bolinha de gude, pipa, brincando de esconde-esconde e pega-pega.

Nascida e crescida na região do Morro do Bode, acima do túnel Antonieta de Barros, Luiza passou a morar anos alternados entre a casa dos pais, uma realidade que foi diferente da de seu irmão Ricardo. Até chegar aos 10 anos de idade, houve tempos em que ela morou com a madrasta e o pai em Tijuquinhas, onde lembra que costumava ir à escola porque era obrigação, diferente de quando ficava com sua mãe no Mocotó, onde não era exigida a sua presença em sala de aula. Em Tijuquinhas, brincava na chuva e pegava girino na cachoeirinha, atividade que relembra de forma nostálgica e sofre por saber que seus filhos, hoje, não apreciam a rua da mesma maneira.

A presença da Polícia Militar de Santa Catarina no Morro do Mocotó é constante, já que costumam fazer treinamento das patrulhas em pleno bairro e à luz do dia. Por ter uma mãe viciada em bingo e jogos, nunca teve uma figura de mãe presente, e a madrasta, por um bom tempo, cumpriu esse papel mais árduo da sua educação. Foi ela quem a ensinou a usar um absorvente, por exemplo, porque sua mãe nunca a teria mostrado como colocá-lo.

E pelas dificuldades financeiras, Luiza começou a trabalhar muito cedo na vida. Seu primeiro emprego de carteira assinada foi no Cine Ritz, cinema que havia no centro de Florianópolis, ao lado da Catedral. Depois disso, já trabalhou como faxineira, babá e cuidadora de idosos. Por mais que tivesse muitas razões para reclamar da vida, a parte mais difícil ela se recorda de ter ocorrido quando viveu no porão, sem água encanada. *“Ou dependia do banheiro da casa da minha avó, já mesmo depois de adolescente, ou então eu tinha que fazer em casa dentro de um saquinho”.*

Deixou de morar com seu pai depois dos 10 anos. Quando tinha 14, conheceu um homem chamado Paulo, em um dia em que caminhava com uma amiga pela comunidade. Ele estava do outro lado da rua quando a viu. Em suas palavras, ela não gostava dele porque *“[ele] se achava muito. O bandidão, o cara, ele andava armado... Não gostava disso.”*

- *Quando eu vi ela, eu tava vindo dos meus negócios, e tava com a minha pistola, aí coração bateu mais forte, assim...*
- *Só no pensamento mesmo, né?* - interrompe Luiza, irônica.
- *Ela me esnobou por um bom tempo* - Paulo completa, rindo.

Paulo se aproximou de Luiza quando passou a acompanhá-la até sua casa, argumentando que o morro já não era mais tão seguro assim para ela andar sozinha. Depois de muita insistência, os dois se tornaram amigos, mesmo com Dona Nair não apoiando nem um pouco essa aproximação. *“Todo mundo sabia quem era o Paulinho. Ele era chamado de monstro porque ninguém podia falar nada para ele que ele já batia. Era revoltado”.*

Como grandes confidentes, os dois passaram a conviver e sair juntos. Com o tempo, a mãe de Luiza passou a permitir que ela saísse com ele. Para ela, dentro do morro, nada poderia acontecer com a filha se ela estivesse com Paulo, porque ele faria de tudo para defendê-la. Enquanto isso, Luiza passou a conhecê-lo melhor por trás da aparente marra e com insistência, ele começou a conquistá-la. Nessa época, havia um bar chamado “Vandinha” que costumavam frequentar. Paulo avisou todos os amigos que, quando a Luiza chegasse no local, iria chamá-la para dançar. *“Aí me puxou, me empurrou contra a parede e me deu um beijo”*.

- *Ela não queria, né. Não foi recíproco, assim. Não foi legal.*
- *Ah!, mas eu já tava a fim de ti... Depois desse dia eu comecei a sentir algo a mais por ele. A me apaixonar mesmo, mas não demonstrava. Às vezes, quando ia me despedir e dar um beijo na bochecha, pra provocar, eu dava um no canto da boca, assim.*

Luiza dá risadas altas ao contar de como começou o namoro com Paulo. Uma outra grande testemunha deste romance foi o bar “Bandeirante”, onde costumavam marcar presença todos os finais de semana. Uma noite, o “esquenta” seria no Bandeirante e depois, os dois, junto a outro casal de amigos, iriam para uma casa de praia por dois dias. Nesses dias, haveria uma festa à fantasia e eles já haviam combinado de ir como dois soldados. Ao chegarem na casa, os meninos haviam mentido. Não tinha nada na residência. Nem mesmo uma cama. Os dois haviam cortado um colchão de solteiro ao meio para cada casal e foi neste fim de semana que Luiza e Paulo passaram sua primeira noite juntos, na beira da praia. *“Agora vou te namorar e pedir tua mão para tua mãe”*, disse Paulo. Mas Luiza respondeu garantindo que a mãe não iria permitir. Na época, Paulo tinha 25 anos, e ela, 14. *“Ele respondeu que ela [Dona Nair] podia me mandar para qualquer lugar, que ele iria atrás”*.

No caso, o que aconteceu é que Luiza foi mandada por Paulo para diversos lugares. Quando pedida em namoro e sem o apoio da mãe, ela fugiu de casa. Passou alguns meses morando escondida em lugares que Paulo esquematizou, como em um rancho de canoa na Praia da Tapera ou em barracos na cidade de Palhoça. Sua mãe chegou a colocar a foto dela no jornal, na coluna do então jornalista policial Helio Costa, procurando pela filha. *“Fiquei escondida até no próprio morro, do lado da minha mãe, mas ela não sabia que eu estava ali”*. Nesse período, enquanto Luiza morava de favor na casa de um amigo de Paulo, ele foi construindo um cantinho para os dois morarem juntos. Praticamente, um espaço que era somente uma peça, um quarto de uma casa, para onde logo se mudaram depois de pronto.

Em uma tarde, já morando nesse lugar próprio e grávida de seu primeiro filho, mas sem saber, Luiza estava trabalhando como babá quando Paulo apareceu em casa. Ela pediu para que ele olhasse o bebê enquanto ela ia em uma vendinha que tinha ali perto comprar alguma coisa. Nesse meio tempo, o antigo amigo com quem Luiza morou e que havia entrado em uma briga muito feia com Paulo, passou atirando na casa. Paulo conta que só teve tempo de se virar de costas para proteger a criança e depois correu para a janela, para tentar desarmar o homem. Por isso, levou quatro tiros, incluindo um na coluna, até que o quinto, e último, atingisse seu pescoço fazendo-o cair no chão. *“Eu entrei para defender o Paulinho e ele [o homem, ex-amigo] me empurrava e me batia. Apontou a arma para a minha cabeça, mas quando atirou não tinha mais bala. Daí saiu correndo e eu fui atrás dele. Quando voltei, encontrei o Paulinho caído no chão com o cérebro pra fora”*, relembra Luiza.

Paulo foi levado para o hospital e Luiza foi impedida de visitá-lo. Por lá, havia se espalhado a notícia de que ela era culpada pelo acidente. Foi no meio de toda essa aflição que Luiza descobriu que estava grávida de Gabriel, seu primeiro filho. Paulinho estava em coma no hospital, e ela, sem casa, porque a que moravam tinha sido totalmente baleada. Por isso, resolveu retornar a morar com a mãe. *“Foi um momento muito difícil. Eu estava grávida com 16 anos, sem marido, sem casa, o morro inteiro dizendo que o pai do meu filho não era o Paulinho, com minha mãe insistindo que eu tomasse remédios para abortar, mas eu nunca faria isso”*. O médico que o atendeu, professor de neurologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), deu Paulo como morto. O casal conta que até hoje utilizam seu caso para estudos porque não há justificativas científicas que expliquem como ele continuou vivendo normalmente após uma bala atingir sua cabeça e coluna. *“Eu vi muita coisa quando tava em coma”*, contou Paulo sobre algumas experiências sobrenaturais.

- *Eu vi minha mãe chorando do meu lado quando eu tava internado. Eu conseguia também passear pelo hospital e entrar nos quartos dos outros. Um rapaz chamado Ramon dividia o quarto comigo e dizia para minha mãe que não precisava chorar, pois eu iria sobreviver. Eu contei depois para ela que eu vi uma bola saindo da barriga dele, que depois saía pelo teto. ‘Ele passou por ali, mãe, por aquela bola’. Enquanto eu conversava isso com a minha mãe, o menino morreu e eu fui melhorando aos poucos.*

Ao fim desta confissão, Luiza interrompeu Paulo e disse: *“quando Deus escolhe, ele não prepara os já preparados, ele prepara os escolhidos”*.

[A Luiza te salvou?]

- *Em partes - Luiza responde - porque eu não sabia que ele usava droga, mas sabia que ele estava envolvido com isso de alguma maneira. Eu disse: 'ou tu sai dessa vida, ou a gente não fica junto'. Tanto que ele parou de vender mesmo. Mas ele continuava usando drogas. Eu cansei de botar cocaína na privada e dar descarga e endividar ele no morro.*
- *Eu só não usava na frente dela até então. Um amigo saiu da cadeia e foi morar junto comigo, e aí foi quando comecei a usar na frente da Luiza, junto dele.*
- *Ele me obrigou a usar. Hoje eu lembro da cena e não consigo entender como tem gente que consegue usar isso. Gastamos mais de 700 reais só com cocaína, gente. Nós dois e um casal de amigos. Eu tive uma overdose sozinha. Eles saíram de casa e eu fiquei ali. Escutava gente falando e gritando comigo. Eu nunca mais usei. Mas ele depois disso se afundou, começou a beber, misturava os dois... Ia pra bar e voltava só de manhã... Via monstro, andava com faca debaixo do travesseiro...*

Num dia no meio do feriado de Carnaval, quando Luiza já estava grávida da sua segunda filha, Safira, Paulo insistiu para ir ao morro comprar droga. O rapaz o ameaçou com uma pistola na cabeça, não querendo vender a droga para ele, e só não atirou em Paulo porque viu que ele estava acompanhado da mulher, e ela estava grávida.

- *Saindo dali, ele saiu correndo.*
- *Eu estava no fundo do poço - complementa Paulo, emotivo.*
- *Foram sete anos que foi horrível, assim. Ninguém mais queria estar perto dele. E foi quando começou a agressão e tudo. Até que me separei.*

Luiza passou um tempo na casa da sua mãe depois da separação. Os dois filhos às vezes ficavam com Paulo até ela não deixá-los mais ir.

- *Teve uma vez liguei pra ele e na hora que ele falou "alô" eu já sabia que ele tava drogado. Era 4 horas da manhã. Saí correndo do Morro do Bode e fui até a casa dele no Mocotó. Quando cheguei, tinha um punhado de cocaína do lado da Safira. Dá até vontade de chorar só de lembrar [Ela faz uma pausa com a voz embargada]. Eu cheguei em casa, dei banho nela e fiquei analisando o corpo inteirinho, pra ver se ele não tinha mexido com ela. Deus que me perdoe, sei que esse tipo de coisa ele nunca faria, mas quando as pessoas estão drogadas... Morri de medo.*

Depois deste ocorrido, Luiza não deixou mais seus filhos com Paulo. Relutaram muito e se enfureceram com a mãe por separá-los do pai, mas foi a maneira que Luiza encontrou para assegurá-los. Pouco tempo depois, uma enfermeira do Hospital Celso Ramos ligou para seu celular alegando que um paciente, Paulo, estava internado

precisando de auxílio e este era o único número que ele lembrava. Quando o encontrou na maca, estava todo sujo, descalço e fedendo, “*ele parecia um morador de rua*”. Paulo tinha sido preso porque arranhou briga e bateu nos seguranças do Terminal Rodoviário Rita Maria. Desde o dia em que a ex-esposa tirou Safira de sua casa, ele ainda não tinha voltado. Na cela da delegacia, os policiais perceberam que ele começou a ter uma overdose e chamaram uma ambulância que o levou até o hospital.

O médico alertou Luiza e a mãe de Paulo de que, se ele usasse qualquer tipo de droga mais uma vez, ele não sobreviveria. Luiza recorda que respondeu: “*pois, então, o senhor interne ele, porque, se ele sair daqui, ele vai morrer*”. Neste dia, ela avisou a ex-sogra que já tinha cuidado muito de seu filho e que, agora, era ela quem deveria assumir a situação.

- *A Luh sofreu muito na minha mão.*
- *Eu tenho muitas marcas [levanta seus braços mostrando os cotovelos] até hoje.*
- *Não cheguei a bater na minha mãe, mas na Luh, meu deus... [pausa]*
- *Eu falo para ele que eu perdoei ele, mas não tenho como esquecer. E acho que hoje eu nem deveria. Faz parte da minha história. Hoje sou muito feminista. Aprendi a ser. E se uma mulher chegar para mim e me contar que está sendo agredida pelo marido, eu faço de tudo para ela... Ir até a delegacia e pedir ajuda... Porque eu não conseguia pedir socorro.*
- *Não é nem que não conseguia. Nós levávamos uma vida que era proibida, até um certo momento. Porque era um modo de vida totalmente errado. Tudo tava errado. Isso era só a última gota que faltava para transbordar o vaso. Então, aconteceu tudo isso, eu tive que aprender na dor e ela teve que aprender na dor também. [Luiza, que costuma falar bastante e interrompê-lo para contar as histórias, neste momento, permanece em silêncio escutando o marido. Da mesma forma que fica mais séria, uma reação anormal ao seu humor alto-astrol, mesmo enquanto falava sobre tragédias]*
- *Isso não é certo. A culpa não é dela. É totalmente minha. Nenhuma mulher merece agressão. Todo ser humano merece respeito. Hoje em dia eu consigo ver desse jeito, mas, antigamente, o ser humano era um pedaço de carne. Era só um pedaço de carne que eu tinha que moer.*
- *Eu acho que ele fazia isso porque via o pai dele fazendo. A minha sogra passou por muita coisa.*
- *Meu pai era alcoólatra - Paulo a interrompe -, quando minha mãe chegava em casa, ele batia nela. Sem motivo nenhum. Era para eu ser o contrário, né. Não era para ser agressivo. Era para eu ver o sofrimento da minha mãe e não fazer o mesmo.*

*Mas eu achava que eu tinha que ser respeitado por tudo. Qualquer coisa que eu falasse era uma ordem. Hoje em dia eu posso dizer que eu era um imbecil. Uma pessoa sem caráter, sem nada. Uma pessoa vazia. Só valia a minha opinião e o que eu falava, o que eu queria. Infelizmente eu era assim.*

Em uma noite quando era jovem e a mãe chegou em casa do trabalho, Paulo foi defender sua irmã e a mãe de seu pai. Só que acabou apanhando também. Tanto do pai quanto, mais tarde, da própria mãe. *“Acho que na visão dela, ela iria sair para trabalhar e eu ia ficar sozinho. Eu tinha que respeitar ele. Se não, ia continuar apanhando. E daí, ia ser só mais um apanhando”.*

\*

Paulo Rogério Gomes Antunes, o Paulo, um homem preto na casa dos seus 40 anos, nunca morou fora do Mocotó, exceto quando esteve na penitenciária masculina no bairro Agronômica, em Florianópolis, ou quando estava em um centro de reabilitação.

Foi criado pelos pais, Áureo e Bernadete, e é o filho do meio. Seu irmão caçula, Wagner, e sua irmã mais velha, Paula, também nunca saíram do morro. Sua mãe trabalhou muitos anos em uma casa de família alemã e Paulo tem memórias gostosas de quando passeava com os patrões de Bernadete na Lagoa da Conceição, quando corria pelo morro e brincava de pega-pega na rua.

Como Luiza, a infância de Paulo acabou muito cedo. Já com 11 anos, frequentava um ambiente de tráfico. Seus primos costumavam vender cocaína e, por isso, com mais ou menos 13 anos, passou a usar e vendê-la também. Durante a vida jovem, sua mãe insistiu muitas vezes em seu estudo, chegando até a se matricular junto com o filho, para que ele não causasse problemas e se mantivesse regular no colégio. Porque, em um ano escolar, ele havia sido expulso mais de 10 vezes. Mesmo assim, Paulo continuou afirmando que achava que aquele ambiente não era para ele. Que não deveria estar na escola. *“Eu já tava vendendo e envolvido, mas ela não sabia”.*

Com 13-14 anos, ele já tinha sido preso. Bernadete constantemente o tirava dos centros de recuperação para menores de idade. Quando tinha 15 anos entendeu que usar e vender não iria funcionar. Era melhor ele só vender a droga e ganhar dinheiro. *“Eu via meus primos e achava aquilo ali um máximo. Porque o ‘top’ para mim era cair na mão da polícia e não abrir a boca. Via meus primos apanhar da polícia e achava isso*

*top. Que eu ia impor respeito e ser considerado". Com 17, se casou com sua primeira mulher e, mais tarde, quando já era maior de idade, ficou 11 meses preso por tráfico de drogas, até que fugiu. Permaneceu seis meses solto, vivendo uma vida de muitas liberdades e curtição, até que foi preso novamente e, desta vez, encarcerado por diretos cinco anos e oito meses.*

- *Na cadeia, eu era considerado um dos cabeças. Como falei, me considerava um máximo, então, eu entrava em briga, liderava as rebeliões, participava das coisas. Fiz parte de duas, da rebelião de 1998 e 2001. Os presos tentaram pegar um padre que dava aula de religião... Subornamos uma arma de um carcereiro... Muita coisa... É assustador [rebelião]. Morre muita gente.*

Para Paulo, ver a luz no final do túnel e sair da prisão era impossível. Mesmo quando todos os sinais apontavam que o último dia de penitenciária estava próximo. Ele foi um dos primeiros presos a ir para o "entre-muros", um local de regime semi-aberto do Presídio Masculino Regional de Florianópolis, onde hoje ele acredita que o estavam testando para logo liberá-lo. *"Era só um murinho. Dali já dava na rua".*

Como essa realidade era muito distante em sua cabeça, mesmo depois de ir para o entre-muros, arranhou uma briga feia. Um dia, sua cunhada Ana, mulher de seu irmão caçula Wagner, foi visitá-lo. Ele conseguiu enxergá-la na rua enquanto estava chegando e um homem que estava preso mexeu com ela. *"Falou besteira para ela. Eu tentei matar ele. Só não consegui porque ele foi mais rápido, se escondeu, e nem consegui chegar a tempo, os presos já separaram. Daí o carcereiro veio e transferiu ele para o pavilhão da Palhoça, porque eu disse que se ele ficasse ali, eu matava".* Neste dia, faltavam somente quatro meses para Paulo ser livre.

Paulo conta que hoje em dia vê crianças no morro que acham normal o tráfico, e consegue entendê-las porque, para ele, também era. Fazer parte desta união era algo muito valioso para o seu caráter. *"Eu preferia apanhar do que delatar. Pra mim era um orgulho isso. Bater em policial e depois ser humilhado por eles. Já me arrancaram unha, tiro na perna... Pra mim era normal isso."* Hoje ele já não vê mais as coisas desta forma. Sua família, a parte que trabalhava com tráfico, não trabalha mais porque, ou morreram, ou foram mortos.

[Tu já matou alguém?]

- *Perguntinha difícil, hein? [desconversa] Eu sei o que eu fiz. E eu sei o que eu mereci.*

Depois que Paulo saiu da cadeia, com seus 24-25 anos, foi quando mais usou drogas. *“Eu entrei como aluno e saí como profissional”*. Segundo ele, havia perdido a infância na cadeia durante todos esses anos e, quando saiu, era como se estivesse com todas as suas vontades de ser adolescente e, como afirma, *“ficou perturbado”*. *“A volta foi um retrocesso e um outro processo. Quando sai, vi que a liberdade é boa”*. Acontece que nesse mesmo período, um ano após sair da cadeia, foi quando viu Luiza pela primeira vez, no outro lado da rua.

Depois que tiveram o primeiro filho, Gabriel, e que Paulo estava recuperado dos tiros que levou, por conta da casa que haviam construído ter sido baleada, o casal passou a morar no porão onde Luiza e Ricardo cresceram com Dona Nair. Os avós de Luiza já haviam falecido e a mãe subiu para morar na parte de cima da casa, deixando a peça para a família que estava se formando agora. Depois de alguns percalços, a mãe de Paulo, Bernadete, os ajudou a ter a própria casa, onde moram até hoje. Em uma região bem no coração do Mocotó, perto do Imperial Hospital de Caridade.

Depois de muitas fases difíceis que o casal passou juntos, enquanto Paulo saía de casa e não voltava por dias, Luiza ficava noites acordada com medo de ele chegar e fazer algo com ela ou com seu filho Gabriel, porque sabia que a droga pode deixar a pessoa muito alucinada. Depois que sua segunda filha nasceu e eles se separaram, permaneceram distantes até que o hospital ligasse para Luiza informando que Paulo estava internado. *“Eu fui. Eu fui porque eu sempre amei ele. Eu nunca consegui esquecer o Paulinho”*. Como Luiza havia orientado o médico, Paulo pediu para ser internado em uma clínica de reabilitação. *“Não adianta uma pessoa, naquele estado, ser internada à força. Não adianta. Ele vai voltar a usar. Decidi que queria porque não dava para continuar como eu estava. E na minha cabeça, eu tava indo ‘preso’ porque eu queria, e não porque precisava”*. Paulo permaneceu um mês na clínica até que pediu para sair. Durante essas semanas, ele não conseguia aceitar as diversas restrições e regras impostas pelo local, como, por exemplo, o monitor ter o direito de falar com sua ex-esposa e filhos e ele não ter esse acesso. *“Eu tinha vontade de matar ele. E eu ia acabar fazendo mesmo, se continuasse lá. Eles já sabiam da minha história e do meu histórico. Tinham medo. Já não me deixavam entrar na cozinha pra não alcançar as coisas. Aí pedi pra sair. Fui falar com o pastor e expliquei que ia acontecer algo ruim se eu ficasse ali”*.

A clínica na qual Paulo foi internado era ligada à Igreja Evangélica. Semanalmente, os dependentes participavam de cultos e o pastor era um dos responsáveis pelos pacientes. Quando pediu para sair, o pastor o levou até um ponto de ônibus e deu o valor de uma passagem para ele. Paulo então entrou no primeiro veículo que passou, sem nem mesmo checar até onde estava indo. E, nesse momento, disse que ouviu Deus conversando com ele sobre a necessidade de mudar de vida.

- *Pensei: 'vai direto no Rita Maria. Tenho que pedir perdão pros caras que eu briguei, tenho que resolver isso', mas, ao mesmo tempo, tinha aquele sentimento de 'Desculpa? Pedir perdão para policial? Eu? Onde?'. Para mim isso não cabia. Mas eu tinha uma obrigação de ir pedir perdão. Desci na rodoviária e fui falar com os seguranças e com a polícia.*
- *Mas tu ouviu a voz de Deus? - Luiza pergunta.*
- *Não é algo que se ouve, é algo que se sente. É algo muito forte dentro de mim. Daí vi que não era mais eu, não existia mais. O Paulinho tava ali, mas não era mais o Paulinho 'O Monstro' que estava ali. Cheguei para falar com os guri [tráfico] e avisei que não queria mais.*

[O que te fez virar a chave?]

- *Antes, eu não sentia medo. Eu tinha mais amor por um cachorro do que por uma pessoa, porque, para mim, as pessoas pensavam e faziam as coisas sabendo, conscientes. Briga para mim era só um pedaço de carne, até acabar aquela fúria. Tanto que eu era chamado de Monstro. Os cara armado e tudo, e eu não tinha medo de morrer. Agora, o que fez eu mudar foi o medo de Deus. O medo que eu tenho agora de saber que Deus não vai gostar e se agradar com as minhas atitudes. Não que eu vá ser perfeito, não é isso, mas vou fazer o máximo que eu puder para agradar.*
- *Talvez agora porque ele sabe que existe o paraíso e o inferno. Medo de Deus nesse sentido - conclui Luiza.*
- *Saber que eu posso não ser salvo, me dá aflição. Para mim, os casqueiro, morador de rua, que sofre com droga, é uma doença. Porque eu já tive essa doença e meu remédio foi Deus. E ponto. A minha doença não era só a droga. Era não ter medo. Era a raiva, a revolta, o sentimento ruim que tinha dentro de mim. Sinto ainda, porque sou ser humano, mas não boto para fora [sobre a fúria]. Prefiro me afastar e não chegar naquele ponto.*
- *Ele aprendeu a pedir desculpas e perdão para o cara que disse que ia matar ele, mesmo não tendo nenhuma culpa - Luiza conta orgulhosa sobre o marido.*
- *Aquele amigo que me baleou. Eu disse para ele um tempo depois, quando já tava de volta no morro. 'Peço perdão para ti pelo o que eu pensei em fazer contigo, depois que tu me deu os tiro, me perdoa. E eu te perdoo. Já te perdoei faz tempo'. Porque, até então, [antes da reabilitação] eu fiquei cinco anos atrás dele junto com os guri do morro. Caçando ele.*
- *De raiva e de vingança - completa Luiza.*

Quando voltou para o morro, depois da reabilitação e de muito tempo sem se verem, Paulo foi atrás da Luiza e dos filhos. Ela conta que quando o viu, não era a mesma pessoa. Que havia uma luz que saía dele, uma outra feição, como se fosse outra pessoa. A primeira coisa que ele disse para ela foi: “vamos todos nós para o culto juntos”. Desde esse dia, os dois começaram a se falar novamente e se entenderem. Depois de uns meses, voltaram a se relacionar e morarem juntos. Luiza passou a frequentar a igreja e foi batizada junto de Paulo e Gabriel, uma das lembranças favoritas da sua história. Para ela, a melhor coisa que fez na vida foi ter entrado para a religião e para a igreja junto do Paulo. Foi essencial para que retornassem a ter uma vida, um relacionamento, uma família.

- *Muita gente pede ajuda. Muitos do morro e que sabem a história dele, mas não conseguiram. Paulinho tirou um debaixo do viaduto, estava quase morto. Foi internado e tudo, já tinha conseguido engatar na vida, e acabou caindo de novo. Hoje tá ali de olheiro. Tem que querer muito. Na verdade o Paulo viu que ele ficou sozinho, que ele perdeu tudo, tudo. Ele não tinha mais nada. Não tinha vida. Então ele viu que ele deveria confiar em Deus.*
- [Paulo responde um pouco incomodado com a fala “querer muito” de Luiza] *É difícil para a Luiza entender porque ela não teve essa ‘conversão’ [no pós reabilitação], porque se ela sentisse, ia saber o que eu tô falando. É muito fácil a gente pegar e dizer que o culpado é a pessoa e a melhora da vida com Deus é mérito da pessoa. É uma luta muito grande... mas posso dizer que quando Deus entra no meio, não tem briga, não existe perda. O chamado está sendo posto e existe vitória.*

Nenhum dos dois consome álcool nem drogas. Agora Gabriel vai fazer 18 anos e espera um filho com sua namorada, Vitória, que tem 16, mesma idade que Luiza tinha quando teve Gabriel. A filha Safira, vai fazer 10 anos. No final de 2021, o casal fez a prova do Enceja para concluir o ensino médio porque, segundo eles, a sua própria vida é o maior exemplo para seus filhos e seu legado. Para que os filhos compreendam que é necessário ter muita garra, honestidade e perseverar, e que, para isso, é preciso o estudo, os dois foram atrás do mesmo.

Luiza hoje já tem cursos de recepcionista, cuidadora de idosos, liderança comunitária nos dois módulos e empreendedorismo, e, como diz, “arrasto o Paulinho para todos junto comigo”. Os dois estão buscando investimento para a cooperativa “Recicla Mocotó”, que criaram no curso de empreendedorismo. A ideia veio de um dia em que estavam sem dinheiro e Paulo vendeu alguns cabos e materiais que tinham em casa. Quando retornou, disse a Luiza que o lixo poderia ser dinheiro e que muitas pessoas podem encontrar uma renda nesse serviço. Por isso, arquitetaram uma cooperativa com o objetivo de limpar a comunidade que sofre muito com a falta de acesso dos caminhões de lixo e pela necessidade de uma educação ambiental fortalecida. Além de que observam que o morro

possui muitas iniciativas sociais para crianças e adolescentes, mas poucas que dão apoio a mães solteiras e desempregadas e até mesmo ex-presidiários que retornam sem emprego e sem perspectiva. Agora, eles buscam apoio financeiro para compra das máquinas necessárias para todo o processo de reciclagem, e um local apropriado dentro da comunidade.

Ambos trabalham ao lado de casa, no complexo de hospitais que envolvem o Imperial Hospital de Caridade e o Baía Sul. Paulo, depois de ter sido atendido no hospital em várias ocorrências, hoje trabalha na segurança do local. E Luiza, que por muitas vezes não passou fome porque sua mãe recolhia os restos de comida do próprio hospital, faz plantão como telefonista na madrugada. Os futuros avós estão ansiosos para conhecerem logo seu primeiro neto, Rhavi Luiz, ou, como Paulo tanto deseja que seja registrado, Paulo Rogério Antunes Neto, o Paulinho Neto. Eles estão terminando a obra da sua casa e muito felizes porque estão realizando um grande sonho de estruturar seu lar, que há anos é só de madeira. Luiza deixou de fazer o curso técnico em enfermagem para poder investir na construção, mas, para o próximo ano, quer retornar aos estudos e focar neste outro sonho de profissão. Paulo gostaria de trabalhar mais próximo a dependentes químicos e compartilhar sua história.

Os dois falam emocionados sobre a comunidade em que nasceram e vivem e relatam a sensação de viver em coletividade e parceria com os vizinhos, uma vivência muito diferente de outros bairros. Para encontrar empregos, muitas vezes já tiveram dificuldade porque, quando viam que eles moravam no Morro do Mocotó, as pessoas olhavam com cara feia. Hoje, sempre que comentam algo sobre a comunidade, costumam responder que quem é de fora não sabe como é lá dentro. *“Morar lá não é isso e o Mocotó não é isso. Tu tá com a visão muito presa no que a mídia tá te mostrando”*. Para eles, se pudessem ter uma conversa franca sobre o morro com alguém do asfalto, diriam: *“Sobe aqui para tu ver”*.



“Foi lá

No cruzeiro das almas

Onde as almas foram rezar

As almas choram de alegria

Quando os filhos se combinam

Também choram de tristeza

Quando não querem combinar”

- Foi lá no cruzeiro das almas - Ponto de preto-velho.

Estamos paradas. Ela está encostada em um muro com as pernas esticadas e inclinadas para a rua. Faz uns minutos que está quieta de olhos fechados a ponto de eu já ter começado a me entreter com as pedrinhas no chão. Chuto umas para um lado e para o outro. Já passei por todas as possibilidades em minha cabeça: estaria ela assim porque perguntei rápido demais? Por que a interrompi? Fiz uma pergunta obviamente besta? Ela sente que perde seu tempo comigo? Devo abraçá-la e me mostrar atenciosa? Devo pedir perdão? Se sim, pelo o quê?

Ela puxa o ar bem fundo. *Graças a Deus uma reação.* Observo seu corpo inflando e o buraco das narinas se abrindo, enquanto ela serra os lábios nos dentes e abre seus olhos, soltando o ar. *Rigidez?*

- Essas parte da história chegou até cedo demais. Tu também pergunta muito, viu?  
Minha mãe terra!

Eu a olho no fundo dos olhos. Este arco azulado que tem ao redor da pupila. Suas pintinhas ao redor dos poucos pelos de sobrancelha. Ela desvia os olhos. *Escondendo-se?*

- Tem coisa que a gente já sabe tanto que parece que não machuca mais. Mas aí quando é hora de dizer... - respira fundo novamente. O ar entra em seus pulmões aos poucos. Parece pesar tanto que o ar pesa também.

- Se a senhora não quiser contar, está tudo bem - estendo os braços para ela como sinal de acolhimento - Sinto muito por me meter assim.
- Fique atenta - ela respira e olha para o céu, se preparando para falar. - É assim. A gente vive numa ilha cercada d'água. Hoje tem gente que mora aqui e acredita que tem até orixá para ela. Sabe? Que a Ilha é protegida por muita entidade da água, conhece? Umas tempada para trás, tinha uns que já diziam isso. Que a água é benção. E tem uns aqui no morro que cultivam os terreiro e falam dessas protetora. Mas não é só isso, fia. A água, tu sabe, é a fonte de todos nós. De vida. De saúde. De proteção. Ela nos cerca e cuida da gente. Mas é também quem nos mantém vivendo. A água que a gente bebe, o chão molhado que a gente pisa, o mar e o rio que a gente banha e viaja. Desterro é rodeada de água, produz água.
- Desterro produzia? - interrompo.
- ...Aqui no meu maciço tem muita nascente. - ela ignora o que digo e continua - Era assim. Saía de todos os lado e no meu topo também tinha muita água. Hoje sobrou poucas que serve à comunidade. Chega nem a descer pro asfalto como antes. Antes banhava a cidade, ia até o rio da Bulha... caía direto no mar. Eu tinha água para dar e vender.
- O que é o rio da Bulha?
- Vish, fia. Tu não sabe nada mesmo daqui... Minha mãe terra! - Ela se desencosta do muro, ajeita sua roupa e volta a se encostar - É esse aqui que passava em frente. Foi tapado esses dia pelos homem, pra fazer espaço pra esses andador aí com roda.
- Carros?
- Não, aquele que é de uma pessoa.
- Moto?
- Bicicleta! - ela fala mais alto e levanta os braços. Comemora sua lembrança.
- A Avenida Hercílio Luz? - retomo a conversa.

- O Rio da Bulha, fia. Não tem nada de avenida. Eles taparam ele, mas não tem história que se tape.

*Rio da Bulha? Que nome é esse? Quantas histórias essa mulher sabe, meu Deus?*

- Na língua dos portugueses, bulha é barulho. Eles diziam que ali tinha muito barulho porque era região de muito bar e muito terreiro. Tinha som de atabaque pra tudo que é lado. Gente conversando, gente cantando, gente bebendo.
- Nossa. Que interessante. Até hoje tem muitos bares ali, não é?
- É. Sempre foi essa região mais afastada do centro. Tinha muito preto que vivia ali também até começarem a vir morar mais pra cá, pro maciço. Nesse rio, as lavadeira lavavam as roupa da cidade toda também. Tinha os homem que buscavam água limpa e levavam até as casa dos senhores. Depois traziam de volta as água suja.
- Quem eram?
- Os acorrentado, né fia. Antes era tudo eles que faziam. Não tinha esses andador, essas “tecnologia” que cês chamam. Era época que os preto vendiam nas feira nas praça mas não ganhavam nada. Tudo era dos senhor deles. A época dos tigre. Não gosto nem de lembrar.
- Tigres? - *Tinham tigres de estimação? Ela disse tigre, mesmo? Ouvi direito?*

Estava tão envolvida com o que esta senhora me contava que minha cabeça voava em mil pensamentos por segundo. Minha curiosidade me engolia.

- Eita! Respeito, menina! - Ela fala muito brava. Seu tom ríspido me fez me envergonhar. Não sei sobre essa história. Não sei o que essa senhora passou. Não conheço a profundidade desta vivência. Percebi minha arrogância. Devo ficar cada vez mais quieta e assim decido me manter, enquanto fixo meus olhos nos seus, observando suas diferentes feições ao conversar comigo - Muito respeito à história desse povo. Em Desterro, nada era de estimação.

Fico ouvindo a reprodução em eco dentro da minha cabeça. *“Nada era de estimação”. A potência dessa frase, meu Deus. Como se dissesse que nada era de brincadeira. Nada era um caso, uma comparação, um teste a ser avaliado e estimado. Na vivência dos “estimadinhos”, como se chamam os manezinhos - apelido para quem é natural de Floripa. Olha que ironia curiosa. Não há estimação para os estimadinhos. Em Desterro a vida era real. As dores eram reais. O povo preto viveu essa dor e vive constantemente. A vivência é realmente sentida.*

- Perdão, não quis ofender a senhora com meus pensamentos impulsivos.
- Tigre era o homem preto que carregava esgoto - ela continua.
- O acorrentado? Por que tigre?
- Lembra das caieira?
- Sim.
- Eles faziam cal aqui pra cima nas terra das comunidade do lado. E nesses tempos, não tinha cano que levasse água e nem esgoto, entendeu isso, não é menina? A tecnologia era o preto... Mas hoje em dia esses novo não prestam mais bem atenção da cabeça! - Ela resmunga sobre mim para ela mesma, enquanto se desencosta do muro e sacode suas pernas.

Seu pescoço e cabeça tremem, parece que um fio de energia lhe deu um choque, até que volta a se posicionar contra o muro.

- Não tinha nada. Tudo era meu povo preto que fazia. Esses homem tinham que carregar nos ombro os latão de esgoto, que colocavam cal por cima por causa do cheiro. Mas até chegar no rio, esse esgoto pingava e virava pelo corpo desses homem.
- Mas meu Deus, - sinto minha garganta fechar de dor enquanto cerro os olhos - o cal queima, não queima?
- Sim - Ela responde de forma seca e direta.

*Agora compreendi tamanha ofensa dos meus pensamentos impulsivos.* Seus olhos me observam como um ponto fixo. Esta senhora guarda tanta dor, enquanto engole à força uma saliva trancada na garganta. Há um tom poético nessa cena porque, na verdade, ao conversar comigo e lembrar, ela engole à força essa memória, de novo. Percebo isso porque não reage. Parece anestesiada ao contar atrocidades, mas não como se não sentisse. Sente, muito. Por isso, engole seco.

Ela respira fundo antes de continuar.

- Este cal, que pingava nesse homem, queimava a sua pele preta. Manchava. Pra sempre esses moço eram reconhecido como tigre. Uma marca. Uma dor.

Não consigo respirar e sinto que muito menos ela. Estamos as duas paradas de frente uma para a outra. O ar da comunidade parece ter pesado. *O ar pesa quando não há suficiente para todos.* Ela olha fundo em meus olhos e sacode a cabeça, concordando com meu pensamento que ouviu. Parece que a vejo, agora. Nesse momento, entendo a história que a carrega. E a que ela carrega. Agora compreendo o tanto que sabe, o tanto que viu, o que sentiu e sente. Agora me sinto desrespeitosa pelos meus pensamentos altos. Agora, muito mais que antes, quero abraçá-la.

*Quando será que ela transborda essas dores e consegue finalmente falar sobre o que vive? Será que consegue gritar?*

- Eu já gritei muito, fia.
- Como?
- É isso que tens que entender. Aqui, nessa Ilha, e em mim, nesse maciço, só consegue ficar quem deve.
- Quem deve?
- Assim, ó, fia. Minha terra é pros injustiçado. Porque eu fui muito injustiçada, entendeu? Me pegaram tudo. E em troca eu fui casa pra essa gente. E agora eles me cuidam. Tão aí querendo refazer nascente, proteger as mata que ainda tenho. Mas quem me fez mal e ainda acredita que não me deve, não fica aqui. Nem vê isso aqui. Igual tu não via.

- Não sei se entendi.
- Quem não é dessa terra não enxerga a gente. Só vê quem vive aqui. Os injustiçado foram colocado de lado, igual minha terra foi usada sem fim. Igual eles usam água como se não tivesse fim. E tem. Olha o rio, tapado. Olha esse mar aqui, sujo. - aponta para a baía sul, o mar que cerca o centro e a entrada da cidade - Sem praia. - ela aponta reto para a vista das pontes.

*Está falando dos aterros?*

- Nem me fale em voz alta esse nome - se irrita. - Não sabem a dor que senti quando me taparam os pé e quando me furaram o corpo e atravessaram. Eu sentia o mar na areia, nas pedra. Igual tu aí - ela aponta pros meus pés, se referindo ao chão batido desta rua, ao montinho de pedras que construí - Antes de taparem a prainha e aqui pra trás na Costeira, os homem dos peixe e os morador com fome arregavam as calça e pegavam berbigão na costa. Aqui, bem ali.

Ela aponta para baixo. Como se dissesse “era aqui, aqui do lado, em frente, muito perto, muito fácil”.

- Imagine, fia. Gente muito pobre sem ter o que comer. Era comida dada. Assim, sem ter que pagar pra ninguém. Não era de ninguém. Era da terra, era do mar, era dessa gente. E esses que nunca souberam não pescar, tendo que trabalhá por aí com outra coisa.
- Eram moradores daqui?
- Muitos daqui. As mulher não tinham mais rio pra lavar roupa, nem encosta pra esfregar e secar. Porque logo eles já arranjaram um jeito também. O rio da Bulha tinha uns que chamavam de vinagre. Umas tempada pouca depois dessas história que contei, eles faziam coro aqui na região, no centro. E lavavam e deixavam os resto de bicho ali no rio. Fedia muito, fia. Cheiro ruim. Aí colocava vinagre pra tentar não feder. Daí fedia à vinagre, então.

A cada frase dita, ela estica seu braço esquerdo e aponta seu dedo indicador para mim, fisicamente verbalizando uma sequência de absurdos. Como se ao listá-los, se indignasse com a dor de cada um deles, novamente.

- Que interessante - respondo rapidamente.
- Não é interessante, fia. É triste. Viraram as costas pro mar e pros protetor daqui. Pra riqueza dessas terra. Pra minha riqueza.

Ela coloca sua mão direita em cima de seu peito. Depois abre os braços, ainda indignada, com sua testa enrugada e boca serrada.

- Arrancaram o que a natureza dava pra essa gente que não tinha onde ir e o que fazer. É muita injustiça. Não tem mais rio. Não tem mais praia. Não tem nem mais água que sai de mim! - ela abaixa os braços e olha para o chão.
- O que aconteceu com tua água?
- Fia, assim - respira fundo. Parece puxar junto ao ar, paciência e didática para me explicar - O homem vem e ele vai mudando as coisa. Daí ele diz que quando ele muda as coisas, ele traz as tecnologias e o bem pros outros. Mas quanto mais ele muda, mais ele perde a "tecnologia" que já tinha, entendeu? - seu tom é irônico.
- Como assim?
- Ué, a natureza dá a água. Ela já dá. Daí tem o mar, tem cachoeira, tem riacho, tem rio, tem lago, lagoa, laguna. Tem muita chuva pra alimento. Tem vento. Tem fogo. Não é? Não foi o homem que inventou, entendeu, fia? Já era da mãe terra. Já tava aqui. Eu já tinha pra dar.
- E o que aconteceu com seus moradores que viviam da água?
- Tiveram que procurar serviço em lugar que não sabiam fazer. Tinha muita família aqui pra trás que todo mundo era homem de peixe. Coisa da família mesmo, cultural. Daí passaram fome, fia. Viveram em pobreza por muito tempo.
- E na sua nascente daqui, conseguem tirar algum proveito?

- Hoje eles usam pra casa, né. Para fazer as coisa da casa, mas não chega a descer o morro. Não chega no asfalto, entendeu? Não tem nem rio nem mar pra cair mais... Vai parar aonde?
- A água tá sendo deixada de lado... - complemento.
- Tá, fia. Tá mesmo. E olhe que absurdo, morar numa ilha e esquecer da água? Como pode esquecer de um negócio que vê todo o dia? - sua indignação a faz falar mais alto.

Sinto sua raiva e dor. Seu amor pela água em abundância e a saudade que sente. Esta senhora vê o mundo que não vejo. Agora consigo sentir a dor que é ser espectadora de mudanças tão drásticas. A dor que é não ter como fazer algo em defesa disso. Pelo menos, não de imediato. *E o quanto isso é, na verdade, no fundo, solitário pra ela.*

- Aí quando chove, fia - continua - É outro problema. Porque aqui não tem muita estrutura nem dinheiro. As casa são construída como dá. Aí as minhas encosta ficam bem molhada assim, e não tem o que eu possa fazer. Tem que chover. Às vezes eles perdem as casa. Todo mundo reza muito, mas é difícil. Tem coisa que a natureza não consegue impedir e proteger. Eu não posso. Não posso fazer tudo sempre. E aí vejo eles sofrer, de novo. De novo eles estão sofrendo comigo.
- E quem é responsável por isso? - Quero entender seu ponto de vista. Compreender numa maior amplitude sua vivência.
- Vish, fia... Se eu for te dizer... É todo mundo. É os senhor das tempada antiga, mas é os senhor de agora. É aqueles que nunca quiseram nada com essa gente nem com minhas terra, mas agora querem isso pra eles. Porque subiram aqui e viram que é bonito, que é perto dos lugar que eles querem ir, que é terreno bom. Querem vender e comprar terra que não tem dono. A dona sou eu. Antes eles me chamavam de Morro do Governo, tu sabia? - muda de assunto.
- Morro do Governo? Não sabia, não.
- Pois é. Tem até esse hospital dos militar aqui, né. - ela abre o seu braço esquerdo indicando para o Hospital de Guarnição de Florianópolis - é porque esse terreno era do Imperador e do governo, justo porque os governador controlavam a saída da

água que caía de mim até lá. Aqui na região tinha uns lugar que quem cuidava das terra eram umas família. Ali no Saco dos Limões era cheio de fazenda, por exemplo. Daí aqui no centro tinha pedaço que não podia povoar. E esse daqui era do governo. Foi por isso que começaram a vir morar comigo. Porque não tinha “dono” - ela levanta os dois dedos indicadores pro ar enquanto arregala os olhos - “dono” do jeito deles de ver, né. Porque eu não sou dona dona, mas também sou. Eu sou a terra. Essa cidade aqui é Desterro, sim? - muda de assunto novamente com uma destreza invejável.

Queria estar dentro da cabeça dela para compreender a história complexa que guarda com tanta obviedade e clareza. Queria conseguir enxergar de fato esses momentos. Ela continua falando, com os dedos apontados para o céu e olha fundo em meus olhos.

- Sim.
- Então, Nossa Senhora do Desterro é a senhora da fuga. Ela cuida de quem foge pra encontrar trabalho em outras terra, de quem não tem pra onde ir.

Eu a interrompo.

- É como a senhora.
- Fia, agora tu vê que eu sou esse lugar aqui, que cuido e sinto e protejo e respiro. Eu cuido dos desterrado porque eu fui desterrada.
- Sim - essa frase fica ecoando pela minha cabeça.

Observo esta senhora cheia de rugas e pintinhas. Cheia de história e sabedoria. Sua pele retinta, seu corpo velho, sua mente jovem. Ela fala sobre a natureza e a preservação como discursam ativistas ambientais hoje. Tão lúcida... Ela fala dela como parte desses territórios explorados. Se ela é o morro, então sente cada brita rolando num dia de chuva. Cada árvore cortada ou nascendo. Cada morador saindo de casa cedo pra trabalhar. Cada criança correndo pelas ruelas. Ela sente. E por sentir, sabe de tudo.

- Já vi que parou com teus pensamento - muda de assunto.
- Sim. Estou tentando acompanhar suas histórias.

- Pode pensar, fia. Sei que pra ti aí que escreve as coisa. - Acho que está se referindo ao fato que sou estudante de jornalismo. *Como sabe?* - é importante pra ti pensar bastante. É bom. Mas acalme aqui - dá duas batidinhas na própria testa - E escuta eu falar aqui - dá outras duas batidinhas à esquerda do seu peito, no coração. Ela agora fala diminuindo sua braveza e indignação, e se conectando mais comigo. Não está com tanta pressa ao falar. Parece que me ouve mais, também. Por mais que eu não diga nem pense nada nesse momento.
- Me sinto culpada.
- Pelo o quê, fia?

Olho para os lados. Nem descemos para toda a comunidade ainda e já vejo este lugar com sua riqueza. Me parece que antes eu tinha um filtro que me impedia de enxergar.

- Por ser parte de quem não enxerga e vive isso aqui.
- Pois é, fia. Por muito tempo, gente que nem tu que não vê isso aqui, tá faltando com a vista. Com o, como chamam? Compromisso, né? - diz irônica - E preciso te dizer que não é difícil encontrar gente como tu. Chega a ter morador daqui que não vê o que te mostro hoje... Como eu te falei antes, as coisa que fazem sem pensar e que faz mal pros outros, a natureza vai cobrando de volta. E eu não admito. Tem muita coisa que precisei aceitar mas não consigo perdoar.
- Tipo o.... *aterro*. - Não quero dizer em voz alta.

Passamos a desenvolver algo curioso. Meus pensamentos surgem com a mesma força que os digo, mas não precisando verbalizar. Essa conexão com esta senhora me faz olhá-la e compreendê-la. Da mesma forma que ela me escuta, sem que eu diga.

Ela respira fundo e me olha. Sabe que não vai poder fugir mais deste assunto.

- É, fia. Como os *aterro*.

## "Aqui eu tô perto de Deus"

### *Dona Dete*

Nascida em dois de abril de 1942, Claudete Régis é a mãe de santo mais velha do Morro do Mocotó e uma das moradoras mais antigas ainda vivas. Sua memória rica em detalhes das vivências passadas pela comunidade vem sempre com um sorriso e um brilho no olhar, uma emoção que demonstra aos seus ouvintes e espectadores o filme nostálgico sobre a cultura e a história do morro, repleto de recordações gostosas desta senhora de 80 anos.

Crescida no Morro do Mocotó, quando tinha quatro anos, sua mãe, Ilda, uma mulher de pele preta clara da qual não se sabe a origem - dizem que era serrana e procurou abrigo no morro, mas ela não sabe nem o sobrenome da mãe -, faleceu de tifo ainda muito jovem. Seu pai, Otávio Régis, um homem branco e de quem também não se sabe da história, tinha família em Santos. Provavelmente, chegou à Nossa Senhora do Desterro pelo antigo porto de Florianópolis, por onde vinham embarcações de fora do estado, para trabalhar na polícia. A mãe, logo que Dona Dete nasceu, chamou um amigo que era militar e uma amiga moradora do morro para serem padrinhos dela. Poucos anos depois, quando sua mãe veio a falecer, sua madrinha a pegou para criar.

Na época, Lucimar, sua 'dindinha', como carinhosamente continua a chamando até hoje, já havia se casado com Ademar Bittencourt, seu pai de criação, que trabalhava em um alfaiate na rua Conselheiro Mafra, no centro. Ele fazia roupas para muitas pessoas renomadas e ficou conhecido pela cidade, além de ser um bom goleiro pelo Caramuru, time de futebol do Morro do Mocotó que ainda existia até este período. Por ser muito bom nas traves, causava inveja nos jogadores das outras regiões por onde viajavam para partidas, em caminhões abertos, por Biguaçu e São José, na Grande Florianópolis. Dona Dete conta ainda assustada de uma vez quando era pequena e seu pai retornou para casa com o paletó todo furado, cortado por facas, provavelmente como sinal de ameaça de algum jogador. Ela lembra que quando os caminhões com o time '*embicavam*' na boca do morro fazendo barulho, os moradores desciam correndo para recebê-los, porque sabiam que haviam ganhado o jogo. Sua madrinha trabalhou por muitos anos em uma antiga fábrica de rendas e bordados, onde acabou conhecendo muita gente e vivia sendo chamada para casamentos e eventos na cidade. Dona Dete é a única filha que seguiu o ramo da costura. Trabalhou como costureira por muitos anos no morro e costurou figurinos desde cedo para o Grêmio Cultural Esportivo e Recreativo Escola de Samba Os Protegidos da Princesa, a primeira escola de samba de Florianópolis, fundada em 1948 e original do Morro do Mocotó. Ademar lhe ensinou primeiramente a costurar roupas para suas bonecas, e enquanto crescia, passou a aprimorar suas habilidades. Por anos fez suas roupas de "gira", utilizadas

em trabalhos espirituais dentro do terreiro, e os paletós e camisas sociais que seu marido, filhos e netos usavam nos serviços.

Por conta deste renome, a família Bittencourt é ainda muito conhecida pelas histórias do morro e nos tempos antigos se tornou referência para moradores de outros bairros da cidade. O casal, uma mulher e um homem pretos retintos, moravam na entrada do Morro do Mocotó, no pé da montanha, e, juntos, tiveram 22 filhos. Foram referências para a cidade como pessoas de bom coração e boa índole e que, mesmo com tantos filhos biológicos, adotaram Dona Dete e um outro irmão, primo de sangue de sua madrinha que ficou órfão. Ela quando nova queria chamar sua madrinha de mãe, mas havia uma precaução: como a madrinha era uma mulher preta e retinta e seu marido também, todos os seus irmãos tinham a pele mais escura que a dela, e tanto eles, quanto a sociedade da época, poderiam estranhar. Por isso, ela conta que preferiu pedir para que a afilhada somente a chamasse como madrinha.

Ao todo, eram 24 filhos que moravam junto do casal e da mãe de sua dindinha, conhecida como Santa, a quem costuma também chamar de 'dindinha'. Santa era uma mulher preta, retinta, forte, que veio junto com sua família da região de Santo Antônio de Lisboa, em Florianópolis, para viver no Morro do Mocotó. Seus irmãos, tios de Lucimar, contavam histórias para a já apelidada 'Dete', durante a sua infância, sobre os tempos de construção da Ponte Hercílio Luz, o cartão postal da cidade, que era possível enxergar "de camarote" do Morro do Mocotó. As tias eram lavadeiras na comunidade, e os tios, "embarcadíssimos" como chama Dona Dete, trabalhavam nos barcos e no porto. *"Chegava final do mês, as embarcações chegavam na Ilha. Viagens para Santos e São Paulo era tudo de navio, então as lavadeiras do morro iam buscar as roupas quando chegavam lá, com carrinho de mão. Daí chegava na subida do morro e colocava as roupas tudo nas costas, para subir"*.

Um outro tio da madrinha foi Edmundo, um conhecido morador da comunidade. Ele fazia aniversário junto de sua própria tia, Felipa, uma ex-escravizada livre que viveu durante anos no morro e "morreu com 133 anos". Mas por incrível que pareça, ela não foi a única. Dona Dete conta que no Morro do Mocotó viviam muitos ex-escravizados livres e fugidos, e muitas dessas mulheres viveram por mais de um século. Felipa e Edmundo comemoravam seus aniversários no dia 1º de maio, que é oficialmente Dia do Trabalhador, e ele costumava fazer uma grande festa e chamar seus vizinhos e a comunidade. O prato servido era sempre mocotó. Por fazer esta festa todos os anos, operários que trabalhavam na construção da Ponte Hercílio Luz vinham até o morro para comer de graça e aproveitar a festa. Ela conta que isso era de praxe por parte de seu tio, que adorava fazer panelões de mocotó e servir aos amigos e conhecidos. Passaram-se alguns anos e os moradores também começaram a vender pratos prontos de mocotó para a cidade, mas, para Dona

Dete, a origem do nome do morro ficou conhecida assim pelas festas de aniversário de seu tio, que se tornou um evento tradicional e anual na região. Esta receita, talvez a responsável pelo nome da comunidade, é a mesma receita de mocotó que Dona Dete cozinha até hoje em festas pelo morro. Ela conta orgulhosa que aprendeu com Edmundo a fazer o prato e é a única entre os irmãos que continuou cozinhando e aprimorando a receita. Os outros somente apreciam quando ela cozinha para eles.

Dona Dete, durante toda sua infância, costumava pegar berbigão em frente à comunidade. Antes dos aterros cobrirem a Prainha e depois toda a entrada do centro, até o formato em que a cidade se encontra hoje, a água do mar ia até o posto de gasolina que fica na esquina da tradicional e antigüíssima rua Menino Deus, a rua que dá acesso aos hospitais Imperial Hospital de Caridade e Baía Sul. A família toda tirava berbigão em frente à “*capitania*”, como indica Dona Dete, onde hoje se encontra o Centro Cultural da Marinha em Santa Catarina, entre a Avenida Hercílio Luz e o antigo terminal de ônibus. Dona Dete se lembra que costumava acompanhar se a maré estava baixa para poder atravessar o rio. O rio em questão era conhecido como o Rio da Bulha, popularmente, o mesmo que hoje está sob a ciclovia da Av. Hercílio Luz. Para acessar o local em frente à capitania, pulavam o rio e pegavam o berbigão observando a subida da maré para retornar para casa, para não precisarem se abrigar em algum lugar na região do centro. Era uma fonte de proteína e comida gratuita e acessível para quem não tinha recursos na época.

Ela recorda dos tempos em que não havia aterro na Prainha e os meninos do morro pulavam na água do mar, ali em frente. Para quem está na Avenida Mauro Ramos hoje e vai em direção ao túnel Antonieta de Barros, na estrada da curva de retorno, à direita, há uma gigantesca pedra em meio ao gramado. Ali, Dona Dete conta que os meninos nadavam até lá para pular da pedra e se exibir para quem estava na beira da praia. Era o divertimento para os jovens da época, que foi escondido pelas toneladas de rocha e todo o material usado para a construção dos aterros.

Depois do primeiro aterro da Prainha, não existia mais berbigão nessa costa. No Centro Cultural da Marinha, ao lado do rio, passaram a pegar ostras. Mas estas davam mais trabalho. Por isso, costumavam já descer com as panelas para fazer o pré-cozimento lá embaixo e retirar as conchas, para não precisar subir o morro com peso desnecessário. Eram dias inteiros que tiravam para ir até a costa pegar ostras. “*A gente já descia com comida e água, levava as crianças junto. Aí sempre tinha a turma que tirava a ostra e tinha a que descascava.* [Como a senhora come a ostra? Gratinada? No vapor?] *Não... não. Ostra crua.*” Dona Dete se lembra dos domingos inteiros que passava com sua família, já depois de casada e com filhos, na Praia do Curtume, que é a praia na descida do Morro da Queimada em frente à divisa entre o bairro José Mendes e o Morro do Mocotó.

- *“Pegava ostra ali também. Ela é mais gostosa crua do que cozida, para mim. Aquele saborzinho da água da praia, assim... Lá embaixo a gente já abria com a faca e já comia. Olha, ostra crua é cálcio. E eu tinha osteoporose... isso eu tinha uns 60 anos já. Foi muito bom para mim. E o berbigão não dá de comer cru. Porque ele é trancado, entende? Pra comer ele meio cru, tem que botar assim numa meia fervura, não deixar ele abrir todo. Daí dar uma cozinhada e então abrir com a faca”.*

Dona Dete constantemente fala sobre os problemas do avanço da tecnologia de maneira demasiada e das consequências sobre a natureza. Ela se alarma em relação aos serviços que podem não existir mais. *“Eu não vou tá mais aqui, mas com esses robô e coisrada tudo, não vai ter mais serviço para empregada doméstica, que tem muitas que só trabalharam com isso a vida toda e moram aqui no morro. Não vai ter mais esses serviços de atendimento, de escritório, coisa que os guri precisam. Vai ser só robô. Aí vão trabalhar com o quê?”.* Da mesma forma, ela se preocupa com o descontrole exacerbado das grandes construções e obras pela cidade. Por ser uma mulher que adora assistir jornal e não vai dormir nenhum domingo sem terminar de ver as reportagens do Fantástico, programa da Rede Globo, ela faz uma análise da relação entre as enchentes, as chuvaradas, as marés altas e o avanço dos rios, que são relatados diariamente por jornalistas por todo o país e o mundo.

- *Meus antigo morreram tudo com 80-90 anos, e eles diziam que o mar, se aterrar aqui, ele vai para outro lugar. Então, ele tem sempre um lado. Porque, pode ver, eles tão aterrando aqui, mas de vez em quando lá pro sul, [aponta para a região do Sul da Ilha de Florianópolis] o mar vai levando as casa tudo. A natureza cobra tudo. Eu uma vez falei isso para umas freira que faziam um trabalho aqui na comunidade: ‘Meu Deus eu tenho medo porque moramos numa ilha e eles ficam aterrando aqui e acolá, em todo o canto, e acho que o mar vai cobrar’. Os antigo já diziam né, que Deus quando fez o mundo perguntou pro mar o que ele queria. Se ele queria avançar na terra ou não. E ele disse que queria permanecer no que era dele. Mas eles [homens] ficam avançando... E tu pode ver, o mar é um cemitério. E de lá, fica. Todo o dia, ele leva alguém. Morre afogado... então, ele cobra. A natureza é dele. E a gente tem que ter esse respeito. A natureza resguarda a gente.*

Em frente à região do Mercado Público de Florianópolis, chegavam os barcos que traziam mercadorias para o mercado. Onde hoje se vende roupa, antigamente, havia uma feira de comida. Ali sua família costumava comprar sacos grandes de alimento, como arroz, feijão e milho. *“Em dia de vento sul não dava para passar na calçada, porque jogava água do mar nas pessoas. Tinha que fazer a volta pela costa e por dentro”.*

Quando adolescente, seu pai não a deixava trabalhar nem andar sozinha com suas irmãs. Na época, os trabalhos para pessoas pobres era em casa de família ou em lanchonete, e ele dizia que esses serviços não eram para “moça direita”. Seu primeiro emprego só ocorreu depois de casada e com filhos, quando trabalhou primeiramente na creche do Mocotó, onde ficou conhecida pela comunidade como “Tia Dete”. Depois, quando prestou curso do SESC (Serviço Social do Comércio) e foi trabalhar como Agente de Saúde no antigo postinho de saúde que havia na Rua 13 de Maio, a mais tradicional do Morro do Mocotó, uma das principais vias de entrada para a comunidade. É onde antigamente também havia a sede do clube Caramuru, o time de futebol de seu pai de criação. Assim que ela saiu do serviço, o posto de saúde foi transferido para onde se encontra hoje, no pé do morro, na região da Prainha. Seu pai ainda dizia que moça com moça não serve de companhia, não é seguro, então as meninas, quando solteiras, deveriam sempre andar acompanhadas de alguma senhora. Era necessário encontrar alguém que pudesse ir com elas nos bailes da cidade, algo que foi sempre um desafio porque, mesmo com 80 anos, Dona Dete continua festeira. *“Nuns anos atrás eu adorava fazer cuba libre. Daí era todo domingo um litro de coca e um litro de cana. Daí agora eu tomo uma cervejinha junto do almoço. Para dar uma temperada, né? [E a senhora já fumou, nas épocas antigas?] Já. Esse daí que me ensinou [aponta para seu marido Manoel, que está deitado no quarto do casal. Ele passa boa parte do tempo assim, pois precisou amputar uma perna por algumas complicações de saúde e não se adaptou à prótese.] Antes eu não fumava. Daí depois de um tempo comecei a fumar cachimbo. Porque o cachimbo não é todo mundo que fuma, a erva dura a semana toda. Porque o outro, tu abre uma carteira, já vem alguém ‘ah um cigarrin, um cigarrin’. Aí com cachimbo não. Eu andava pelo centro, atravessava a Praça XV fumando meu cachimbo, sem vergonha nenhuma”.*

Dona Dete se recorda dos tempos em que Florianópolis era segregada. Havia bailes para brancos e pretos. Um dia, quando foi com seus irmãos até um baile no Ribeirão da Ilha, não a deixaram entrar alegando que ela era branca demais e que deveria procurar o baile de brancos. *“Eu não quis ir. Sempre fui preta. Fiquei lá sentada na frente, na janela, esperando meus irmão”.* Naquele período, ela conta que a cidade era dividida em determinadas regiões, como, por exemplo, quando somente brancos deveriam andar na calçada em frente à Casa do Governo, que já serviu de sede administrativa e de residência de governadores, e que hoje é conhecida como Palácio Cruz e Souza. Sobrava então, à população preta da cidade, andar pela Praça XV. Da mesma forma nas décadas passadas, a catedral de Florianópolis era reservada aos brancos, sendo somente permitida a entrada da população preta na Igreja Nossa Senhora Do Rosário dos Homens Pretos, um local que hoje é conhecido historicamente como resistência e ponto de encontro de movimentos sociais, principalmente, do movimento negro da cidade.

Com 19 anos, ela se casou com Manoel de Oliveira Machado, adicionando o sobrenome Machado ao final do seu. Sua maior saudade hoje são as festas no Morro do Mocotó, que eram tradicionais. *“Eram três festa no morro durante o ano. A festa junina, o Cosme e Damião e no Natal então... meu Deus. Esses terno de reis... Natal tinha boi de mamão... era coisa atrás de coisa. Já me pediram para resgatar essas festas, mas já disse que já passou a época. Nosso mundo tá muito virado, não é o mundo de antes onde as pessoas tinham educação, compreensão. Não é que nem hoje que as pessoas se olham tudo de cara feia, qualquer coisinha é briga, tiro, polícia. Não dá. A gente na época era feliz e não sabia”.*

Em uma dessas festas, conheceu Manoel. Antes, o filho de Fabrício, um morador que tinha uma família também muito conhecida no morro, tinha interesse na Dona Dete. Uma noite quando foram fazer passeata ao redor da Praça XV na festa junina, ele queria ser o seu noivo, pois ela costumava ser sempre a noiva do casamento junino. Dona Dete conta que ele começou a dizer palavras bonitas para ela, mas ela nunca quis namorar um branco. *“Eu não gostava de namorar branco, entende? Porque eu sempre achava que não ia dar certo, a gente sabia que tinha, assim, esse racismo, entende? Então achava que preto com branco não tá certo. Ele se interessava por mim mas eu não queria. Ele ia ser meu noivo no casamento. Aí quando entrou ali na Tiradentes [Rua Tiradentes, no centro da cidade], ele veio vindo dando discurso, mas daí no final não foi ele meu noivo da festa. [A senhora diz isso para justamente não sofrer e não se expor a uma família branca?] Sim, sim. [O Mocotó sempre teve muito preto, né?] Sempre, sim. Aqui as famílias pretas grandes eram conhecidas, tinha a família Fraga também. Sempre muita gente preta, até hoje. Tudo assim de cor”.*

Até conhecer Manoel, ela sofreu na mão da educação rígida de seu pai de criação. Ademar não a deixava sair nem namorar. Na época, se fosse sair com algum homem, era para casar. Quando terminou a escola, fez um curso de datilografia que ficava na região onde hoje se encontra a Av. Rio Branco, na altura da Praça dos Bombeiros, no centro. Ela saía da aula às cinco horas da tarde e precisava chegar no morro até às cinco e meia, se não, apanhava de seu pai. Por um cálculo breve por um aplicativo de mapeamento, este percurso dura em média 27 minutos caminhando. Ela precisava andar rápido e não podia se distrair no caminho para chegar a tempo. Mesmo já com seus 18 anos, ela não podia vir acompanhada. Quando vinha junto de algum namoradinho da época, ele a deixava na boca do morro e ela subia correndo. *“A última vez que meu padrinho viu e me deu uma corrida... meu Deus...minha dindinha [Santa, mãe de sua madrinha] criava cabra aqui. Daí ela tava tirando leite, costumava fazer isso de manhã e à tarde. Numa dessas últimas corridas, ela tava ajoelhada, assim, eu cheguei e me joguei por cima de tudo. ‘Que que foi rapariga? Que que foi?’ Aí apareceu meu pai, né. ‘Esta sacana aqui’, apontando para mim. Ele nos*

*chamava assim. Aí parado na porta [me encarando]. E ela disse 'escuta, com que idade ela vai namorar? Tu não táis criando ela pra ti'. Disse as verdade para ele".* Sua madrinha, Lucimar, também não aliviava na cobrança. Ela e a filha mais velha do casal, Sineia, junto de Santa, acabaram por criar os irmãos. Lucimar saía às seis horas da manhã e voltava só no final da tarde do trabalho. Até lá, as crianças precisavam já estar banhadas, terem comido e as roupas da casa lavadas. As irmãs mais velhas costumavam intercalar entre elas os serviços diários. *"Ai da gente se esquecesse de avisar ela que tava faltando alguma coisa... Um açúcar, um café. Se a gente não falasse assim que ela chegava do serviço, vish.. [Ficava brava?] Brava. Brava. Muito brava".*

Ainda quando jovem, Dona Dete ajudou por um tempo um senhor que estava na casa dos 60 anos, o Sr. Boaventura de Barros, um homem negro retinto que era pintor e adorava contar a todos sobre sua irmã, nada mais nada menos, que Antonieta de Barros. O senhor Boaventura não sabia escrever e Dona Dete, sempre letrada, o ajudava no seu serviço como pintor. Anotava em um papel o orçamento das casas e o que ele precisaria cobrar dos patrões. Sua esposa era uma mulher que cozinhava muito bem, fazia carnes em panelas de ferro, e oferecia para Dete que devia estar com uns 12 anos. Ela recorda com carinho desse casal querido e educado que morava no Mocotó e, hoje, reconhece através das grandes homenagens à história de Antonieta de Barros, a importância que foi ter conhecido seu irmão, pois, na época, a jornalista e educadora não era conhecida e falada na cidade como hoje.

Em seus 20 anos, nasceu o seu primeiro filho com Manoel, o Rogério. *"Foi tudo assim, seguidinha. Quando andava no centro com eles, as pessoas achavam que as meninas eram todas gêmeas, porque era uma escadinha. Quer ver? Rogério nasceu em setembro. Daí um ano e um mês depois, em outubro, nasceu Leila Regina. Depois de um ano e um, em novembro, a Shirlei. Depois a Norma e depois a Selma. Aí com 31 parei".* Assim que casou, se mudou para uma casa em frente à casa dos Bittencourt, onde viveu a vida inteira. A nova residência era muito pequena, *"quatro por cinco. Cabia quase nada".* Nesse período, foi quando as televisões começaram a ficar mais populares, mas, mesmo assim, havia poucos moradores no morro que tinham TV. *"No início quando começou a TV, 1960 por aí, preto e branco, eu tinha 10-15 anos. E quem tinha televisão era o falecido Neuri, a Dona Dodoca, a Lourdes, e nós [Bittencourt]. Então quando começava a novela... todo mundo corria pra essas casa".* Quando Rogério já estava com três anos e Leila mais ou menos dois, Dona Dete lembra que o sinal das televisões vinha do Rio Grande do Sul, de Porto Alegre. A TV de seu padrinho Ademar, pai de criação, ficava em um cantinho da casa deles, bem de frente para a janela da sala da primeira casa de Dona Dete. Então, para assistir à novela, ela via pela televisão de seu pai, e escutava pela transmissão da vizinha que morava mais para cima.

Quando todas as crianças já tinham nascido, o casal decidiu subir mais o morro e construir uma casa maior, mais no meio do mato, onde ela e a família moram até hoje. Foi Dona Dete que foi subindo e capinando o lugar, até limpar todo o terreno. Aos poucos, as madeiras que iam tirando e desmontando da casa lá embaixo na boca do morro subiam nas costas para construir a casa lá em cima. *“Andava pelas ruela da cidade procurando madeira, no hospital, no SESC, na Tiradentes [rua]. Ai de carreta, carregava até a boca do morro e pra cima, nas costa, pelo mato”*. Hoje, depois da construção da entrada da comunidade pelo Morro da Queimada, é possível subir de carro ou ônibus. Mas, antigamente, era só a pé. *“Sempre respondi, quando me perguntavam o porquê que tava morando tão lá para cima do morro, no meio do mato, eu dizia: ‘aqui eu tô perto de Deus’. Daqui eu não saio, só reformo a minha casa e tá bom. A gente tinha uma visão que era uma beleza...via até os carro passando lá embaixo sem as casa que tem hoje”*. Ela nunca quis se mudar da região nem morar em outro bairro da cidade, e não se imagina em outro lugar. Para Dona Dete, o morro é maravilhoso como localidade por ser no centro. Perto de hospitais, de mercados, com acesso a toda Florianópolis. *“Eu não entendo essa gente que quer gastar dinheiro e ir pra França, para Alemanha, para Europa. Vão para lá o tempo todo, mas não sabem nada daqui. Não veem o que tá na frente deles. E o Brasil tem tanta coisa linda para conhecer...”*

Manoel, seu marido, é um homem analfabeto e por conta disso sempre teve muita dificuldade em arranjar emprego. Quando se casaram, ele foi prestar serviço no Exército, no quartel que fica no bairro do Estreito, na região continental de Florianópolis. Um ônibus passava pela Ilha, de bairro em bairro, para buscar os soldados e levar até o outro lado pela ponte. Ou então, esperavam pelos militares *“no jardim”*, a Praça XV, como ela chama muitas vezes fazendo alusão ao antigo nome do local. Depois de servir por cinco anos, Manoel ficou outros seis anos trabalhando como civil na lavanderia do quartel, até que determinaram ser proibido o serviço de civis dentro dos territórios militares. Após quase uma década dentro do Exército, Manoel se viu desempregado e à procura de alguma oportunidade. Mesmo com cartas de recomendação, só conseguiu emprego para trabalhar em obra. *“Trabalhou naqueles prédio tudo que tem na Hercílio Luz [avenida do centro], ele construiu ali. Até depois trabalhar na fábrica de rendas e bordado. Na ditadura ele era militar. Ele foi uma vez numa missão, eu só tinha o Rogério na época, e ele ficou mais de 10 dias dentro do mato. Voltou todo barbudo, eu não dormia [de preocupação]”*.

Ainda quando jovem adulta, Dona Dete, por conhecer muitas pessoas trabalhando na creche da comunidade, passou a fazer parte da Associação de Moradores do Morro do Mocotó, com quem viajou diversas vezes pelo Brasil e participou de muitas palestras, com intuito de trocar experiências e denunciar as necessidades que passavam dentro da comunidade. Foi a muitos encontros com o Movimento Negro Unido, ligados às associações

periféricas por todo o Nordeste, e conta com muita alegria das aventuras que viveu nesta época com o grupo da Associação.

- *“Durante 12 anos ela foi comandada somente por mulheres. A gente fazia de tudo. Enquanto foi comandada por mulheres, conseguimos muitas coisas pro Mocotó. Quando mudamos a diretoria e elegemos homens para direção e presidência, acabou a associação. Sumiram e não assumiram. Não fizeram mais nada pelo Moca. Então, o Mocotó é um coração de mãe. Aquela mãe que acata tudo. Qualquer um. Vinha gente de Chapecó, de Lages, e qualquer lugarzinho eles faziam uma casinha. A gente aqui era acostumado a fazer pilar. Eles não, levantava quatro pau com um telhado e ia, dava até medo de cair tudo. Então, assim, o Mocotó é coração de mãe. Tá sempre aberto para tudo, toda a vida assim. E se tu for procurar aqui no Mocotó pessoas nascidas aqui, vais encontrar bem poucas pessoas”.*

O morro era dividido quando ela ainda era solteira. *“Aqui era a covanca, porque é no alto. Daí o pessoal lá de baixo com o daqui não se bicavam bem”.* Por trabalhar com as freiras na creche e conhecer os moradores antigos, Dona Dete diz que passou a unir o povo do morro através das novenas. Quando chegava perto do Natal, em dezembro, eles se dividiam entre a turma lá embaixo da boca, a do meio e a de cima. *“O assunto era um só: a gente ia conversar com as pessoas, fazer novena. A gente mostrava que nossa vida tava escrita na Bíblia, porque nossa realidade parece que tá escrito lá, né? A realidade que eles passaram lá, nós tamo passando hoje aqui também. E assim começamos a entrosar o pessoal. Os de baixo começaram a subir, e os de cima passaram a participar. Daí, por intermédio das novenas e das palestras, que fomos unindo e reunindo todo o morro”.*

Dona Dete lembra com detalhes as discussões de debates na Assembleia Legislativa de Santa Catarina. Das diversas vezes em que foi pedir por recursos para a comunidade. Se não todas, em sua maioria, eram ignoradas. Para ela, quem conseguiu fazer alguma coisa pelo morro foi o ex-prefeito de Florianópolis, Esperidião Amim, que cumpriu o cargo em 1975 e depois em 1989. Através de um engajamento político, conseguiu com que as casas dos moradores do Morro do Mocotó fossem passadas para seus próprios nomes, porque, até então, faziam parte do terreno do Hospital da Guarnição. Também foi neste período e através de muitos recursos que possibilitou à comunidade ter água encanada e luz, que antigamente eram origem de diversos problemas de saúde dentro do Mocotó, já que as crianças e os adultos bebiam e utilizavam água de poço. Até hoje, os moradores não precisam pagar por nenhum dos dois. Depois, no governo de Angela Amim, Dona Dete disse que foi quando construíram as casas gêmeas, que ainda são muito

poucas, na entrada de carro do Morro da Queimada. Quando a obra ficou pronta, o governo já havia mudado para o ex-prefeito Dário Berger que, na inauguração, colocou uma placa em frente à construção com seu nome. A população da comunidade ficou revoltada com a atitude e derrubou a placa.

Nesta mesma região da Queimada, ela recorda dos tempos em que ainda era guria e brincava no topo do morro, onde ainda era tudo mato. *“Tenho uma saudade dessa época... da juventude... a gente, sei lá... esse morro aqui era pouco pra gente. Pra brincar, correr, se esconder... porque ali nessas casinhas da Angela, ali não tinha casa nenhuma. Ali no topo, ali, era um morro. A gente rolava por ali. Se arrastava de carriola [O que que é carriola?] O coqueiro não dá assim aquelas coisa, um cacho de côco? Ai tem aquelas coisa ali, que parece uma canoa? Então a gente pegava aquilo e rolava lá para baixo... ohhh que maravilha... pegava tudo do alto para correr e brincar... era bom, era bom”.*

Quando tinha 31 anos, Dona Dete entrou para a umbanda, foi no mesmo ano em que perdeu um filho por um aborto espontâneo. Aconteceram algumas complicações e ela precisou fazer uma cirurgia para retirada do útero. Estava sempre doente e diziam que ela deveria ir para algum terreiro, o que realmente acabou curando-a das dores que sentia pelo corpo e da baixa imunidade. Vivia precisando de tratamentos em hospitais. Para ela, entrar para a religião fazia sentido havia muito tempo, já que seu pé dentro da umbanda quase veio de berço. Desde criança, sua mãe de criação, sua madrinha, e a mãe dela, costumavam frequentar terreiros na comunidade. Ela acompanhava a madrinha por todos os cantos, inclusive, dentro dos terreiros, onde diziam que Dona Dete deveria trabalhar. Mas as duas não a deixaram participar porque ainda era muito nova. Aos 30 entrou para um terreiro definitivamente e, desde aquele dia, nunca mais parou. Participou de muitas giras e muitos terreiros. Abriu seu próprio cantinho de atendimento no quarto de seu filho, dentro da própria casa, para poder dar assistência à comunidade e benzer os moradores que precisavam. Depois, com 60 anos, foi quando fez sua “camarinha”, quando se “deita para ser babá”. Este é um termo utilizado pelas religiões de matriz africana para quando um médium já desenvolvido na religião permanece deitado em uma esteira por sete dias.

Dona Dete conta que, quando era pequena, não era dessa forma que era feita a transição para Mãe de Santo ou Pai de Santo, conhecidos como Babá e Babalorixá. Para quem tinha a missão dentro da religião de abrir um terreiro, *“era um ponteiro em brasa que fazia uma cruz ou nos braços ou nas costas. Fazendo uma marca como um cavalo com ferro quente. E pronto. O tempo curava e cicatrizava. Isso simbolizava que a pessoa tinha santo [que tinha um encargo com entidades e guias para trabalho espiritual] e que podia abrir terreiro. Que era um pai de santo”.* Hoje, Dona Dete está construindo seu terreiro nos

fundos da sua casa, e quem comanda e é responsável por ele é a sua preta-velha, conhecida como Tia Maria de Minas.

Dona Dete sabe que se um dia ficar longe da família e das pessoas, ela adocece. Entra em depressão. O silêncio a incomoda e até mesmo quando os netos e bisnetos vão visitar suas outras avós, o vazio toma a casa e o peito dela, deixando-a angustiada. Para ela, morar ao lado dos filhos e dos netos, que vivem todos praticamente no mesmo terreno que ela, é uma delícia. Está sempre recebendo alguém em casa. E esta cultura ela encarnou da sua família Bittencourt, que também vivia com a casa cheia de gente. Dona Dete nunca disse não para quem precisava. Mesmo com todos os seus filhos morando em uma casa pequena, os amigos viviam ficando um tempo com ela. Uns tempos atrás, contou e já passavam de 20 o número de pessoas que moraram com ela durante a vida. E Dona Dete deseja estar sempre assim. Rodeada dos netos, bisnetos e sobrinhos. Agora, ela tem certeza que ainda dará tempo de ver seu tataraneto nascendo e, por enquanto, é um dos únicos desejos que ainda almeja para sua vida, que foi tão bem vivida, tão bem passada, e repleta das riquezas mais saudosas de uma época em que poucos se recordam: como era o Morro do Mocotó dos primórdios - e suas histórias.

## IV

“Êh tia Maria, preta véia da Bahia. Êh tia Maria, preta véia da Bahia;  
Segurava a aba da saia, dança na ponta do pé;  
E quando pega no rasário, traça Umbanda e Candomblé. Tia Maria;  
Êh tia Maria, preta véia da Bahia. Êh tia Maria, preta véia da Bahia;  
Rezadeira de Quebranto, Mal Olhado e Desencanto;  
Feiticeira, Curandeira, Dobradora de Junqueira. Tia Maria;  
Êh tia Maria, preta véia da Bahia. Êh tia Maria, preta véia da Bahia;  
E quem segurar seu ponto, sua pemba e muita fé;  
Quem quiser falar com ela, ganha figa de guiné. Tia Maria;  
Êh tia Maria, preta véia da Bahia. Êh tia Maria, preta véia da Bahia;”

- Tia Maria - ponto de preta-velha

A senhora começa a descer a rua e eu vou ao seu lado. Me parece haver algo no ar, uma neblina. Vejo as coisas sem muita definição. Consigo enxergar as casas e observar que há pessoas nelas, mas é como se não estivéssemos no mesmo ambiente. Estamos, mas eles não nos enxergam. Como se fosse um outro plano.

Ela caminha devagar, com seu mesmo passo de antes. Já eu, arrastando meus pés no chão, como ando geralmente em minha casa com chinelos de dedo, de maneira confortável. As britas rolam e meus braços se sacodem de um lado ao outro do corpo. Ela me observa em meu novo comportamento. Estou me sentindo parte de uma terra onde antes me sentia estrangeira. A potência das suas palavras, da sua dor, da sua história, fazem com que eu me sinta pertencente. Minha conexão além do verbo com esta mulher, ajuda a me sentir daqui. Sou de Florianópolis. Não sou do morro, mas sou deste lugar e agora me preparo para ouvir uma nova história sobre minha cidade. Um capítulo que é mais palpável para mim, já que piso nos aterros e vivo nesta área. A confiança no meu caminhar confortável descendo a rua, talvez venha daí.

- Que foi? - ela me pergunta, olhando de cima abaixo.

- Oi?

- Mudou o andar.
  
- A senhora disse coisas que concordo - chego até a levantar meu queixo, endireitar meus ombros e abrir os peitos, em postura.
  
- O quê?
  
- Se viraram de costas para o mar.
  
- Quem?
  
- A cidade. Eles. Nós. Como a senhora disse...
  
- E o que isso tem?
  
- Não sei se a entendi.
  
- O que isso tem?
  
- Concordo. Acho que deixamos a cidade de lado e nos viramos de costas.
  
- Como?
  
- Como a senhora disse. Com os aterros, com os carros, com a maneira que vivemos hoje.
  
- E o que tu anda fazendo pra isso?
  
- Como assim?
  
- Se tu concorda, o que anda fazendo?
  
- Não sei se te entendi.
  
- Se tu não concorda deve fazer alguma coisa com isso, não? A fia diz que concorda mas sobe aqui e não enxerga.

- Sim, mas...
- Tem coisa que tu não sabe. Te endireita. Isso aqui não é tu, então respeita.

*Levei uma bronca? O que disse?*

- Tem muita coisa que tenho que te falar ainda. A fia tem muito o que ouvir. Sobre ser daqui, criado em comunidade, viver todo o dia nessa realidade. Ter a cor que tenho e a história que levo comigo. Te endireita. Não é pra acomodar.

*É realmente uma bronca. Não devo ficar confortável?*

- Não. Não deve. - ela olha para frente para a rua e eu volto a caminhar como antes, de forma mais rígida. Me sinto observada por ela, pela comunidade. *Cada passo que dou, tenho maior cuidado onde piso.*
- Cuidado onde tu pisa - ela para de caminhar subitamente e aponta para meus pés, respondendo aos meus próprios pensamentos novamente - Isso mesmo. Não pelas brita, fia. - ela responde sem paciência ao me ver olhar para trás e pra frente, procurando se passei por algum buraco e não o vi - Cuidado onde pisa. Cuidado com essa terra. Respeito a essas brita e o que elas tão te trilhando. Esse caminho te mostra uma história. Cada pedra dessa. E tu, que tá sendo permitida saber, deve ter cuidado por onde pisa. É uma permissão. Sente bem o chão, fia. Pisa nessa rua, como quem caminha, não como quem passa.
- Perdão - digo parada ao seu lado, sem nem conseguir olhá-la nos olhos. Não sou daqui. Não vivo esta realidade.

*Por que raios me senti parte disso? Não sei de nada.*

Volto a sentir um peso no peito. Uma bola na garganta. Uma culpa. Ela dá uma risada. Me ouve, me sente.

- Que drama! - ela diz rindo e sacudindo os ombros.

Dou mais dois passos voltando a caminhar e ela continua parada. Olho para trás e ela levanta seu braço esquerdo, apontando para meus pés. Os observo e somente olho em seus olhos em resposta.

- Pisa na terra, fia. Sem medo.

*Ah! Tu quer que eu pise, pise mesmo?*

Me agacho para desamarrar meus sapatos. Não tinha ainda visto, mas ela anda de pés descalços. Tiro minhas meias e sinto o gelado do chão. Meus dedos se abrem fazendo com que todas as partes do meu pé se conectem com a terra. E sinto. Sinto tanto que meus pés chegam a formigar enquanto ela ri da minha cara. As duas, de frente uma para a outra, de pés descalços.

- Te deixa sentir, fia. Tem que sentir pra poder entender o que digo. Vai sentindo - Ela mexe os dedinhos dos seus pés no chão como eu e volta a caminhar.

Esta senhora parece comandar meus sentidos. Quando fiz meu montinho de pedras lá pra cima da rua, quando paramos a última vez, não tinha percebido que eu tenho controle sobre meus dedos dos pés. A sensação é que havia esquecido deles até aquele momento. Quando passamos a caminhar, nem pensava nas minhas pernas e agora, depois que me mandou tirar os sapatos, consigo novamente enxergar meus dedos do pé e sentir... sentir mesmo, cada centímetro. *Ela controla o que posso ou não ver e sentir?* Se devo sentir o chão, passo a enxergá-lo, percebê-lo. Se devo enxergar as casas e algum morador, passo a observá-lo. Realmente me parece um plano paralelo.

*Com certeza foi a arruda...*

\*

Estou caminhando alguns passos atrás dela. Me sinto criança novamente como quando eu e minha mãe íamos ao mercado e eu somente a seguia. Sem ter direito a uma tomada de decisão. Só seguindo, e seguindo, e seguindo.

E me sinto mesmo pequena. *Este lugar e esta senhora, por mais corcunda e baixinha que seja, são gigantescos. Me sinto um pontinho inútil em meio a grandeza desta comunidade.*

- É normal...Fia, pra que tu entenda o que te digo, é importante que dispense teu tamanho. Ele não importa aqui.

*Então, a maneira que observo as coisas agora, cada vez maiores que eu, e eu, cada vez mais pequena em relação às coisas, é algo que ela controla também.*

Olho para cima e vejo à nossa esquerda fios de tensão de energia. Uma torre gigantesca mais abaixo. Ela dobra à direita, depois à esquerda, depois à direita. Vai entrando em vielas e chega a um ponto que, se eu precisasse voltar sozinha para o Morro da Queimada, de onde saímos, não conseguiria. Estou neste *modus operandi* de sequência. Só a sigo. Só caminho atrás dela. Só sinto.

E passo a sentir uma nova vibração. A cada esquina que esta senhora vira, há casas e mais casas de todos os tipos de materiais de construção. De alvenaria, de madeira. De dois, três andares. As pessoas falam, mas o som é distante. A vibração vai aumentando e aumentando.

- Onde estamos indo exatamente?
- Tamo indo pro coração.
- Coração?
- O meu coração. Estamos chegando na raiz.

*Estamos chegando ao início de onde tudo começa.*

- A região antiga, primeira que foi povoada.
- Por isso essa vibração?
- Fia, não é bem assim. Não é como se eu tivesse um coração mesmo que nem tu aqui no meio - Ela chega até a rir da minha cara, de novo. Mas não vejo seu rosto, porque continua caminhando, de costas para mim.
- Como é então?
- Tu vai ver. Pra entender o que me dói pra logo entender o que me faz sorridente.

- A senhora vai me contar sobre os aterros?
- Isso.

Fico em silêncio. A vibração está muito forte agora. Sinto um formigar nas pernas, nos braços. Meus lábios chegam a formigar também.

Ela entra em um beco com pichações coloridas e uma horta vertical. Ervas ficam caídas penduradas em garrafas pet, presas à uma caixa de madeira na parede. No meio da rua. Em meio ao movimento de pessoas e casas, na correria do dia a dia, entramos nesse oásis. Este beco que poderia muito bem deixar pessoas apreensivas quando anoitece. Mas a mim, é uma fração de esperança. As plantas vibram ao seu redor como esse pulsar que senti lá em cima no Morro da Queimada. Como este que sinto agora aqui embaixo no Mocotó. Há vida nessas ervas e nesse cuidar. Há coletividade nesta comunidade em todos os cantos. Mas agora, está materializado em um muro onde partilham comunitariamente o cuidado das plantas.

Ela vira à direita e estamos em uma escadaria. Há degraus coloridos com cerâmicas, como um mosaico, e outros somente de cimento. Acho que estamos rumo à escadaria da Rua 13 de Maio, mas não tenho certeza.

- Aqui.

Ela estende seu braço direito para me fazer parar ao seu lado. O formigamento agora está por todo meu corpo. Levanto minha cabeça e tenho vontade de chorar. A rua é larga e comprida. É a 13. Mas é o largo antigo. Não há aterro.

Enxergo o mar a poucos metros de nós, descendo a rua. Escuto o barulho da água na beira da praia. *Como estamos na praia, aqui?*

- Precisava que tu sentisse pra entender, fia.
- Mas... mas o mar... a praia... o aterro... - estou na escadaria com os dois braços abertos direcionados para o mar, de boca aberta. Me sinto abobalhada por aquela vista e por ver e escutar o que estava vendo e ouvindo. *Não pode ser.*

Não consigo formular frases. Não consigo dizer a ela o que preciso. Não consigo raciocinar o que sinto. Há cheiro de maresia. Cheiro de peixe, de areia, de água salgada. É o cheiro de beira de mar.

- Era assim. Eles viviam subindo até aqui onde tamo. Logo ali na direita, tá vendo? - estende o braço na diagonal direita - é o centro. Iam trabalhar a pé. E aqui, tá vendo? - aponta reto para o fim da rua, onde está o mar - ficavam os homem dos peixe, ficavam as associação. Vish, um monte de coisa acontecia aqui pra baixo... Nas tempada antiga, mais pra esquerda ali na prainha, uns chamavam de Toca. A primeira vez que tamparam meus dedo foi ali, em 30.
  
- 1930?
  
- Isso.
  
- Tamparam teus dedos? Assim que é para a senhora?
  
- É. Igual tu toca o chão agora com os dedo, quando tamparam tudo, eu não senti mais a praia. Eu não sinto mais hoje. Eu sabia quando o mar recolhia e quando subia. Eu sabia quando era noite de chuva e lua cheia. Eu sentia. Hoje em dia, depois que tamparam tudo, não consigo sentir nada, fia. E por isso, num dá pra me proteger sempre.
  
- Proteger?
  
- É, fia. Eu tenho coisa pra guardar, né? Igual se arreda as coisa em dia de muita chuva, pra não molhar. Eu tinha que saber antes. Eu sou parte desse lugar. Devia sentir ele. Mas não sinto mais. O que botaram aí foi resto de terra que arrancaram de outro maciço, de algum outro morro que sentiu um buraco no peito e perdeu uns pedaço seu. Assim como eu. Eu não sinto esses pedaço, entendeu? Porque não são meu.
  
- Entendi. E a senhora hoje sente o quê?
  
- Peso, fia. É como se tivesse colocado isso aqui nos meus dedo - ela pisa três vezes batendo no chão, nos degraus de cimento.
  
- A senhora se sente presa? Cimentada?

- Presa nunca. Porque às vezes tô assim como hoje e às vezes tô de outro jeito - *Não entendi*. - Eu ando pela comunidade e sinto as criança correr, escuto as gargalhada em mim. Sabe? Isso me alimenta. Mas não é a mesma coisa de antes. Como viraram as costa, eles queriam me obrigar a virar também. Nunca. Nunca vão conseguir.
- Não compreendi a senhora.
- Mas esses novo de hoje... - ela revira os olhos um pouco sem paciência - Fia, - respira fundo. *Eu devo ser insuportavelmente chata pra ela, perguntando coisa irrelevante* - Assim oh, tu debes ver as coisa com os óio aberto, como te falei antes. Abre bem os olho - ela para em frente a mim e abre seus braços em movimentos circulares, como se fizesse círculos no ar para que eu acompanhasse o que está falando. - Entende as coisa como se fosse eu agora.

Eu respiro junto a ela. Fecho os olhos e escuto gaivotas. Escuto o barulho das ondas quebrando em algum lugar aqui perto. Escuto o barulho da cidade. Não é um som de carros buzinando. É um som de gente caminhando e conversando. *Trilhos?* Escuto como trilhos de um trem chegando lentamente. É uma sensação muito forte de expansão. As coisas são muito maiores do que realmente são, e sentir isso nesse momento, é sentir esperança. Sentir a vida sendo vivida, uma energia constante. Abro os olhos novamente e agora vejo a Ponte Hercílio Luz em construção, beeem ao fundo. Um morro ao lado, o que era para ser Parque da Luz, com uma comunidade abaixo. Novamente percebo que a senhora comanda meus sentidos e o que devo enxergar, porque é como se eu visse a ponte aqui perto e não no horizonte da minha visão.

- Fia, assim. Aqui já tinha gente vivendo. Mas quando foram construir essa primeira ponte, tiveram que tirar umas família que moravam no morro ao redor. Muitos vieram pra cá. Também saiu o cemitério dali porque disseram que ia ser feio ter resto de morto na entrada da cidade. Certo? Daí tão agora nas pernada lá pro lado do manguezal, conhece? Foi nessa época que construíram o cemitério mais longe.
- O manguezal a senhora diz o cemitério do Itacorubi? - o Cemitério Municipal Itacorubi São Francisco de Assis, que fica no bairro Itacorubi, na Ilha.
- Isso. É que assim... - ela interrompe minha visão. Não consigo mais enxergar a ponte de perto - pra tu entender os aterro, tens que entender que foram muitas

construção que transformaram a cidade no que é; e eu, essa comunidade, no que a gente é hoje.

- Tá bem.
- Ó, ali no antigo cemitério, na frente da ponte antiga, quando tiraram as pessoa da comunidade e os corpo, já tiraram um pouco da terra porque era um morro alto. Daí quando aterraram pros lado de lá, na Praia de Fora, hoje é as avenida grande de lá. Como chama mesmo?
- Beira-mar norte?
- Isso. Eles pegaram as terra que tinham nesse morro pra começar a tapar aquele lado de lá. E foram indo, indo e indo até fechar lá pros manguezal. Entendeu? Só que aqui foi bem antes, em 1930, quando fizeram essa ponta aqui.

Ela fazia o símbolo de um triângulo no ar.

- A Prainha foi aterrada em 1930, é isso? Até onde? - retomo meu pensamento para entender cronologicamente o que ela me conta.
- la dali, - ela levanta seu braço esquerdo à diagonal, apontando pra uma região onde hoje estaria a entrada para o túnel, o iate clube e a volta ao morro - até aqui os hospital, - aponta para a direita onde se localizam as entradas dos hospitais, da Guarnição e o Caridade - até lá quase nos marinheiro - cruza uma linha reta em direção ao centro - Conhece?
- Sei, sim. O Forte de Santa Bárbara que fica ali no centro.
- Isso. Aí depois de umas tempada fizeram essa avenida grandona aqui de baixo, com nome dos político aí. Os Ramos. Foi de vez a distância de asfalto e morro. De pobre e rico. De branco e preto. Essa rua aí não é só uma rua, não, fia. É uma declaração. Sabe?
- Como?
- “Daqui pra lá é nosso, de lá pra cá pode tomar pra vocês”.

- Foi nesta época que aumentaram o número de moradores nas comunidades?
- Sim e não. Porque o maciço aqui sempre foi de desterrado. É lugar de injustiçado como eu te disse. Tu lembra, né? - pergunta em um tom irritado, imagino porque acredita que já esqueci ou não prestei atenção no que me contou - E todas essas comunidade, como eu, são protetora dessas pessoa e desses lugar. Mas as pessoa tão aí há muito tempo. E cada construção que fizeram na cidade, foi crescendo mais e mais pra cima do morro as comunidade. Porque tinham que vir trabalhador, né? Os operário... Então, assim, as grande obra de Desterro trouxe gente que precisava de emprego e que era de longe. Nossa Senhora do Desterro abençoando os que são de fuga. Sempre.

Ela se vira de costas para mim e começa a descer as escadarias. Parece um pouco mais jovem e disposta. Anda mais rápido. *Estaria mais nova porque “voltamos no tempo”? Não sei dizer...*

- Vem, fia. Vem - ela estende os braços e me chama para perto.
- Estou indo atrás de ti.
- Oh. Oh. Tá vendo? Olha.

Estamos mais abaixo da rua. De alguma forma, os filtros se sobrepõem. Consigo ver quando era mar. E por cima, o perfil das novas construções, do aterro, das outras duas pontes, da Passarela Negro Quirido e as pistas asfaltadas. São perfis transparentes. Uma sobreposição do antigo e do novo, bem na minha frente. *Que mágico o que ela consegue fazer com que eu veja.*

- Nossa Senhora do Desterro deveria ser linda.
- E era, fia... Vê agora?
- Sim. Sim. - quando percebo, lágrimas quentes escorrem pelas minhas bochechas. É tão emocionante ver Florianópolis antiga assim, que transbordo de emoção. Ficamos em silêncio por um tempo, admirando este lugar e esta vista sobreposta. - Mas as construções não foram boas? Não eram necessárias para o desenvolvimento da

cidade? - pergunto interrompendo nosso pequeno momento de apreciação, enquanto seco minhas lágrimas.

- Fia, tem vários jeito de ver, como tudo nessa vida. Tem gente que diz que sim, tem gente que diz que dava pra resolver de outro jeito.
- Mas é doloroso ver a transformação assim... - embargo a voz em choro de novo.
- É...

Não contenho minha tristeza em não enxergar Florianópolis com seu porto ao fundo da minha visão, com o Miramar ao meio e o bonde que chegava até aqui perto do Imperial Hospital de Caridade. A facilidade de enxergar a cidade de cima de um morro, já que os prédios não eram altos como hoje. Era possível ver longe com muita facilidade. Me recomponho e absorvo toda informação que vejo à minha frente enquanto caminho devagar.

- Essa aqui na frente foi feita pelos militar, nos tempo que ninguém podia questionar nada. - Descemos todas as escadas e paramos lado a lado - Eles queriam mostrar serviço e daí projetaram tudo isso. Os tapamento, os dois furo aqui que fizeram em mim, as duas ponte ali novinha.
- Como?
- Eram épocas de grandes obras. E construir a cidade mostrava que tavam fazendo coisa boa, entendeu? Mesmo que as pessoa não pudessem dizer se concordava ou não. Porque muda muita coisa, fia. Foi muito difícil pra mim, como é até hoje. Tem coisa que não volta atrás. Não vai mais ser igual. E eles não pensam muito na gente né, fia. Sabe como é. Ainda mais nessa época. O que acontece é eles fazerem e depois verem o efeito que tem, o jeito que ficou, mas daí não tem tempada que volte pra trás. Só se anda pra frente.
- O projeto das pontes e do túnel foi feito durante a Ditadura Militar? - *Deixa só eu confirmar isso aqui pra ver se entendi bem.*
- Fia, é. É isso que eu disse. Os furo aqui foi feito depois, em 90, mas tava tudo organizado já desde antes.

- Como foi para a senhora?

Ela respira fundo e fecha seus olhos. Deixa seu pescoço bem ereto e levanta o queixo. Parece relembrar a sensação. Aparenta travar a coluna, como se precisasse ficar rígida nesta postura. Sua testa franze e ela cerra seus lábios um contra o outro antes de me contar. *Dor?*

- O furo foi no meio de mim - ela levanta seus braços ao redor do corpo como se tocasse algo no ar - Ao redor tremia tudo. A cidade sentia. A comunidade quase se levantava. Foi muito forte e por muito tempo. - Fecho meus olhos e estou com ela no meio das obras.

De alguma forma, estou em cima de onde construíram o túnel, e depois de frente, e depois ao lado. Estou por todos os lugares enquanto minhas pernas pulsam. Meus braços tremem. Os lábios formigam. Um barulho insuportável nos ouvidos e muita dor. Não consigo respirar direito. Um pânico ao compreender que não tenho controle sobre como a obra me afeta. Não consigo parar os tremores nem acalmar meu pânico. E de repente, volto a observá-la no meio da rua. Volto a sentir meu corpo com a vibração de antes, do Largo 13. Ela continua com os olhos fechados revivendo o momento em que acabei de sair.

- Foi muito. Muito barulho. Muito tremor. As árvores, os bicho. Porque o tapamento já tinham feito. A praia. As água que saiam daqui e um pouco caia pra lá, não tinham mais pra onde ir, mas já fazia um tempo. Agora os furo... É uma dor. Uma dor, fia...- ela continua falando enquanto me distraio com meus pensamentos.

*Estou parada observando esta senhora me contar detalhes da construção do túnel Antonieta de Barros, que corta o Maciço do Morro da Cruz no ponto onde se localiza a comunidade do Morro do Mocotó. Esta senhora que sente, cheira, pensa, sofre e observa o morro. Como ela mesma. Como alguém de fora. Ela, que perdeu a sensibilidade dos pés com os aterros da prainha e da Baía Sul, está a me explicar que a construção deste furos foi como ser baleada no estômago. Ela me projeta no momento em que tudo acontecia para que eu perceba como se sente. Para que eu sinta na minha pele, o que é sentir a pele dela. O que é ouvir, falar, ver, observar, às vezes silenciosamente, e reagir, como ela. É possível que eu esteja vivendo e ouvindo isso? Me beliscar adiantaria? Onde vim parar, meu Deus? Como?*

- ... Daí batia ali no Mercado Público.

*Puxa vida. Me perdi na história.*

- Tô falando sozinha aqui... - diz irônica, colocando os dois braços na cintura.
- Me desculpe.
- Eu ouvi - diz sobre os meus pensamentos.
- Me desculpe. Pode repetir? - ignoro.
- A água batia no Mercado Público.
- Sim... - tento recuperar o assunto.
- Porque era perto do Porto. Aí tinha os remos.
- Puxa vida, a senhora tava falando das competições de remo? Pode repetir desde o início? Não quero perder...
- Ó minha mãe terra, menina.
- Me desculpe. Por favor...
- Tá. Lá embaixo eu te conto - perde a paciência.

*Ela tava sofrendo muito. Me mostrou sua dor. Eu viajei para os meus pensamentos e quando volto, ela está no seu humor habitual? O que rolou nesse meio tempo? O que eu perdi?*

Eu estava olhando para ela este tempo todo e não percebi que não há mais filtros. Quando ela volta a caminhar e a descer a Rua 13 de Maio, as casas são as de hoje. A rua está asfaltada. Há carros estacionados dos dois lados e ônibus passando na avenida lá embaixo. Vejo o Centro Sul Florianópolis e as pontes.

- Como a senhora faz isso?

- Ah, fia... Não tem como te explicar muito bem, ainda. - Ela sabe que estou perguntando sobre os filtros, a neblina, a xícara de barro com café e arrudas... O que raios ela faz para que eu veja e sinta suas coisas. Já chegamos em um ponto em que meus pensamentos e o que verbalizo, para ela, são a mesma coisa. Não sinto mais a necessidade de falar tudo.
- Como assim? Pode me dizer. A senhora controla o que vejo?
- É que tu foi permitida ver. E eu tô te mostrando.
- Quem permite ver?
- Eu e Os Protetor.
- Mas a senhora não disse que é a senhora a protetora daqui?
- Eu sou isso aqui. Eu sou. Daí os outros lugar têm outros “protetor”, não sei como tu quer chamar.
- Como assim?
- Eu sou o morro. Daí tem outros morro, entendeu?
- E a senhora é a protetora deles?
- Tem outros que protegem, entendeu, fia? Aqueles negócio que te contei de ter protetor pra água e tudo.
- Ah sim...
- Então, daí os morro têm seus próprio protetor também.

*Não sei se entendi. Ela é o protetor dela mesma, mas ainda tem outros que a protegem? Ou ela não é protetora, ela é o morro e aí alguém trabalha como protetor? Isso tem a ver com espiritualidade? O que é?*

- Minha mãe terrinha... acalma isso aí, fia. Já te disse. Menos aqui - aponta pra sua testa - e mais aqui - aponta pro seu coração.
- Então por que EU tô podendo ver?
- Porque tu quis. Só quem quer ver, consegue.
- Não entendi.
- O quê?
- Tem algo a ver com a arruda?
- Arruda?
- Que estava na xícara de café.
- Essa? - ela tira um ramo de arruda da sua orelha.
- Estava aí esse tempo todo?
- Por isso eu disse... é só quando se quer ver que se vê.
- Ahm?
- Vamo, fia. Eu vou andando e te contando. Tu vai andando e ouvindo e depois tu entende. Vem comigo até lá embaixo, quero te contar sobre o porto...

## **“Como se eu estivesse num castelo, repleto de reis e rainhas”**

*Moisés Nascimento da Silva*

Moisés Nascimento da Silva é o filho mais velho do último casamento de seu pai, Amador Júlio, com sua mãe, Azenira Carvalho. Tem seis irmãos que são frutos dos vários relacionamentos de Amador - mais precisamente de seus sete casamentos -, e que separam a filha mais velha da mais nova numa diferença de mais ou menos 40 anos. Hoje, Moisés já é tio-avô mesmo sendo um homem jovem, entre 25 e 27 anos. Ele não revela o ano em que nasceu e nem costuma comemorar aniversários. Um dia seu pai ligou para ele e disse: “Descobri uma coisa: fazer aniversário todo o ano envelhece. Mas eu descobri uma maneira de burlar isso. Não fazendo aniversário todo o ano”. Desde então, ele não pensa nessas datas. Somente deixa claro que é libriano porque, segundo ele, *“isso eu sou mesmo”*.

Natural de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Moisés teve uma juventude de confortos. Não passava dificuldade embora não recebesse tudo de mão beijada. Seu pai, ex-militar de família branca e conservadora, sempre foi um homem muito teimoso e exigente na cobrança dos filhos, mesmo que tenha deixado a criação e educação nas mãos de sua mãe. Seu primeiro emprego foi como entregador em uma farmácia quando ainda estudava no ensino médio. Depois, trabalhou em uma padaria e na distribuidora de gás e água do seu cunhado, com quem aprendeu muito sobre a vida. Apesar das mágoas e lembranças difíceis da sua relação com Amador, ele é hoje sua maior saudade. Seu pai faleceu no final de 2022, 28 dias depois de seu último encontro com Moisés.

Moisés cresceu em um lar evangélico. Sua mãe, uma mulher negra de família humilde e muito temente a Deus, foi quem escolheu seu nome. Quando ela tinha 50 anos, conheceu o seu pai, que na época já estava com seus 70. Para casar com ele, além de exigir que ele entrasse para a igreja, pediu três vezes por sinais para que Deus confirmasse se era Amador mesmo o homem de sua vida. Hoje, as ex-mulheres de Amador fazem piadas com a história de Azenira, porque dizem que ela foi uma santa por aguentar ele. *“Elas falam: Cê devia ter pedido 10 sinal. E sinal, sinal mesmo. Céu. Vermelho”*. Quando terminou os estudos em Campo Grande, um amigo com quem costumava andar de skate, veio morar em Florianópolis. Um mês depois, Moisés Nascimento da Silva chegava na Ilha de Santa Catarina com apenas 43 reais na carteira e muitas esperanças. Isso foi há oito anos.

Os dois primeiros anos em Florianópolis foram de muito aperto e dificuldade. Mesmo conseguindo empregos em resorts cinco estrelas e restaurantes renomados, passou muita fome. Seu salário era gasto no aluguel e na compra de utensílios básicos para a casa, como

geladeira, fogão etc. Por isso, por muitas semanas comeu somente arroz e pipoca. Logo aprendeu que *“é melhor ter um teto do que dormir na rua de barriga cheia”*. Em Floripa, vivenciou um grande amor pelo esporte. Um dia, quando passava de ônibus pela região do túnel Antonieta de Barros, viu de longe um grupo de homens jogando futebol americano em um gramado em frente à comunidade do Morro do Mocotó. Sempre gostou do esporte, mas naquele dia decidiu levar este amor mais a sério. Entrou para o time de futebol americano da Grande Florianópolis, o Istepôs, e passou a treinar e competir.

Chegou-lhe um dia a oportunidade de participar de uma seletiva de jogadores para jogar no Canadá. Moisés sempre se viu morando fora do Brasil. Já havia buscado, inclusive, por trabalhos em cruzeiros como garçom, então, fazia muito sentido que ele se focasse em conseguir esta vaga. Para isso, ele precisava ter uma profissão que garantisse a sua estadia no Canadá. Guardou dinheiro e gastou três mil reais em um curso técnico e exclusivo como cabeleireiro e barbeiro, uma ocupação ótima para que, quando fosse embora, pudesse trabalhar em horários alternados aos treinos de futebol americano. Mas não deu certo. Já havia vendido tudo e entregue sua casa, comprado suas passagens, mas o curso não foi o que ele esperava. Não se sentia pronto para ir a outro país trabalhar com uma profissão em que não estava preparado para o mercado. E da mesma forma, já não queria mais voltar a trabalhar de carteira assinada como garçom ou em qualquer outra área. Foi quando passou mais ou menos três meses morando de favor com amigos, de casa em casa, e decidiu que aprenderia de alguma forma a cortar cabelos.

Todos os dias durante esses três meses cortou os cabelos de moradores de rua no Largo da Alfândega, na região central de Florianópolis. Nunca precisou pedir nada. As oportunidades eram sempre trazidas pela própria rua até ele. Uma cabeleireira doou cadeira e materiais do seu salão, e um barbeiro passou para deixar-lhe algumas lâminas. Os próprios moradores de rua, em agradecimento, traziam alguns utensílios e chegavam a tomar banho para cortar o cabelo com Moisés. Foram eles mesmos que o incentivaram a colocar uma plaquinha cobrando uma quantia, já que ele fazia tudo de graça enquanto aprendia. *“Foi só depois deles falarem, que coloquei ali ‘ajude como puder’, algo assim”*.

Mesmo trabalhando no centro e vendo o Morro do Mocotó todos os dias, ainda tinha um pensamento preconceituoso de que nunca moraria numa comunidade, algo que acabou desconstruindo depois de um tempo, após aprender a não falar as coisas da boca para fora. *“Porque comigo aconteceu tudo ao contrário. Tive que aprender tudo de novo. Eu sempre banalizava quem passava fome e dificuldade e quem morava no morro. Passava na frente de morro e não gostava. E a família do meu pai sempre condenou isso. Condena até hoje comigo aqui. No fim, eu passei fome e dificuldade e fui morar no morro”*. Ele conta que na verdade sempre afrontou o universo. Dizia que nunca passaria por nada disso, e que a vida dele era estruturada e feita. Mas, mesmo assim, na sua visão, continuava desafiando-o. Até

que realmente aconteceu. Hoje, ele entende na pele que passar fome é algo gigante na vida de alguém, porque foi somente depois do seu 3º ano em Florianópolis que começou a ter mais estabilidade com relação à fome, mas ainda não ao dinheiro. Antigamente, ele não precisaria lutar pelo transporte público e pelos direitos do cidadão como faz hoje, depois de precisar pedir ajuda para um cobrador deixá-lo entrar no ônibus, pois estava sem grana. Isso tudo porque, na sua vida perto da família em Campo Grande, ele não enxergava o valor que tem uma passagem de transporte no dia a dia do trabalhador.

Um dia, quando ainda trabalhava no Largo da Alfândega, uma moradora de rua disse que ele deveria ir para o Mocotó. Que a sua vida estava no morro e que ele tinha uma missão lá. Passou alguns meses até que ela o reencontrasse. *“Cê tá aqui ainda, menino?” Ela dizia que eu ia ter uma loja ali na entrada do morro*”. Por mais que não soubesse quem é esta mulher, hoje ele ri lembrando que na época achava que ela era louca, mas até poderia ser uma louca meio bruxa, meio vidente.

Depois deste segundo encontro com ela, Moisés foi até o morro. Sabia onde era o lugar de que ela estava falando. Era um estabelecimento que estava vazio no pé da comunidade, onde já estiveram instaladas vendas e bares conhecidos, como o antigo Bar da Dalva. Por já ter as cadeiras e materiais que havia ganhado por doação, só faltava construir um banheiro. O proprietário do estabelecimento disse que o lugar estava vago e que ele tinha ainda materiais de construção para doar a Moisés para uma reforma. Só que o dono alegou não ter ninguém que pudesse fazer a obra nem revisar o edifício. *“Pô, atendi um monte de eletricista e pintor na Alfândega. Juntei quem eu conhecia e botei ali para ajudar*”. Aos poucos, vendo a reforma acontecer, os moradores ficaram animados com a novidade de ter um barbeiro no morro, onde ainda não havia uma barbearia. Moisés ficou conhecido como “barbeiro do Moca”. Enquanto a obra acontecia, ele passou a morar dentro do salão e receber todas as ajudas possíveis. *“Fui acolhido pela comunidade. Nunca imaginei que eu ia ter uma família tão grande, porque as vizinhas começaram a me levar comida ali. Fiquei em dívida com a comunidade, de fato. Nunca passei dificuldade. Nunca fiquei desamparado. Ainda me sinto em dívida, ainda mais pelas lutas que a gente tem hoje dentro da comunidade. É pra trazer esse agradecimento que é infinito, na verdade [que ele faz o que faz hoje]. Porque é um povo muito foda, muito potente, feliz e acolhedor*”.

Faz seis anos que Moisés foi abraçado pelo Morro do Mocotó e mora na comunidade. Em 2017, criou o movimento Frente da Juventude Voz das Favelas junto de uma amiga, Lisnara, e outros conhecidos que, mais tarde, acabaram saindo do projeto, permanecendo só os dois. A Frente da Juventude foi o começo de uma luta que Moisés leva para a sua vida, e que surgiu com o intuito de trazer, com muita didática, o conhecimento sobre os direitos e deveres dos cidadãos para os moradores da comunidade. Moisés ficou assustado com a maneira como a comunidade era oprimida pelas forças

públicas e negligenciada pelo Estado, uma vivência que até então em Campo Grande e em outros bairros de Florianópolis ainda não tinha presenciado.

Um tempo depois, um policial, que é geralmente comandante das tropas que invadem a comunidade e muito conhecido pelos moradores pelo seu tratamento violento, estava sendo julgado por diversos homicídios em campo. Moisés participou da audiência como testemunha e foi procurado posteriormente pelo promotor. *“Ele me falou que sempre tem dois fatos. Mas que ele nunca tinha a realidade. E que pôde observar que, na minha fala, tinha muita vivência no que eu disse. ‘Então, eu preciso que tu sejas os olhos e os ouvidos na comunidade, porque vai ter momentos em que eu vou precisar te procurar pra saber, de fato, a realidade que se passou”*. A partir deste dia foi quando a Frente da Juventude Voz das Favelas e o próprio Moisés ficaram conhecidos e respeitados por seu posicionamento.

Depois da pandemia, seu negócio quebrou. Ele precisou fechar a barbearia e passar a atender as pessoas em suas próprias casas, enquanto seu trabalho como símbolo de luta pela comunidade se intensificou ainda mais. Este foi o período mais cinza que já viveu na vida. Moisés relata que depois da ascensão do bolsonarismo e da militarização como um todo, desde a ultravalorização do Exército e das forças públicas de segurança, a comunidade foi quem mais sofreu com isso. Eram operações sendo feitas constantemente, durante o dia e a noite, tornando a vivência no morro insuportável. A Polícia Militar de Santa Catarina, durante a pandemia, abriu novas vagas para concurso e efetivos obtinham constantemente treinamentos intensivos dentro do Morro do Mocotó. Em meio aos becos e as crianças. Em meio aos moradores e ao comércio interno. Não havia paz e tranquilidade. *“Logo quando começou a pandemia, a polícia já tinha matado quatro dos nossos. Na comunidade tinha mais morte por isso do que pelo próprio vírus”*. Foi um período que Moisés relembra como tenebroso e um grande desastre por conta da violência e despreparo da polícia, e pela negligência do Estado perante essas operações e treinamentos que estavam acontecendo. Por muitos meses, esta foi a linguagem do morro: a violência. Os guris ‘do movimento’, que trabalham com o tráfico de drogas, passaram a responder aos ataques. Foi quando começou a morrer muita gente.

Nesse meio tempo, uma outra facção passou a trabalhar no morro e a situação piorou ainda mais. Ele lembra que, quando esta facção chegou, entrou pelo Norte da Ilha e depois foi para Costeira do Pirajubaé e outras localidades. Os moradores do Mocotó temiam que acontecesse a entrada desta facção no morro. Quando perguntado sobre como foi este período com duas facções e a polícia, Moisés responde prevendo um possível problema:

*“E tá pra vir o terceiro, né. Com essa porra de milícia com o Jorginho Mello [atual governador eleito por Santa Catarina]. Ele tá trazendo dois comandante do Rio de Janeiro*

*que comandou as forças nacional e a operação das UPP [Unidade de Polícia Pacificadora] do RJ, que foi uma tragédia anunciada. O índice de violência e homicídio aumenta muito com a presença da polícia dentro das comunidades. E a polícia daqui até pode-se dizer que não tem tanta corrupção por conta do espaço e vários elementos, mas não está isenta de criar esse outro monstro. Porque tão trazendo pessoas de outra vivência e natureza para dentro da nossa Ilha. Algo que faz criar outro monstro. Porque a questão da polícia já é ruim, imagina ter milícia instaurada... Começa com essa ideia de unidade pacificadora para começar a dominar o território e oprimir a comunidade. E aí é que começa a nutrir esse monstro que eu diria que é muito pior. Porque na minha visão, eu acho que a Ilha não tem capacidade de suportar isso, pelo seu próprio tamanho. O poder fica muito concentrado e a violência também. E isso não é um bom caminho para se andar”.*

Ele ainda relata:

*“Estamos com Jorginho Mello aqui, né. Ele tá é preocupado com os gados. Aqui é reduto de gado [nome dado pejorativamente aos seguidores do ex-presidente Jair Bolsonaro]. Virou uma guerra política, querendo ou não. Então, se a comunidade preta e de periferia já sofria pela desigualdade, agora tem a questão política. Que o povo preto e periférico sofre muito mais. A guerra virou ideológica e tá tudo no mesmo pacote. Então, se a comunidade não se organizar para combater esse mal, que tá na cara que vai acontecer... mas acredito que seja por má gestão do Estado também. Nunca vi a Guarda Municipal andando armada. Não precisava ter arma. Eles cuidam só do patrimônio público e da região central. Já tem a PM e a Polícia Civil para investigar... então deixa de trazer políticas públicas para a comunidade para poder armar muito mais o Estado.”*

Desde quando se mudou para o Morro do Mocotó, Moisés passou a perceber as diferenças de tratamento da polícia e sua atitude dentro do território. Na época, foi um impacto muito grande perceber que o povo da comunidade, um povo acolhedor e humilde, como testemunhou na sua vivência e visão, estava sendo tratado daquela forma. Ele se revoltou pela maneira como os moradores estavam começando a se habituar a isso, porque entendeu de primeira como era errado. Hoje ele enxerga que foi e está sendo ainda um longo processo de abertura dos olhos da comunidade para que ela proteja sua riqueza e seu próprio território. Moisés relembra emocionado que este policial que estava sendo julgado por seus crimes costumava invadir as casas no Mocotó. *“Aconteceu com minha vizinha aqui. Ela tava no andar de cima da casa dela e viu ele com um alicate gigante, daqueles de quebrar corrente, junto da tropa atrás. Tava entrando na casa dela até que ela chamou atenção dele e disse que ia descer para abrir o portão. Perguntei para ela porque tinha deixado eles entrarem. ‘Para ele ver que eu não tenho nada’.* Como Moisés diz, este

policial passou a “cantar de galo” dentro da comunidade por ter familiaridade com o território.

Já o convívio com “os guris” do tráfico é algo muito separado e distante. Na verdade, Moisés acredita que em todo o lugar há facções. Antes da pandemia, Moisés relembra quando uma operação prendeu 20 guris do morro, que logo foram soltos depois de fazer um acordo com a Justiça. *“Cê vê todo o aparato e o sistema que se alimenta do crime. Porque um advogado ficou com a defesa de cinco e cobrou 25 mil reais para cada um, para irem soltando um por vez. Então, o sistema vai primeiro enfraquecer o crime. Mas não vai matar. Ele quer sugar ao máximo o que ele puder extrair para depois acabar e finalizar. Essa lógica cê vê já há muito tempo. As idas e vindas dos meninos que foram presos aqui na comunidade. Eu vejo o fórum aqui atrás, na frente da favela [Fórum de Florianópolis, no centro da cidade, em frente ao Morro do Mocotó] e passei a ver que todo o sistema, seja judicial, criminal ou social, ele tem um sistema por trás. Eu fui aprendendo a lidar”.*

Moisés lembra dos longos meses em 2019 quando a polícia instaurou uma base no Morro da Queimada, sem ainda a efetiva autorização judicial. Para ele, este foi um momento em que o sistema passou a ultrapassar os limites.

*“Teve que mobilizar muito a comunidade para que parasse essa ideia de fazer o Mocotó uma base da polícia. Porque até então, o Grupo Mittos sofreu demais com essa conquista do território. Porque a gente quase perdeu a estrutura de apoio a criança para uma base da polícia. Começaram com a ideia de querer usar o banheiro do Mittos. E daí os moradores começaram a falar que ali não, ‘aqui tu não vai usar banheiro’. Até que passaram a usar o banheiro da igreja [uma igreja evangélica que fica no topo do Morro da Queimada, em frente ao espaço conhecido como ‘cooperativa’ onde acontece o Grupo Mittos]. Quando viu, chegou micro-ônibus da polícia e não saíram mais dali. Estacionavam na igreja e usavam banheiro deles. Um processo de ocupação com pretexto de fazer segurança para a comunidade, mas com fundamento em botar uma base oficial ali”.*

Foi um período em que a comunidade esteve muito insegura. Para ele, foi um dos momentos mais pesados que viveu dentro do Mocotó. As crianças conviviam com armamento pesado andando para todos os lados da comunidade e, segundo Moisés, *“a comunidade se apagou. Pacificação zero. O ar era muito pesado. As crianças já não andavam mais nos becos nem brincavam. Toda hora a polícia ia passando. Os comércios abertos não deram certo porque os moradores já não gostavam de transitar muito por aí. E daí, em 2021, era treinamento e operação toda hora”.*

No ano de 2021, o Morro do Mocotó foi marcado por diversas invasões sanguinárias da polícia que resultaram na morte de quatro moradores em menos de um mês, dois em uma mesma semana. Eram adolescentes que viviam na comunidade e nada tinham a ver com o tráfico, mas eram expostos cotidianamente pelas operações violentas e aos treinamentos militares. Em meio à pandemia, o morro se viu com somente uma opção: se expor ao vírus e denunciar a violência policial e o descaso do Estado com seu território e suas vidas. *“Tivemos que descer pra pista. Manifestar sobre as mortes, manifestar o que tava acontecendo aqui e a opressão”.*

[Mas se a polícia não entra no morro, como é a convivência com ‘os guri’?]

*A relação é bem separada. O amparo vem da comunidade e isso não é só característico do Mocotó, mas em todas as comunidades do Brasil. Porque querendo ou não, é onde a comunidade tem seu socorro e amparo. Temos um estado dentro do outro estado. A gente não tem amparo externo, mas o interno. Mesmo os antigos que reinaram aqui dentro, os que mais reinaram e foram lideranças do movimento, que literalmente abraçavam a comunidade e acolhiam. Acredito que eles têm essa responsabilidade de cuidar da comunidade. Porque até então são mães e filhos e famílias que tão ali fazendo o seu e cuidando dos seus, não só no Mocotó, mas em tudo. Onde se tem o amparo efetivo do movimento [guris] é onde se tem mais segurança e tranquilidade. Porque não há porque ter guerra e violência. Porque agora o crime tem regras, tem uma disciplina e uma lei interna na comunidade. Tipo, não é permitido roubar próximo ao território da comunidade. Não é permitido fazer justiça com as próprias mãos com algum morador que tu se desentendeu. E isso geraria mais mortes, mas depois dessa organização desse sistema, é que diminuiu a violência. Não só do território mas da cidade.*

[E essa união, de cuidar dos outros, de onde tu achas que vem?]

*Aos poucos houve essa mudança. Esse molde. Porque quando a questão da violência contra a mulher tava muito em evidência, a própria organização já começou a trabalhar para que amparasse as mulheres. Apanhavam muito dos maridos e aderiram a essa questão, de disciplinar quem compactua com isso. Os próprios moradores quando acontecia briga entre casais e era briga feia mesmo, alguns intervinham e daí aumentava mais o conflito. Só que até então, em briga de marido e mulher ninguém mete a colher. Quem perdia sempre era a mulher e era negligência deles de não amparar, porque quando eles vão preso, quem cuida é a mulher deles. Se tu não tem mulher e tu cai preso, tu tá fodido. A tua mulher é a matriarca da casa e quem te sustenta. Teve uma virada de chave, uma mudança que partiu de dentro, uma disciplina que mudou essas atitudes porque, se tiver um problema aqui*

*dentro, ninguém vai pedir ajuda do Estado para resolver, né. Então aqui se resolve as coisas mais rápido. E isso da violência contra mulher foi tão significativo, que outras violências foram mudando também. Tiveram mais visão de injustiça e de violência exagerada, por exemplo. De ter mais consciência e organização. E essa mudança vem aos poucos. E pelo o que eu tô vendo, assim, essa mudança foi muito positiva porque era muito terrível briga de marido e mulher aqui no morro. Horrível de ver. Agora eles que apanham delas [Moisés ri].*

Passar a morar dentro de uma comunidade transformou a maneira com que Moisés enxerga sua família e sua vivência hoje. No morro, aprendeu sobre ancestralidade e identidade negra. Percebeu que muitas falas vindas de seus parentes paternos e brancos, eram dirigidos à sua mãe e a ele como forma de oprimir sua negritude. *“Fui numa palestra na universidade um tempo atrás e uma mina tava falando sobre racismo silencioso, disfarçado, né. Daí me lembrei e percebi como a família do meu pai tratava minha mãe. Por exemplo, minha avó branca, né, ela vivia puxando meu nariz assim [coloca seu nariz entre os dedos e puxa as laterais e as pontas para baixo, em sinal indicando a tentativa de afinar seus traços]. Porque não veio de berço, isso. Quando eu faço trança... tu vê, eu que ensinei ela sobre as origem das trança nagô. Minha avó materna é descendente de escravos. Ela era baiana. Linda, linda. Negrona ferrenha.”* Moisés acredita que por ter nascido em um lar evangélico, viveu muito longe desta realidade e consciência. *“Minha mãe nem notava e nem passava na cabeça dela que várias atitudes que a gente passava na família eram racista. Ela não se importava. Sempre muito ligada a Deus, aguentou coisa da vida mas não ligava. Não se dava ao trabalho de focar nesses detalhes que fazem diferença. E a família da minha mãe é negrada escura mesmo, coisa mais linda do mundo. Gente humilde que tá sempre ali pra você. Associei muito isso aqui no morro. Porque esse lado da família é assim. Eles são de campo, gente simples, trabalhavam com lavoura cultivando hortaliças, e na área da cozinha. E a minha mãe foi a única mulher negra do meu pai. E última”.*

A sua vida na juventude era tocar na igreja. O sonho de Amador, seu pai, era montar uma orquestra em casa. Moisés no violino, Lucas no sax e Aline no piano. Aos poucos foi percebendo que não era isso que queria para vida e passou a resistir às tentativas e insistências do pai. *“Foi um crescimento pesado. Bem que dizia minha mãe: ‘cê tá indo na igreja agora porque tu no futuro não vai. Minha mãe é uma gênica, mística [ele conta rindo, porque realmente não frequenta mais a igreja]”.* Mesmo não se considerando mais evangélico, Moisés foi o único da família que se lembrou de rezar pela alma de seu pai após o falecimento, mesmo longe de Campo Grande. *“Fiquei mais putão ainda. ‘Vocês não são*

*evangélicos? Esquecerem de um detalhe desse? Cês tão pra nada... saiu da matéria e deixaram ele andando aí sem orar por ele”.*

Depois da ascensão do bolsonarismo, movimento extremamente ligado ao extremismo cristão, Moisés deixou ainda mais de lado suas crenças crentes e passou a cultuar um Deus interno, como vê hoje, a fé como um processo autoconsciente. Para rezar, costuma ir no alto do morro e olhar para a vista, estar em contato com a natureza, fazer uma trilha. *“O que continuo fazendo depois de tudo é que só respeito a crença da minha mãe, porque ela é uma santa”.* Ele conta que a mãe não dormia até que chegasse em casa. *“Eu fazia toda a manobra para entrar em casa na calada da noite para não fazer barulho. Aí chegava, tava a negrona lá na cozinha braba: ‘isso são horas de chegar em casa?’. Aí eu dizia ‘por que cê tá acordada uma hora dessa? e ela ‘pô eu te pergunto a mesma coisa. Eu não durmo, e você na rua!’”.* Quando veio para Florianópolis, ele não contou para mãe que vinha para ficar e, sim, que somente viria para algumas semanas passar férias e pegar uma praia, porque não queria causar nenhum mal para ela.

*“Eu acho que eu sou uma pessoa hoje protegida por conta das orações da minha mãe. E se eu tô vivo hoje, é porque sei que ela tá orando por mim. Minha mãe não cessa, minha mãe não dorme. Tá sempre me vigiando e cuidando de mim e por isso eu acho que eu travo essas lutas. Porque eu tenho uma proteção muito grande. Minha mãe tá sempre ali no pé de Deus incomodando ele pra cuidar de mim”.*

Embora relembre constantemente de histórias que viveu com a sua família, a cena mais marcante da sua vida, que ainda continua repleta de detalhes na sua memória, aconteceu dentro do Morro do Mocotó. Um dia quando estava passando por um beco, Moisés viu uma criança brincando de prato de comida. Um prato de plástico em que encheu com areia e folha.

- *Que que cê tá fazendo aí, moleque?*
  
- *Eu tô fazendo meu almoço, aqui. O que eu queria comer. Batata frita, arroz e lasanha.*
  
- *Cê vai comer terra, cara? - respondeu brincando.*
  
- *Não. É porque eu ainda não comi hoje.*

Para ele, foi como um soco no queixo e no estômago estar tão perto de uma realidade tão absurda. *“Ah mano, não tem... tu brincar com um bagulho que... tu não tá próximo nem da tua alimentação... É uma cena muito impactante e triste. Eu senti de fato o*

*que a criança queria comer. Ela idealizou um prato que ela não tinha, ele queria comer lasanha com arroz e batata frita. Isso mexeu demais comigo... é uma memória viva e nem faço questão de apagar, sabe? Porque é meu pontapé inicial para o início da luta. De tudo. O princípio da luta que tá ali, é pequeno, uma coisa simples [garantir a alimentação diária]... eu também já passei fome. Sei como é..."*

Por isso, sua maior fé e esperança no momento é o projeto Frente Juventude Voz das Favelas, porque é onde enxerga sua luta de vida e as pequenas conquistas que vai alcançando. Da mesma forma, é onde entende que mais aprende. Repetidas vezes, Moisés diz esta frase: *"Eu quero tá sempre sentado na cadeira do aprendizado. É o melhor lugar para se estar. Não quero tá ensinando nada para ninguém. Eu quero ficar aqui. Tenho muito para aprender."* Para o futuro, se deseja casar e ter filhos, ele diz que somente gostaria de passar ao filho um ensinamento que não teve. Tem o desejo de o expor, como forma de educar e ensinar, a todos os mundos e colocá-lo em vários espaços. É importante para Moisés que seu filho entenda a vivência de pessoas pretas e periféricas. *"Porque é isso que faz você ser você. Se eu me ponho nesses lugares, eu tô mudando também. É daí que vem o gatinho e o aprendizado. Porque o que você recebe é muito mais valioso"*. Por mais que diga isso, hoje não se vê tendo filhos. Acredita que ainda tem muitos deveres para cumprir. *"Não tenho o meu filho, mas tenho um monte de filho aqui dentro do morro, não preciso de mais um"*.

*"[Quero estar andando] sempre para frente e buscando outras coisas. Sempre tentando ter mais tempo, cultivar mais tempo. Quanto mais tempo tu tiver para focar nas coisas de obrigação [trazer uma vivência para os moradores de uma comunidade forte, unida e orgulhosa]. Quero ser presente na vida das pessoas e tenho que acreditar que isso de fato vai acontecer. Porque já tá acontecendo aos poucos. Esse lugar tá cheio de esperança e fé. E isso tem muito mais a ver com o que eu luto e o que está predestinado para mim, eu acredito. Passei a ser tático na luta pela sobrevivência e na luta da sociedade, em estar sempre em vigília. Porque eu antes, já como eu não passava por isso, eu não achava que precisava lutar. Igual parente meu que ainda acha que temos que aceitar as coisas 'ah porque o mundo é assim, a vida é assim'. Se tu tá na tua zona de conforto, alguma coisa está errada. Não tem que ter zona em lugar nenhum. Ela te traz uma estagnação e é isso. Como se tu vivesse num universo paralelo onde a vida é linda, sem problemas e dificuldade"*.

[Gostaria de ser lembrado dessa forma? Como alguém que lutou muito?]

[respira fundo, emotivo]

*Com certeza. Já começou pelo meu nome. Minha mãe já é uma guerreira por si só. Cuidou da minha avó que passou por quatro derrames e várias convulsões e ficou viva. Caminhava quilômetros para ir até a igreja e levava a vó, em uma cadeira de rodas, até lá. Então, essa minha história já vem sendo construída. Já levo significado das luta... se tu parar para ver as luta e o sofrimento, né, porque se tu não tiver olho para ver, tu passa como se não fosse nada. Como tenho minha mãe como pilar de fé, uma fé inabalável, eu tenho convicção que eu tenho essa missão. De fazer e trazer essa marca, conquistar esse terreno. Não espero nada. Mas quero conquistar e trazer o que eu acredito. Traduzir essa fé que minha mãe depositou em mim, em luta.*

[Se tu tivesse uma conversa com o Mocotó, sobre o que tu gostaria de falar? Como seria?]

*Nossa, eu ia conversar com tanta franqueza... ia abrir o olho, ia ter esse carinho e queria trazer essa luz. Porque eu tenho tanta tanta fé no morro que eu desconheço... eu não consigo entender a razão de um espaço me fazer tanto significado e não conseguir entender com tanta clareza o que eu posso fazer por ele. Então, numa conversa franca, eu gostaria que a comunidade conseguisse entender esse brilho e esse olhar que eu tenho quando eu olho para cada um na comunidade, e conseguir ver nos olhos de cada um sua potência, seu significado. Porque essa comunidade tem tanto... Um nome que tem tanto significado, é tão grande e poderoso... não conseguem transmitir o significado e o peso que tem esse nome, porque não conhecem a essência que a comunidade leva. Na minha visão é como se fosse aqui um castelo gigantesco. Imagina que tu já rodou o mundo, e o castelo mais majestoso que tu viu, seria o Mocotó. Aquelas parede de pedra largona assim, onde morasse as família mais importante de todo o território. A família real de fato.*

[Enquanto respondia, Iara, uma moradora do Morro do Mocotó, de aproximadamente 9 anos, entrou na sua casa e sentou no sofá ao seu lado para ver a televisão ligada na sala de Moisés.]

*O morro tem tudo, só não tem o mar. Mas não faz falta também. No verão se tu pegar o beco errado tu cai num churrasco, numa piscina inflável, já para pra almoçar. É como se fosse uma casa gigantesca, as família morassem tudo junto, e tu fica à vontade. Entra em casa, toma um café e assiste uma TV. A Tia Dete conta que nas antiga só três família tinham TV, então todo o morro ia pra essas casa pra assistir junto. Ai de quem saísse para tomar água e alguém tomasse o lugar... Aqui em casa, toda vez que faço um rango, sempre faço um pouquinho a mais. Porque vai aparecer um perdido que vai querer comer, ou até um vizinho tu vai lá e leva. Já aconteceu de eu chegar em casa morrendo de fome e a*

*vizinha tá fazendo churrasco e trazer aqui. Nem precisa de 'ifood' [ri]. A comida brota, mesmo quando tu não tá precisando, aparece. Não tem lugar tão acolhedor e tão seguro pra se estar como aqui. Por enquanto ainda não achei outro lugar assim...*

*Quando eu tô vindo pra casa e olho pro Mocotó, é essa visão que eu tenho, eu vejo um castelo deslumbrante. Mesmo à noite, eu vejo a luz brilhante em evidência e mesmo de longe tu ia saber que aquela luz brilhante é o Mocotó. Uma festa. Em que as pessoas realmente vestissem a veste da nobreza que elas mesmas representam. Porque o Mocotó leva esse poder e ele tem essa força. Então, se eu tivesse essa conversa franca eu trocaria uma ideia de esperança, de fé, de brilho, poder, luz. Porque não é possível uma comunidade tão gigantesca, tão presente culturalmente, na entrada da ilha, passar despercebida. Ela não pode passar. Porque é o primeiro impacto que tu tens quando tu entra [na ilha de Florianópolis], é essa comunidade. Não tem pra mim uma visão mais concreta [do Mocotó] do que ser um castelo majestoso, gigante, muito mais lindo que qualquer beleza da humanidade, algo que não se compare. Eu sinto o Mocotó sempre que eu chego. Eu sinto essa força e esse papel, essa vontade. Consigo sentir que tem um vento que passa no morro. A água que corre. A chuva que cai. As pessoas que passam. Eu sinto. E eu sinto que essa comunidade representa tudo isso. Como se eu tivesse num castelo, repleto de reis e rainhas.*

## V

“Um grito de liberdade  
E a corrente se quebrou  
Um grito de liberdade  
Um grito me acordou  
Dentro do canavial  
Um negro se libertou  
E lá não tinha pra ele  
Nem chibata e nem feitor  
E lá não tinha pra ele  
Nem senzala e nem senhor  
José de Aruanda  
É um grande lutador  
Hoje baixa no terreiro  
Traz a paz e o amor

Sua sabedoria,  
Seus ensinamentos,  
Vão de canto a canto,  
Aliviando o sofrimento  
Vem na força da reza  
Vem na força das ervas  
Vem tirando todo mal  
A mandinga ele quebra  
Foi Xangô quem lhe trouxe  
Zambi lhe coroou  
Agradeço o dia- a- dia  
Viva Deus, nosso senhor!”

- Um grito de liberdade - Aldeia dos Caboclos

- Antes quando não tinha mercado - estamos caminhando lentamente a poucas casas da Avenida Mauro Ramos, a grande avenida que divide o asfalto e o morro, como disse a senhora - os acorrentado vendiam as coisas dos seus senhores na frente da igreja, ali. A grande.
- A catedral - complemento.
- Eles vendiam tudo na rua, com tendinha, assim. A primeira vez que o Imperador veio, sem avisar, eles viram que iam ter que arrumar a cidade para uma próxima vez. Aí essa foi uma das primeira grande discussão dos morador da cidade. Eles tinham que tomar decisão dos próximos passo, né? Diziam que era feio e fedido ter um monte de coisa sendo vendida no meio da cidade. Precisavam organizar e fazer uma concentração das coisa.

- Quem vendia essas coisas?
- Várias pessoas. Mas tinha muito senhor que dividia o dia de trabalho dos acorrentado entre casa e feira, né, fia. Botava os preto pra vender as coisa pra eles mesmo.
- Entendi.
- Daí eles tiveram essa discussão.
- Tipo uma assembleia?
- É, é. Uma reunião, né. Muitas discussão. Porque eles decidiram que precisavam desse lugar, um mercado, mas eles não pensavam igual para o lugar que deveria ser, entendeu? Tinha uns que pensava que tinha que ser muito mais longe das pessoa. Porque tinha cheiro de peixe, tinha de tudo. Daí pensaram em colocar bem lá perto da ponte antiga, porque tinha bastante barco pra ali também. E outros diziam que tinha que tá perto do povo, pra ficar mais fácil, né?
- Sim, mais acessível para quem morava no centro e tudo.
- Isso. Daí depois de muita assembleia, né? Como tu diz... Daí eles decidiram que ia ser mais aqui. Não muito perto do palácio e da igreja, mas não tão longe, pra ser acessível, como tu disse. Tu diz muito, né, fia? - ela dá uma risada. Sua personalidade me lembra muito os senhorzinhos que jogam dominó no centro de Florianópolis. Manezinhos da Ilha que costumam ser teimosos e não gostar que os interrompam, mas tem um senso de humor maravilhoso.
- Quando foi isso?
- Vish, fia... - ela para de caminhar para pensar. Coloca a mão direita na testa e olha para cima, como se buscasse informações na sua linha do tempo - Foi pra 840... por aí.
- 1840. Sim.

- Não, acho que antes, fia. Não lembro bem quando foi a discussão, mas é por aí, porque o Mercado é de 845... - ela continua olhando pro céu - É. Não é longe disso. Mas tá. Eles começaram a encher os terrenos. Porque tu entende que prali não tinha nada. Então construíram os grandes prédios ao redor, ali, para formar a cidade e as rua ao redor da igreja até o mercado.
- Ah, entendi. O desenvolvimento da região veio depois que determinaram onde seria o Mercado Público.
- Tipo isso. Já tinha uns prédio, né. Mas aí quando começaram a construir o Mercado, já foram fazendo os outros. Daí teve a primeira biblioteca, os jornais, essas coisas.
- Não sabia! Interessante.
- Isso. Daí - ela geralmente ignora minhas respostas e reações ao que me conta. Não sei se por falta de paciência, ou porque comento coisas inúteis ou perco o tempo dela, atrapalhando o objetivo final de me contar as histórias. *Deve ser a segunda opção: inútil* - fizeram o grande jardim, né. A praça. A figueira cresceu na igreja e depois levaram pro centro da praça. Enfim. Várias história ali, fia, mas não lembro bem dessas. Eu sei que foram, como tu disse, “desenvolvendo” a vila ao redor. E o centro foi crescendo.
- E o Palácio?
- Do governo? Já existia. Vish... essas coisa eles geralmente já constroem, né, fia. Pra poder dizer que a terra é deles. O segundo Imperador chegou a dar dinheiro pro hospital daqui, que era da igreja. Ele e a mulher dele, a Dona Teresa Cristina. Os dois investiram aqui. Até que hoje o nome ainda fala deles, tu sabe? É Imperial Hospital de Caridade. O primeiro que teve no Estado.

Ela chega mais perto de mim e segura meu braço esquerdo. Se pendura para continuar caminhando. Me sinto querida por essa senhorinha tão lúcida e jovial que me faz esquecer que deve precisar de ajuda, às vezes. Como me sinto querida, sinto que a quero muito. Criamos nossa relação conturbada até aqui, no primeiro momento quando me acolheu como companhia, e neste agora, em que ela me escolhe como segurança.

- A água batia ali, no fim da praça. - enxergo o centro da cidade sob um novo filtro. Consigo vê-lo muito mais perto do que uma pessoa enxerga daqui da entrada do morro. Ela o aproxima de mim - Então, pensa que tinha uma rua, pequeninha, tá? Nada dessas avenida aqui - aponta para frente, a Av. Mauro Ramos - uma rua que passava em frente ao mercado e deu. Era mar. Tudo mar. Vasto, forte, pertinho das pessoa. Os barco paravam logo ali na frente, os acorrentado e depois os desacorrentado levavam e pegavam as coisa pra encher os barco. Aqui era um porto natural, como eles dizem. Era só chegar. Aí depois começaram a gastar dinheiro pra tirar a areia do fundo, né? Para ver se mantinham o porto. Porque fizeram a ponte e tinha barco grande que já não entrava mais na ilha. Aí tentaram por muito tempo mas viram que não valia mais. A cidade já tinha mudado, virado as costa e decidido fazer outras coisa com a terra.
  
- Por que a senhora fala acorrentado e desacorrentado? - mudo de assunto.
  
- Tinham os acorrentado. Aí tinha os fugido e os livre, mas eram tudo acorrentado. Aí depois, quando livraram eles todos, eles foram desacorrentado. Entendeu?
  
- São desacorrentados até hoje? - pergunto no intuito de provocá-la a explicar porque ainda faz referência à população negra de Florianópolis em época de escravidão, quando hoje faz-se o esforço de não se querer mais lembrar.
  
- Olha, fia. O povo preto sofre até hoje porque nenhuma pessoa apoiou os preto, entendeu? E não se deve esquecer da nossa história. Tinha uns senhor na época que achavam que tinha que livrar eles, dar a liberdade. Mas no fundo, ninguém fez, fez mesmo, nada pelo povo.
  
- A senhora diria que o povo preto de hoje é desacorrentado?
  
- É. Não é? - Ela para, para olhar para cima, para mim. Seu braço esquerdo continua enrolado ao meu, e ela volta a caminhar segurando na minha mão.
  
- Não sei. Como a senhora vê?
  
- Eles são diferente. Claro que são. - parece entender que a provoquei - Não é como nas tempada antiga. Já tem muito mais, assim, como se diz. Eles podem já ir nas coisa, trabalhar nos lugar diferente.

- Acesso é a palavra que a senhora busca?
  
- Isso! Eles têm mais acesso que os antigos. Mas não é como tu assim, branquinha. É diferente, fia. - andamos mais dois passos e percebo que ela ainda está pensando na minha pergunta, até parar - Ó... - ela solta sua mão da minha e aponta para nossos braços. Nossos diferentes tons de pele. A minha, muito branca e rosada, e a dela, preta e retinta - É diferente. Eu sou preta. Essa terra sempre vai ser. Porque quem tava aqui antes de qualquer branco vir... branco não era, né. Mas oh, é diferente, a nossa cor, nossa pele, diz coisas diferente só de ver assim uma do lado da outra... E aí vai demorar um tempo ainda até ficar tudo igual. Porque esses homem que moravam aqui, esses branquinho assim, eles não eram bom com os preto mesmo depois de serem desacorrentado. E nunca foram. Até hoje tem gente boa, mas tem gente muito ruim. Eu vejo eles subindo aqui. Uns sobem assustado, tem outros que sobem aqui como se tivessem vindo buscar coisa, como chama. Isso aí que tu faz nos teus estudo.
  
- Tipo pesquisa? Não sei.
  
- É. Eles vêm aqui como se fosse pesquisar os outro. Como se fosse outra vida, sabe? Outro mundo. E não é. E o que é, é por causa deles, né, fia. Eles que inventaram de separar todo mundo por cor. Os branco deixaram os preto sem nada. Muito injustiçado morreu... E vai demorar agora. Não tem jeito. Vai demorar um pouco para eles ser visto como um branco. Não como branco porque nunca vamo ser, nem quero, Graças a Deus. Mas ter o acesso, né? Como tu disse. Ter o acesso igual. Porque eles podem bem não ser desacorrentado, mas são fio, né. São fio de desacorrentado, que um dia o pai foi acorrentado, e que num outro dia já foi livre. Tem que pensar nisso. O povo é fio de quem um dia foi livre, foi rei, foi dono, foi patrão, foi rico. Foi livre de tudo isso aí de cor e ódio que eles vivem. Mesmo tanta tempada depois como é hoje. E aí quem paga o preço, né? Quem paga...
  
- Pois, é. Mas mesmo assim seriam desacorrentados?
  
- Olha, talvez sim, mas talvez não mais também... a fia tá me fazendo pensar. Porque, se for ver assim, ficar chamando eles de desacorrentado é ficar lembrando, né?

- É... lembrando desse passado sempre. Resumindo a isso.
- Pode ser ruim, prum lado. Prender nosso povo nesses dizer. Mas tem um outro ponto do esquecimento e da luta. Porque os branco têm um preço que vão ficar devendo. E os preto devem nunca esquecer do que sofreu teu antepassado para tu tá onde tá hoje, tendo a cor que tem hoje. Entender com.. como diz? - fecha sua mão em punho e faz força nos braços - Com orgulho. E entender a batalha que ainda precisam ganhar contra esse ódio. Vish, fia... Muita coisa pra falar disso. Mas ó, daqui já dá pra ver o que eu queria te mostrar.

Já estamos na esquina com a Avenida Mauro Ramos.

Ouçõ o barulho dos carros, mas não os vejo passando. O filtro retornou para a avenida. A senhora parece segurar o movimento e a velocidade dos carros, como se parasse o tempo para que eu enxergasse o que me diz.

- Ali, naquela baía, pra trás do viaduto, viu? - tento enxergar o que me aponta atrás da passarela para pedestres em frente ao Centro Sul. Acredito que está falando da região perto do TICEN onde me explicou anteriormente.

*O mosaico projetado por um português que virou estacionamento? O terminal Rita Maria? O que é?*

- Os prédio que tão ali, bem perto do Mercado Público, que é logo ali no calçadão do lado. Sabe?
- As casas antigas, no Largo da Alfândega?
- Isso. Por ali. Até aquele lugar batia o mar. Aí, fia, as pessoa se juntavam bem juntinho, assim, que nem nós aqui, pra ver as correria.
- Correria? Do quê?
- Dos barco.
- Barco?
- É... esses clube que têm ali na cabeceira.

- Remo? Assistir as competições de remo?
- É. Ver barco chegando e ver o remo. Eles corriam ali, né, um contra o outro. Desterro era conhecida pelos grupo e pelo esporte. Tinha sempre muito evento e gente famosa na cidade que era enrolada com essas competição.
- O que aconteceu?

Ela solta meu braço e me olha brava.

- Mas a fia não ouve as coisa que eu digo? - fala em um tom mais alto, impaciente.
- O quê?
- A cidade se vira contra o mar, menina. É isso que aconteceu.
- Ah, sim.
- Tá tudo conectado, entendeu? Foram achar graça demais nesses andador de ferro - *automóveis* - que esqueceram de tudo. Fizeram os esquema deles aí que eu sei. Já me contaram. Ouvi falar aqui no outro morro.
- Esquema do quê? Não entendi.
- Pra desenvolver a cidade com os andador de ferro. É muito dinheiro.
- Ah, sim. O rodoviarismo, não é? Muitos governos envolvidos com esse projeto.
- Isso.
- No Brasil todo na verdade, né.
- Claro, fia. Por isso é pra tu abrir bem os óio. O que te conto aqui, é história daqui, mas é de todo lugar. As coisa são assim, fia, presta atenção. Uma vida entrelaça na outra, e vai enrolando e enrolando... - ela abre seus dedos já meio tortinhos e

encaixa uns nos outros - Os morro do lado daqui são parecido. Os morro das outras costa também. De outras vila também. Não é só em Desterro que aconteceu isso.

- Essa questão dos desacorrentados também, né?
- É. Porque, fia, entende: a minha história é a história do povo preto. E a história do povo preto, é muito parecida em muitas cidade. Porque a pele foi injustiçada em todo lugar. Hoje eles andam falando mais disso, né? Mas nas antiga, tinha preto que odiava preto. Que não via o orgulho, não via que a união que vai fazer a diferença. E também fazer uns branco ver, né. Não se luta sozinho, né, fia? Mas aí vão estudando, entendendo, se vendo, se conhecendo. Né? Aí sente mais o poder que tem... O poder que a nossa pele tem, branco nenhum arranca.
- Sim, sim.
- Viu? Abre os óio.
- E a senhora sempre soube que era preta?
- Vish, fia. Não tinha como eu não saber.
- Como assim?
- É que tu é branca, fia. Mas igual, tu sempre soube que era branca, né não fia? Mas entende que assim, pra quem é preto aqui, nessas terra e nessas vila, - *no Brasil* - sofre muito desde pequeno. Por isso aí, da diferença das cor que te falei. Tem uns que não sabem o porquê e depois vão entendendo de onde vêm. Porque as minhas terra sempre deram a resposta, o norte, sempre protegeram, sempre teve preto que tava por aí pra unir e guiar os preto daqui. Mesmo Desterro sendo terra de branco, eles diziam. E dizem ainda né.
- Sim... acho que até por ser capital de um estado que foi muito colonizado por italiano e alemão, né?
- É, mas isso é desculpa. É o problema que eles têm com a cor e sempre tiveram. Porque aqui sempre teve preto. E muito, muito. Pensa, fia, que cada coisa que se faz hoje no dia a dia, antes tinha um preto que fazia. Hoje tu levanta, pega tuas

coisa, tem controle pros eletrônico, tem tomada pra energia, não é? Mas antes, quando se vendia acorrentado, a vida era baseada no preto. O preto que segurava a vela. Que ficava do lado da cama do seu senhor. Era ele quem fazia tudo. E os fio deles tão por aí ainda. Por aqui.

Engulo em seco. Me vem um embrulho no estômago e lembro a sensação de não conseguir respirar, quando ela me levou para entender a construção do túnel e do aterro. Um pânico em saber que não se pode fazer nada.

- Então Desterro sempre foi cidade de preto. Como o resto do país. E por isso que eu chamo atenção. Tem que abrir bem os óio, fia. Ainda mais tu dessa cor. A vida é outra pra vocês e quando vê nem enxerga isso aqui. Sobe aqui e não entende de nada. Sobe aqui e vai embora sem ver. Não é assim. Se subiu e foi permitido, tem que sair vendo.

O barulho dos carros começa a ficar mais alto. De repente, o filtro se vai e um ônibus passa muito rápido perto de nós. Eu coloco meus braços ao redor dela como uma reação de proteção. Ela ri pra mim com o mesmo tom de obviedade de sempre e eu a olho.

- Por que fez isso?
- Só pra te atiçar... - ela vira de costas para a avenida e volta a caminhar em direção à comunidade, enquanto ri.

## VI

“Fio  
Se suncê precisar  
É só pensar na Vovó  
Que Ela vem te ajudar

Pensa numa estrada longa, zifio  
Lá no seu jacutá  
E numa casinha branca, zifio  
Que a Vovó tá lá

Sentada num banquinho tosco, zifio  
Com sua rosário na mão  
Pensa na Vovó Maria Redonda  
Fazendo oração  
Pensa na Vovó Maria Redonda  
Fazendo oração

Fio  
Se suncê precisar  
É só pensar na Vovó  
Que Ela vem te ajudar”

- Vovó Maria Redonda

A senhora entra em becos e mais ruelas que se encontram na região à direita subindo a Rua 13 de Maio. Uma região que acredito ser na área acima de onde ficava a antiga prainha aterrada. Continuamos a subir e descer várias pequenas ruazinhas enquanto passamos por muitas e muitas casas. Agora, estamos na região conhecida como Morro do Bode, há casas de classe média alta abaixo de nós no morro e outras muito antigas e simples.

Observar o novo e o velho destas residências me fez refletir sobre uma geração de famílias que moram aqui há muitos anos, na mesma localidade. Antigos donos de vários terrenos que, ao seu redor, construíram sua vida e onde moram seus parentes até hoje. Vejo movimento do dia a dia dentro das casas, cozinha no vapor, crianças brincando, pessoas chegando em casa e outras batendo nas portas, conversando com vizinhos. Por cada canto em que andamos, escuto vozes o tempo inteiro dos bate-papos na rua e dentro das casas. São todos que nasceram, viveram e provavelmente irão morrer aqui. Famílias inteiras. Uma comunidade. E por conta disso, principalmente, uma conservação riquíssima da cultura

local nestes espaços. Como ela me comentava antes, uma fortaleza de cultivação da ancestralidade e negritude.

- É isso, fia. Agora tu conseguiu ver o que precisava para entender tudo - ela pára no meio de uma lomba que subíamos.
- Tudo o quê?
- Tudo... Porque eu falo, e contigo. E por que eu digo o que eu digo.
- Hm... - respondo sem entender.
- A história começa e termina aqui.
- Neste canto da comunidade?
- Não. Aqui - ela levanta seu dedo indicador da mão direita e faz círculos no ar, entre eu e ela - Nessa conversa. Para entender tudo o que a fia ouviu, que eu falei, a fia precisa entender sobre o dizer.
- Dizer?
- O dizer das coisas. De um pro outro. Da vó pro neto, da comunidade pra fia e da fia pro asfalto - levanta seu braço e aponta em direção ao centro de Florianópolis, como quem diz "o mundo fora daqui".

Sinto uma potência gigantesca nas suas palavras e não consigo questionar ou responder mais nada. Continuamos caminhando enquanto processo tudo o que ela me disse agora. Acredito que ela utiliza de novo esses filtros que controlam o que vejo e sinto, porque escuto mais as conversas das pessoas mesmo estando muito longe de nós.

- O que tu escuta, fia, é o maior tesouro desse morro.
- E o que seria?
- A voz da comunidade.

*A dela?*

Paro de caminhar e a observo andando mais uns três passos até que pare para me esperar. A voz da comunidade. A voz dela. O Morro do Mocotó. Sua saia branca sendo segurada por sua mão esquerda. Seu pescoço, já corcundo, e seu andar lento. Seus braços com pelanquinhas como uma senhora de idade e sua pele enrugada até os dedos. *Ela é fofinha.*

- As conversas?
- É... A oralidade, fia - ela continua.

Saio dos meus pensamentos e volto a prestar atenção nela, que agora está me fitando.

- Perdão. O quê?
- O tesouro desse morro e de todos os outros. O que guarda a história da nossa comunidade, do nosso povo. Onde ficam os segredo mais valioso da cultura, é no dizer. Na oralidade. Aqui não tem livro e documento escrito. Nada que vale mais que um aprendizado passado.
- De vó pra neto?
- De vó para neto. Ou, neta... - ela aponta para si e depois para mim enquanto sorri, fazendo uma alusão a este momento em que me conta suas histórias.

Seus olhos me olham bem fundo.

- Obrigada - agradeço emocionada.

Ela respira fundo e solta o ar pela boca e diz:

- Vem cá, fia - esticando seu braço para que eu me aproxime em um abraço. Eu me abaixo para conseguir alcançá-la - é assim mesmo, fia. Como tu, os neto teimam em ouvir as história às vezes quando criança, porque ainda não entenderam da importância. Mas depois, quando já tão grande, ficam assim com a garganta trancada. É assim mesmo, fia. Sempre vai ser - ela me dá dois tapinhas nas costas, me mimando.

- A senhora pode me contar mais sobre essa oralidade?
- Sim... - ela me responde com carinho e paciência, diferente das últimas vezes. Talvez por justamente entender e respeitar minha emoção.

Se virando em direção à rua, a senhora solta seus braços e os segura em minha cintura para caminharmos devagar, juntas, lado a lado, pela primeira vez, abraçadas.

- Como acontece dentro dessas casas, - ela levanta os olhos e aponta com a cabeça para os dois lados da rua - onde o que a gente sabe, o conhecimento, vai passando de pai pra filho, numa comunidade isso sempre foi muito forte. Como uma...lei maior? Não sei como dizer pra fia entender. Mas é como se fosse isso. Então, como antes te falei, quem chegou aqui primeiro ensinou pros novos vizinho como construir as casa, na formação da comunidade e dos grupo que tem aqui. Isso tá na essência do preto acorrentado também. Sempre teve muita luta pra resistir e pra isso precisavam se unir, se organizar, né, que chama. E era tudo no dizer. É assim hoje. Até nos tambor.
- Como assim nos tambores?
- Quem é de terreiro sabe que não é na gira, quando se cultua o orixá, que se aprende as coisa da religião. É na cozinha.
- Na cozinha? Por quê?
- Fia, é na cozinha que se passa tempo com os mais velho. É lá que se entende do que teu guia gosta, o que se fazer quando precisa de alguma coisa, qual chá usar, qual tempero botar e qual comida fazer. É lá que vem o ensinamento. No samba também. É no dia a dia do salão que o conhecimento é passado para as geração.
- Isso é muito bonito - reajo enquanto subimos uma rua muito inclinada.

Acredito que estamos voltando para o Morro da Queimada, onde se encontra o Grupo Mittos, praticamente ao lado de um dos acessos à região que faz a divisa do Mocotó com o bairro José Mendes, conhecido como o Morro da Buraca, que fica em uma formação caída entre montanhas, como se fosse um vale. Um buraco.

- É... é uma riqueza que muita gente não enxerga - ela continua - gente daqui mesmo, e de onde tu vem. Não entendem que precisam ver e passar pro próximo a mesma coisa que foi dito pra eles. É um conhecimento que não tá escrito, né, fia. Não tem só uma bíblia, um documento, um... como que diz? Manual, né? Ninguém ganhou nada disso para aprender a fazer. Foi no dizer. E isso é pra tudo.
- É o que a senhora faz agora comigo?
- Como se fosse isso mesmo. Porque o que te conto hoje não tem muito registro, fia. São uma vida que se viveu nas tempada mais antiga e que um contou e disse pro outro, até chegar nos livros. Mas não são os oficial. Não tem registro dos líder e chefe da cidade, dos grandes que são visto e reconhecido como “grandes primeiros contador da história de Desterro”. Que história é essa? Porque a minha é que não é! Ainda mais sendo injustiçado e desacorrentado... Quem foi maioria pobre. Hoje as pessoa tão querendo contar essas história, como tu tá fazendo quando quer me ouvir. Mas nas última tempada, era o contrário. Se fazia o que podia pra ninguém ver as pessoa daqui. Ninguém ver eu. Era para o morro ser uma terra que não existe. Como eles queriam com quem era pobre e preto quando não interessava para eles. Então isso de esconder e distanciar, é como se fosse o manual de vocês lá no asfalto.
- Não sei se entendi.
- Como aqui a oralidade reina, lá embaixo os dizer reinam também sobre mim. Mas de um jeito ruim né, fia? Sempre ruim. Ninguém sobe aqui para ver o bonito dessas criança e desses jovem, pra dá segunda oportunidade para quem já foi preso, de quem tá sem trabalho e quer muito e precisa de uma mão, dos artista que tem aqui, dos esportista, professor e até esses que escrevem como tu. De mim, saíram muitos que hoje trabalham lá embaixo. Saiu gente muito importante pra sociedade.
- Geralmente se reporta o que há de ruim na comunidade, é isso?
- É, fia. Isso que disse - volta a responder um pouco impaciente - eles sobem aqui com a vista pronta pra o que querem, e não para ver o que tem. Procurando o que tá errado, eles fecham a vista pra o que tá certo, o que é bonito, o que é bom. O que

precisa de ajuda e que pode ser melhor. Mais bem visto. Mais bem respeitado e cultuado.

- É assim que o próprio morro se vê, então?
- Como assim, fia?
- Essa dificuldade de algumas pessoas perceberem a beleza do morro. O próprio morro absorve essa visão e não se enxerga.
- É. Pode ser assim como tu falou. Alguns veem como os lá de baixo. Não conseguem ver que o morro é a terra dos desterrado, e que isso tem muito valor.
- Sim. É preciso um resgate dessa história e dessa cultura.
- Isso. Porque a solidão nossa é muito grande. E é nela que encontramos nossa união e nossa família, essa comunidade que se forma, e um respeito por onde cada um nasceu e cresceu. Cada comunidade sente as próprias luta, como eu. E tem sua própria história. Por eu ser das mais antiga, eu vi a formação de Desterro e por isso posso te falar o que digo. Eu vivi esse começo e posso contar pra quem tiver ouvindo. Igual todas as outras viram outras parte da história e sentiram outras coisa de outras tempada, e podem contar o outro lado. Eu formei e criei essas pessoas. Muita gente não tinha família, como que diz, uma coisa bem formada, assim?
- Uma estrutura?
- Isso. Muita criança aqui não tinha e continua não tendo. E eu formo eles. Acompanho eles. Observo. Crio esses pequeno e sou onde eles sempre podem voltar.
- Como um lar mesmo.
- É, fia. Por isso, como te contei umas tempada antes, é que nunca disse não para ser casa de injustiçado, esquecido pelo asfalto, deixado de lado. Para quem não tinha um lar e um teto, eu fui. Como nas tempada mais antiga, para quem não tinha comida e trabalho e precisava de terreno para plantar e criar, eu fui. Porque a

história começou assim, quando fizeram um jeito de chamar os acorrentado para cá. E depois, eles foram vindo e precisando de um lar.

- Não sei se compreendi.
- Quando os português vieram para cá. Esses aí da cultura daqui.
- Os açorianos?
- Isso. Quando eles vieram para cá cuidar das terra e dos plantio, das lavoura, eles não tavam, como fala, liberto para ter acorrentado. Mas convenceram os português que lideravam Desterro que, se eles continuassem botando a mão na terra, iam cair na sociedade. Iam ser mal visto, entendeu, fia? Daí veio muito acorrentado para cá. Porque esse era o destino do preto em Desterro nessa tempada. Acho que isso aí foi bem no começo, ali por 750...Mas hoje o destino é outro. Eles podem ser e fazer o que quiserem. Podem ser daqui ou do asfalto. Podem ser estudado, podem ir pra tudo quanto é trabalho e lugar.
- Poder podem, mas quem é daqui, muitas pessoas não conseguem sair dessa realidade.
- Sim, fia. Porque tu viu alguém do asfalto e que é líder da vila, subir aqui e fazer alguma mudança para essas pessoa? - ela levanta o tom de voz levemente irritada - Os único chefe de Desterro que essas criança já viram é muitas vezes só a polícia. E essa solidão é muito forte e traz muita dor.
- Não são vistos - respondo diminuindo o passo e virando meu corpo para olhar para ela enquanto fala.
- ...É como se desde pequeno entendesse que não são feito para os outros mundos fora daqui. Ninguém precisa dizer nada. A falta já diz, fia. Então, assim, é um serviço longo para mim e para toda a comunidade criar essas criança com segurança e cuidar dos destino delas, dos desejo delas. Fazer elas entender que todos os mundo, aqui, ou os de fora, são pra elas. É um serviço longo...
- E como a senhora vê, hoje, o resultado desse trabalho daqui uns anos? Como a senhora enxerga esse “serviço longo” mudando o destino de quem mora aqui?

- Porque o morro sempre vai ser casa. Mesmo os que são ou não são mais injustiçado hoje em dia. Vai continuar sendo um lugar onde tem terreiro, tem samba, tem igreja, tem escola, tem criança, tem projeto social como esse aí que tu tá, tem gente interessada em fazer uma coisa diferente pelas pessoa, e a devolver tudo o que recebeu de mim e dos moradores que se formaram aqui. É aquela união que te falei. Então, eles podem sair, porque sabem que existe um canto em que podem voltar.

O choro tranca na garganta novamente. Meus olhos se enchem de água emocionada com as palavras desta senhora, com sua sabedoria e sensibilidade, com seu cansaço e vontade de viver, com sua força e sua dor, por seu amor.

Ela olha meus olhos e sorri quando uma das minhas lágrimas se derrama pela minha bochecha esquerda, e levanta seu braço direito para passar a mão em minhas costas, me acalentando.

- Fia, respira. Pode respirar. Sente a terra, fia - ela fecha os olhos e respira fundo, me intuindo a fazer o mesmo - pisa nesse chão, fia - ela dá duas batidas com o pé direito no chão e faço o mesmo, me lembrando que estou sem sapatos ainda - pisa e manda tua prece.

Respiro fundo agora não conseguindo mais segurar as lágrimas. Me emociona ouvir estas histórias e perceber o quanto realmente não via, não conseguia enxergar. O quanto eu realmente não sabia sobre essa comunidade, sobre a história da minha própria cidade, sobre ser crescido no morro, ser preto, ser dessa origem.

Abro meus olhos e agora são os dela que lacrimejam. Faço o mesmo movimento. Estendo minha mão esquerda em suas costas e a acalento, enquanto voltamos a caminhar. Se eu já não estiver totalmente perdida na minha mera noção de geografia, retornamos ao bar-mirante no fim da rua, em frente ao Grupo Mittos, ao lado das casas gêmeas, no Morro da Queimada, onde a encontrei pela primeira vez.

- Essa é a minha história, fia. Essa aqui sou eu, Morro do Mocotó.

Quando diz isso, meu corpo inteiro arrepia. Fico uns segundos quieta até digerir essa sua última frase por completo.

- Preciso te fazer uma pergunta.
- Se não precisasse, não era tu, né, fia. Eu tô esperando por ela...

Sorrio para ela, em resposta ao seu bom humor. Respiro fundo. Meu queixo começa a tremer e percebo que minha voz vai começar a ficar embargada de novo.

- Por que eu?

Ela sorri de volta como quem já soubesse qual era minha pergunta. Dá um suspiro, olhando para frente, para vista que enxergamos lá de cima. O céu está escuro e as luzes da cidade vão ascendendo mais e mais, e se refletindo nas nuvens e no tom do anoitecer.

- Porque tu pediu para ver.
- Eu pedi?
- A fia fechou os olhos bem fechado assim e fez uma prece sincera em respeito. A fia quis se perdoar por não ver e quis enxergar dessa vez. A fia pediu por isso.
- Mas muitas pessoas podem fazer o mesmo. Certo? Então, a senhora aparece para todas elas?
- Não, fia. Não é bem assim que funciona com os protetor e os morro. A fia teve permissão de saber porque a fia quis ouvir e ver o meu maior tesouro, mas porque é de teu costume. E porque era tua hora. Eu guardo muitas histórias. E a fia, escreve elas. Cada um tem seu serviço, não?
- Me contou para isso? Como sabe se vou escrevê-las?

Ela ri alto, como uma jovem mulher em um corpo idoso. Ela coloca sua mão esquerda em meu ombro direito e cutuca meu pescoço para que eu olhe para frente, para a vista. Para que observe o morro lá de cima, o enxergue pura e plenamente pela primeira vez. Com seus coloridos e brilhos, com seus problemas e empecilhos, com seus moradores, com sua vivência, riqueza e espírito. Enxergo a cidade e o centro de Florianópolis, a vista linda. Fecho meus olhos e parece que consigo me imaginar agora de frente para o morro.

Consigo prestar condolências à comunidade. Como se agora não houvesse asfalto e morro. Como se tudo fosse parte de uma coisa só, sem divisões.

- A fia vai - ela responde com certeza, num sussurro.

Sorrio sem olhar para ela e permaneço ali mais uns minutos sentindo sua presença ao meu lado. Quebro o silêncio:

- Então, como quer que o título se chame? - faço uma brincadeira.

Virei minha cabeça para olhá-la e ela não está mais lá. *Para onde ela foi?!*

Procuro ao meu redor e quando olho para trás, Klay e Cabral estão saindo do bar-mirante conversando e indo em direção ao Grupo Mittos.

*Ué. Eles estão aqui agora? Como depois desse tempo todo estariam partindo do mesmo lugar? Mas, então, onde ela tá?*

Em todos os lugares, para dizer a verdade.

Observei dentro do bar, uma mini venda de bolachas, balas e bebidas alcoólicas, como uma casinha de portaria que fica na entrada do mirante, para ver se ela não se escondeu ali. Me belisquei.

*Eu tô ficando louca? Vivi ou imaginei tudo isso?*

- Meu deus, que loucura. Acho que fui longe demais nos meus pensamentos - falei sozinha em voz alta saindo do mirante, indo atrás de Klay e Cabral.

Toquei nas minhas duas orelhas, bochechas e nos meus braços pra checar se estavam ali comigo. *Todos okay.*

*Nossa, que loucura o que eu criei na minha cabeça... Parecia real. Quase sinto uma presença aqui, tô arrepiada... Tô ficando maluca que tem uma senhora Morro do Mocotó? Hahahah não é possível. Mas pior que até seria interessante....*

Continuei caminhando pela rua, rindo alto sozinha, e, quando olhei para baixo, para os meus pés, estavam descalços. Arregalei os olhos e parei de andar no mesmo momento.

- A fia pode me chamar de Vó Moca. É assim que sou conhecida por aqui.

A voz da senhora me responde, interrompendo meus pensamentos.

Olhei para os lados procurando-a, mas não vi ninguém. Estava perdida como quando os dois sumiram e me imaginei conversando com uma senhora “Morro do Mocotó”, que me apresentava seu lugar e sua história. Meus tênis estavam pendurados pelos cadarços na alça da minha bolsa, que eu nem lembrava que carregava. *Que espaço-tempo foi esse? Belisquei as pernas e apertei os dedos do pé. Será que eu a criei ou me foi uma grande pegadinha? Interessante mesmo...* conversei comigo ironicamente.

Caminhei até a entrada do Grupo Mittos me encontrando com Klay que me esperava para entrarmos juntas. Escutei as vozes das crianças e dos tambores e atabaques.

- Vem, mulher - Klay me chama ansiosa.

Eu sorri e apressei meu passo.

Subi em uma minimureta para entrar no projeto, uma casa comumente chamada de cooperativa, onde acontecem diversas ações sociais com até uma horta comunitária.

- Tudo bem? - Klay pergunta segurando meu braço.

Um pé de vento passa entre minhas pernas vindo da rua lateral à escola, que é vizinha de uma grande área verde com árvores altas. Eu olho para trás e o mesmo filtro está posto de novo em meus olhos. Vejo a rua e as casas se desfazerem lentamente e uma mata tomar seu lugar. Um som alto de pássaros cantando. Cerro levemente meus olhos para focar e checar se estou realmente vendo o que vejo. A senhora está sentada ao fim da rua, lá longe no mirante, observando a vista, contemplativa. *Está a esperar outro alguém?* Sorrio com meu pensamento.

O filtro se desfez e voltei a ouvir as crianças. Olho para o lado, para Klay e dou uma risada.

- Tá, sim. Tudo bem. Só pensei que tinha visto uma coisa...
- Tirou o sapato? Que hora foi isso?

- Vamos lá? - Cabral interrompe as interrogações de Klay - Eles já tão ansiosos pra conhecer vocês - me estendendo a mão para me ajudar a descer da mureta.

Eu sorrio olhando para trás, para a rua. Agora calçada, com casas, movimento de moradores, uma igreja evangélica à direita. E o fim da rua, sem a sua senhora. Ela não está mais lá. Mas de alguma forma, na verdade, de todas as formas, está aqui. E em todos os lugares.

- Sim, claro. Tô mais que pronta - respondo a caminho da sala de aula em que sou recebida com olhares curiosos e sorrisos sinceros dos alunos.

Antes de dar meu primeiro passo na porta, respiro fundo e mentalizo. *Agora eu vejo, Moca... Agora eu vejo. Obrigada!*

“Silêncio, hoje eu preciso tanto ouvir o céu  
Já não é mais urgente assim falar  
Meu coração precisa repousar  
Eu venho lá dos sertões onde a saudade se perdeu  
Daquela estrada empoeirada que doeu  
Como uma flor que resistiu assim sou eu  
Silêncio, eu quero ouvir o que me diz a imensidão  
Saber se minha alma tem razão  
Quando acredita que essas coisas vão durar  
Silêncio, pra eu me lembrar de tanta coisa que eu sonhei  
Encontrar todas as folhas que eu juntei  
Por essa estrada que me traz até a mim”

- Silêncio - Maria Bethânia

## Receita de Mocotó da Dona Dete

*Para em média 30 pessoas*

Ingredientes:

- Comprar 5kg de mocotó descarnado, sem osso, no açougue do Mercado Público
- Um pacote grande de linguiça calabresa
- 1kg de bacon e carne seca
- 5kg de arroz branco
- 1kg de cebola
- 1kg de tomate
- Cheiro verde
- Colorau

Modo de preparo:

Chegando em casa do Mercado Público, coloque o mocotó para cozinhar. O mocotó é a pata do boi e é necessário estar cozido para retirar os nervos da carne. *“Tem assim a pata do boi inteiro que podemos comprar ou no mercado ou no matadouro, que eles serram a panturrilha. Esse daí é mais trabalhoso porque tem que separar do osso. Melhor comprar aqueles pacotinho embalado a vácuo que já vem descarnado”.*

Depois de já cozido, tire a carne da água do cozimento e corte, retirando os nervos. Pique também a linguiça, o bacon e a carne seca e coloque todos numa panela. É necessário conferir se a carne seca está muito salgada. Se sim, antes de adicioná-la aos outros, lave com água quente e deixe de molho por alguns minutos.

Adicione água ao cozimento das carnes. Quando já estiver bem macia, coloque metade do pacote de arroz e vá observando aos poucos - é necessário ter cuidado com a quantidade porque o mocotó é um ensopado grosso e não um carreteiro. Após adicionar o arroz, adicione os temperos: cebola, tomate, cheiro verde e colorau. O colorau coloque pouco porque é mais para dar a cor. Prove o sal e se precisar adicione à gosto.

E está pronto, o histórico mocotó da Dona Dete.

## **Carta aberta ao Morro**

À Comunidade do Morro do Mocotó e à minha querida Florianópolis, eu dedico este trabalho.

Desde o meu primeiríssimo passo dentro do Mocotó, eu senti, como relato no livro, uma vibração. Estar no pé do morro, de cara para ele, é uma potência muito maior do que eu poderia ter imaginado. Como Moisés me relatou em entrevista, meses depois, “é um castelo gigantesco, repleto de reis e rainhas”. Naquele momento, não me era possível compreender que, na verdade, a pulsação desta comunidade não vinha somente pela minha sensação de inferioridade ao me deparar com aquela montanha alta, belíssima, extremamente inclinada, repleta de casas e cores, em que eu me deparava perplexa com sua grandiosidade. Mas, sim, das suas pessoas, grandiosas de corpo e espírito, e de suas vivências, pessoais e coletivas. Histórias essas possíveis de serem contadas neste livro, somente, única e exclusivamente, por causa de todas as pessoas que me cruzaram o caminho neste primeiro “chegar”.

Acredito que sempre retornamos a lugares que nos passam uma boa primeira impressão. Onde podemos nos sentir confortáveis ou até mesmo curiosos. E o Mocotó foi uma mistura desses dois motivos. Os seus moradores me instigaram desde o início a compreender a necessidade do meu trabalho jornalístico de denúncia do que ocorria ali, e mais do que isso, me presentearam com seus braços fraternos abertos, mesmo em tempos de luto e muita luta. Havia uma ansiedade em se mostrar uma história não contada para fora do morro. A de vida. Arte e cultura. Produção e trabalho. Honestidade, simplicidade e leveza. E era um desafio posto desde o início. Pois desde o começo me foi necessário ultrapassar os muros invisíveis construídos que separam as realidades entre asfalto e morro, muitas vezes, de forma injusta e incomparável, classificando estes “dois mundos” com variados adjetivos, como entre: fácil e difícil, bom e ruim, seguro e violento, feliz e triste. Ou até, o pior e mais absurdo deles: vida e morte. E pelo contrário de todos os preceitos e preconceitos postos nessas lentes invisíveis, desde esse primeiríssimo passo dentro do morro, ao sentir esta vibração, as minhas sensações foram somente de unidade, equidade, coletividade e respeito. A comunidade se enxerga, se vê, se cumprimenta e se levanta.

Dali, quando firmei meus pés no chão e me conectei com esta terra, foi de onde nasceram as raízes para produção deste livro, mesmo sem que eu percebesse. Em 2021, já na minha primeira visita ao Morro do Mocotó, conheci Moisés, Luiza e Paulo, e ainda

cruzei de longe com Ricardo e seus alunos. A querida e eterna Dona Dete, sobre quem muito ouvi antes de conhecê-la e que antes mesmo de eu fazer minha primeira pergunta, já me relatava sobre os tempos sem aterros em que pegava berbigão em dias de maré baixa. Tia Dete, um livro aberto, uma enciclopédia viva de cultura e história, uma senhora de uma potência imensurável, me foi apresentada depois, durante meu processo de escrita e encontro com moradores. Sem nem mesmo saber o que o futuro me aguardava na graduação, quais seriam minhas vontades e realizações para dali um ano estar no processo de escrita do meu último trabalho do curso de jornalismo, assim, me entreguei a esta vibração e a estas vivências. Era o meu TCC posto e entregue em minhas mãos bem na minha frente, por vocês. Que desde este primeiro encontro me confiaram a prosa e me entregaram a maior riqueza, ousar dizer, que têm os seres humanos: a própria memória.

Para estes alguns moradores que tive a honra e o privilégio de encontrar e conhecer suas versões das próprias histórias, muito obrigada. Vocês são o Morro do Mocotó. E posso dizer, principalmente por ser uma menina do asfalto, que este é, talvez, o seu maior presente em vida. Além de agradecê-los, se eu pudesse dizer alguma coisa a vocês, depois de toda a nossa troca, diria para que agarrassem com todo o orgulho a terra em que nasceram e vivem. Espero que guardem suas vivências em um lugar fresco da memória e que se sintam privilegiados em fazer parte da origem e do patrimônio desta cidade tão querida por todos nós, eterna Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis. Ouvir vocês foi um prazer em que aprendi e amadureci muito como profissional e pessoa. Contar suas histórias, foi como quando temos muito carinho por algo e queremos guardar em uma caixinha, sabe? No meu caso, está neste livro. Hoje, posso dizer que me sinto como um pedaço desta grande família que é a comunidade. E isto, só foi possível por conta da gentileza e do carinho de vocês, que tiveram sempre muito respeito ao meu trabalho. À vocês, meus agradecimentos serão eternos.

Aos profissionais que entrevistei, professores e doutores em história, geografia e antropologia, muito obrigada. Encontrar especialistas que fogem das páginas numeradas dos livros hegemônicos e procuram nas entrelinhas da história a sua versão completa, com todos os diversos lados, não foi uma tarefa fácil. Por se tratar de uma comunidade e por ser a vivência de um povo preto, acredito que os registros oficiais da nossa cidade deixam claro, com a maior brutalidade possível, que havia um desejo de esquecer os territórios e as histórias periféricas de Florianópolis, a capital do tão conhecido Estado de Santa Catarina por suas fortíssimas colônias europeias. Por isso, os desafios foram muito grandes para reescrever o passado. E ao escutá-los, percebi que sempre há pessoas que andam no mesmo barco e, de alguma forma, me senti unida a vocês nesta trajetória. Quero deixar registrado aqui um agradecimento especial ao meu professor de história do Ensino

Fundamental II e Ensino Médio, professor Renato Aurélio dos Santos. Quem nunca saiu de sala sem uma explicação ou deixou um aluno com dúvida, e um profissional que, de diversas maneiras, estudou e buscou pelas entrelinhas. Se hoje sou apaixonada pelas histórias, tenho certeza que em algum lugar, esta influência vem das tuas aulas. Meu respeito e admiração pelo senhor sempre foram claros desde nossos encontros em sala e pelos corredores do colégio. Encontrar minha foto na graduação do Ensino Médio e saber que foi o senhor quem me entregou o diploma, é uma honra para mim. A história estava começando a ser contada lá atrás e acho que nenhum de nós dois poderíamos prever que estarias comigo neste próximo final, na próxima entrega de diploma. E eu, muito menos ainda, poderia imaginar que escolheria contar a história de uma comunidade que tanto te pertence, já que morou até a adolescência no Morro do Bode. Te escutar é uma honra, Renato, como sempre.

Eu tinha o costume de dizer que escolhi cursar jornalismo na faculdade porque sempre gostei de ouvir histórias e escrevê-las. Minha antiga e eterna professora, a jornalista Gislene Silva, gostava de dizer que o jornalista nada mais é que um grande tradutor. Agora percebo que é muito mais do que traduzir o que se escuta. Na verdade, o que me torna jornalista não é minha curiosidade ou o talento e técnica na escrita, mas, sim, as pessoas. A minha paixão por elas. Não há histórias sem pessoas. Não há comunidade sem moradores. E depois deste resgate histórico, posso expressar aqui meu carinho e respeito ao estender minhas palavras: definitivamente não há Florianópolis sem o Morro do Mocotó. E foi por reconhecer a profundidade das raízes desta comunidade, que decidi escrever este último trabalho.

E também foi, por esta mesma honra e emoção que senti desde o meu primeiro encontro com o morro, que passei pelas principais dificuldades ao produzir este livro. Como eu não poderia esperar, elas não foram só técnicas. Havia, sim, um desafio em traduzir conceitos acadêmicos e registros oficiais das pesquisas e entrevistas, para a voz de uma senhorinha de idade. Então, constantemente, meu processo passou a ser conversar comigo mesma e imaginar como alguém mais velho me contaria esta história e quais palavras iria escolher para sua narrativa. De que maneira o diálogo seria formado em um encontro casual. O que me fez buscar nas minhas referências uma grande inspiração, as pretas-velhas, que me facilitaram a prosa e engrandeceram as páginas deste livro. Mas esta era a proposta do trabalho e este era meu principal ofício. Já as contrariedades que eu não havia imaginado foram, na verdade, minhas experiências internas e emocionais. Como pessoa, não como jornalista. Porque compreender, enxergar e respeitar a grandeza de um lugar e, por isso, escolher contar sua história, pode parecer justificável já que é através das paixões que sentimos por um tema que acabamos conseguindo fluir na criação e no

desenvolvimento do trabalho. Mas, para mim, poder observar suas tão ricas e profundas raízes me amedrontou por meses. Porque, mesmo quando respeitamos a grandeza de um lugar, nem sempre conseguimos traduzi-lo. Nem sempre conseguimos transmitir de maneira justa com profundidade, verdade e clareza, as histórias que não nos pertencem. Porque esta é a maior verdade: elas não me pertencem. Então, por não ser nascida e criada no Mocotó e por nunca ter vivido em uma comunidade. E, pelo contrário, por ser alguém que nasceu na típica bolha branca de classe média alta, cheia de privilégios e possibilidades, me foi um grande desafio. As incertezas e os medos percorreram ao meu lado durante todo o meu processo criativo. Ao mesmo tempo que achava genial minha conexão com esta localidade, havia uma culpa e uma cobrança. Como eu poderia contar a história de um território periférico majoritariamente preto, sem desrespeitar a realeza deste castelo, mas disposta a erros e microviolências que a minha própria branquitude despercebidamente poderia me ultrapassar? Além disso, minhas inseguranças me atravessavam com uma frase bem específica: será que sou eu a pessoa certa para estar escrevendo este livro e contando esta história?

Posso dizer que foram noites agitadas sem dormir com uma ansiedade e um aperto no peito que me duraram praticamente todo o primeiro processo de escrita do livro, quando visitei museus, entrevistei especialistas e escrevi os capítulos em que conversei com o morro. Por mais que fosse o momento de maior conexão com a comunidade que senti durante toda produção, havia também um desconcerto, um descompasso e uma dúvida que andaram comigo por muito tempo. Só consegui soltar minha respiração cinco meses depois quando já estava focada na produção dos perfis, em janeiro de 2023, quando fiz um intensivão de entrevistas em uma mesma semana e fui praticamente todos os dias até a comunidade. Quando a visitei assim, cotidianamente, e ouvi os relatos dos moradores nas últimas entrevistas com eles, consegui entender por completo o meu processo pessoal. Um encerramento de ciclo e a chave de ouro: ao caminhar pela comunidade em um dia ensolarado de verão quente e cruzar com uma piscina inflável a cada esquina, cheia de crianças se refrescando, entre os becos. Era uma poesia física, encarnada, em corpo e cor, na minha frente. Uma alegria, uma intensidade, uma simplicidade e uma harmonia. Eu estava chegando para uma breve visita, mas, olhando as crianças, não conseguia conter o sorriso e controlar o que sentia: “É isso aqui. Por eles. Por esse momento e lugar. É por, exatamente, isso que eu tô vindo aqui”. E como não me sentir mais e mais parte daqueles becos? Ainda mais com o calor que derretia, a sensação era como se eu entrasse para dentro daqueles muros e paredes. E ao receber os relatos finais dos moradores que responderam com surpresa e admiração a minha dedicatória ao morro e à preta-velha, era como se eu tivesse, enfim, recebido o que mais precisava para abraçar o peito e acalmar meu coração: entre muitas palavras, vozes embargadas e olhares emocionados pelo morro

que vibrava debaixo de nós, e falava comigo através da existência e grandeza de seus próprios moradores, eu recebi sua benção.

Para vocês, moradores das comunidades e, em especial, às do Maciço do Morro da Cruz que muito partilham das mesmas origens do Morro do Mocotó; a quem são manezinhos da Ilha da Magia e florianopolitanos, como eu. A quem, por mais que sua origem seja de outros Estados, ouviu um chamado para firmar os pés nesta ilha e foi recebido de braços abertos, como meus pais. Filhos, netos e sobrinhos de pescadores, lavadeiras, marinheiros, cozinheiras, rendeiras, benzedoras e curandeiras. Que cresceram escutando histórias de bruxas, feiticeiras e protetoras, eu dedico este trabalho.

Escrevi este livro-reportagem literário desta forma por compreender que, na maneira como entendo e observo as histórias, há sempre um lirismo. O jeito em que observamos o outro, será sempre a partir dos nossos próprios olhos. No meu caso, tenho um par de olhos potencialmente pulsantes para histórias cotidianas contadas por um viés poético, quase que holístico. Minha primeira inspiração na orixá Nanã e minha quase devoção aos Pretos Velhos neste texto, resgata minha raiz espírita de fé e minha ascendência a tudo que não é “tão racional assim”. Que é o improvável. O inexplicado. O incrível. Portanto, enquanto caminhei sob uma linha bem tênue entre jornalismo investigativo e resgate histórico, literatura e ludicidade, e escolhi costurar a história da formação da comunidade do Mocotó junto de perfis de alguns de seus antigos e atuais moradores, eu estava, na verdade, estendendo a minha subjetividade textual não só ao que vejo e sinto, mas, também, àquilo que eu acredito. A cada terra, há sempre os seus protetores. E a Eles, também dedico este trabalho.

Ao Morro do Mocotó... procrastinei muito até escrever este parágrafo diretamente a ti. Moca, hoje és minha casa fora da minha. E sinto que agora te pertenço, mesmo não sendo daí, mesmo não vivendo aí. Porque, hoje, como tu bem me disse em texto e intuição, eu vejo. Eu vejo tudo. E acredito que ainda vai demorar um tempo até que eu entenda os meus porquês e a permissão que recebi para te enxergar. E como a Luiza me disse enquanto eu saía da sua casa depois de uma tarde inteira de muita conversa, na minha última entrevista: "Vem sempre aqui, Ju. Já és da nossa família". E é assim que me sinto, com a maior verdade, respeito e profundidade do meu coração. Porque, por bem pouco, naquele dia não me atirei em meio às tuas piscinas e não me diverti com tuas crianças. Quando finalizei minha escrita em conversa contigo, quando digitei meu último ponto final, as lágrimas escorreram quase que automaticamente. Poderia não ser o final de uma grande era, mas era o nosso. Me apertou o peito. Precisava de alguma forma escrever o fim desta história para encerrar meu trabalho jornalístico por aqui. Mas sei que não há encerramento para este encontro e isso logo me acalentou o peito de novo. Sei que não há explicações óbvias que entendam a conexão que sinto contigo. Moca, era um choro de saudade. Já.

Desde o primeiro minuto, quando percebi que havia escrito todas as histórias que guardei especialmente para contar sobre ti e a cidade. Quando me deparei com o final de um ciclo. E agora, o começo de outro. Um nosso. Totalmente nosso. Não teria como não ser. E tenho certeza que será ainda mais lindo. Mais brilhante e colorido. Cheio de vida, arte e potencial, como és. Meus sentimentos de gratidão serão eternos a esse momento que vivemos e a tudo que me entregastes. Agora, é a minha vez. Entrego este trabalho, grande guardiã do Desterro, na esperança de publicá-lo aos quatro cantos, como te prometi em prece.

Espero te encontrar em breve, Vó.

Com todo o amor,  
Juliana.

## **Lista de entrevistados**

Luís Ricardo Cabral

Luiza Cristina Cabral Antunes

Paulo Rogério Gomes Antunes

Claudete Régis Machado

Moisés Nascimento da Silva

Prof. Orlando Ferretti

Prof. Reinaldo Lohn

Prof. Ana Luiza Andrade

Doutoranda Carol Lima de Carvalho

Prof. Alexandra Alencar

Prof. Renato Aurélio dos Santos

Prof. Eduardo de Souza

## **Visitações**

Museu de Florianópolis

Casa Cultural de Florianópolis

Casa da Memória

## **Inspirações literárias**

*Por um feminismo afrolatinoamericano* - Lélia Gonzalez

*História Diversa: Africanos e Afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina* - Beatriz Gallotti

Mamigonian e Joseane Zimmermman Vidal

*Um teto todo seu* - Virginia Woolf

*Mariguella: O guerrilheiro que incendiou o mundo* - Mário Magalhães

*Batidas de Okàn* - Rosane Castro



